CONDE DE SABUGOSA

Bôbos na Côrte

OBRA POSTHUMA

COM UM PREFACIO DE

AYRES D'ORNELLAS

3.º MILHAR



PORTVGALIA
EDITORA
75, Rua do Carmo, 75
LISBOA
1924

BÔBOS NA CÔRTE

DO AUCTOR

Minuete, (O) comedia em 1 acto. — Não entrou no mercado.

Poemetos, 1882. — Esgotada.

De Braço Dado. — Collaboração com o Conde de Arnoso. Esgotada.

Paço (O) de Cintra, 1 vol. com illustrações de Sua Magestade a Rainha D. Amelia, 1903. Esgotada.

Na Guella do Leão. — Esgotada.

Auto da Festa de Gil Vicente, com uma explicação prévia. — 1906. Esgotada.

Embrechados, 1908. — 1.ª e 2.ª edição. Esgotadas.

Auto da Festa, 2.ª edição. 1909.

Historiadores Portuguezes. — Conferencia realisada na Liga Naval, 1909. Esgotada.

Donas de Tempos Idos, 1.ª edição. Esgotada.

Gente d'Algo, 1.ª edição, 1915. Esgotada.

Auto da Natural Invençam, de Ribeiro Chiado. — Com uma explicação prévia, 1917. — Esgotada.

Donas de Tempos Idos, 2.ª edição. — Com um prologo e cartas inéditas, 1918. Esgotada.

Neves de Antanho, 1918. — Esgotada.

Gente d'Algo, 2.ª edição. — Com um prologo inédito, 1920. Esgotada.

Embrechados, 3.ª edição, 1921.

Rainha (A) D. Leonor, 1 vol. illustrado, 1921. — Esgotada.

Donas de Tempos Idos, 3.ª edição, 1922.

Outra Rainha (D. Amelia). — Palestra realisada na Liga da Acção Social Christã em 3 de Abril de 1922 (Com o retrato).

Gente d'Algo, 3.ª edição, 1923.

Neves de Antanho, 1922. — 2.ª edição.

CONDE DE SABUGOSA

Bôbos na Côrte

OBRA POSTHUMA

COM UM PREFACIO DE

AYRES D'ORNELLAS

5.º MILHAR



PORTVGALIA
EDITORA
75, Rua do Carmo 75
LISBOA
1923

PREFACIO

... perguntar ás obras da mão do homem.
Pelo homem que as ergueu.

GARRETT — CAMÕES

Não ha mais interessante nem mais empolgante estudo na arte que conhecer um autor atravez da sua obra: é no tecto da Sixtina e no Moisés que melhor sentimos a formidavel personalidade de Miguel Angelo, são as Estancias que nos revelam o *quid divinum* do genio de Rafael. E na primeira entra as artes na sua Deusa, a Litteratura, como conhecer Balzac fora da *Comédie humaine*, Camillo sem o *Amôr de Perdição* ou Flaubert abstrahindo da sua obra? Só agora o limpido espirito critico de Camillo Mauclair soube demonstrar a perfeita unidade que prende a *Madame Bovary* á *Salambó* ou a *Tentation de Saint Antoine* ao *Bouvard et Pécuchet*. E' que não ha melhor caracteristica do genio que essa unidade, e a ella obedeceram os mais estranhos, os mais tumultuosos e os mais desordenados até. Não tem em geral os historiadores a personalidade complexa e tantas vezes desorientante do romancista, do dramaturgo ou do Poeta; e por isso lemos claramente a severidade austera d'um Herculano na sua *Historia de Portugal*, ou descortinamos o feitio *romancista* d'um Oliveira Martins em tanto trecho dos seus *Filhos de D. João I*, para só fallar n'uma das mais decisivas das suas obras. E como, lendo as nossas antigas chronicas, não chegamos perfeitamente a differençar se tanto afinal lidamos com elles, Fernão Lopes com a sua rara perspicacia, a sua incansavel curiosidade, a sua constante vivacidade, do pautado e tão culto chronista do Rei venturoso ou do solemne thesoureiro da Casa da India? Ou-

vimol-os tão bem, o estylo é tanto nelles o homem, que quasi os vemos e com elles afinal tratamos como dos melhores e mais seguros amigos.

Se o escritor, visto assim, no que delle lemos, é alguem conhecido com que interesse vamos verificar se o entendemos bem, se percebemos o seu valor: mas que amargo é o gosto misturado pela saudade ao enleio que nol-o faz reviver quasi sentindo-o presente, se uma amizade, que foi uma honra, nos permitiu de perto avaliar o seu pensar e o seu sentir!

A' recordação, tão penhorante, dessa amizade, devemos hoje a tarefa de prefaciar a ultima obra do *Conde de Sabugosa*. Tarefa ardua para a nossa mal aparada penna; facil, porque não tem este *prefacio* por certo o fim indicado pelo nosso Jacinto Freire: *ser um remedio anticipado aos achaques do livro;* grata pelo desempenho d'um dever para com uma grande memoria; feliz afinal, por ligar o nome de um obscuro *ledor* da Historia Patria, ao de um dos seus mais sagazes e elevados cultores.

*
* *

«Era na Côrte, escreve o *Conde de Sabugosa* logo ao abrir a Explicação Prévia, que se passava a parte mais intensa da vida nacional, durante as epochas successivas da nossa Historia.»

Côrte, explica ainda, «é o terreno onde as rudezas da vida social se apuram, e os costumes se tornam mais policiados.»

E definindo o que seja o *cortezão*, diz com tanta verdade: «Cortezãos foram todos os que tornavam grande a Patria Portugueza; e embora alguns delles se alheiassem do Soberano ou fossem por elle injustamente tratados ou afastados, nem por isso deixaram de pertencer a essa aglomeração que se chama a *Côrte.*»

E exemplifica por fim: «Cortezão foi Egas Moniz, Gonçalo Men-

des da Maia — o Lidador — e o Chanceler Julião. Nunalvares o Condestavel foi cortezão e, embora pareça paradoxal, foram cortezãos no melhor sentido da palavra Albuquerque e D. João de Castro. Cortezãos foram os troveiros de D. Diniz e os que deixaram memoria dos seus cantares nas paginas do *Cancioneiro de Rezende*. Cortezão foi Gil Vicente; cortezão foi Camões, embora na sua passagem pela aula regia deixasse pedaços do coração apaixonado e sentisse na alma dolorida os maus tratos dos adversarios.»

Ora nós poderemos ainda acrescentar em egual verdade em referencia aos nossos dias. Cortezãos foram os Duques de Palmella e de Loulé como os de Saldanha e da Terceira; e cortezãos conhecemos tambem o Marquez de Soveral, o Conde de Ficalho, o Conde de Sabugosa como o foram Galhardo e Mouzinho, porque «todos tornavam grande a Patria Portugueza!» Todos elles pertenceram aquela fidalguia portugueza que durante tantos seculos constituiu uma *élite*, como hoje se diz, e das mais cultas, das mais variadas aptidões, das mais capazes de conduzir homens e de representar uma Nação, que deveras a Historia nos assignala, ou o mundo tem visto.

Alta e atrahente figura foi nessa *élite* o *Conde de Sabugosa*. A' Côrte, no seu verdadeiro sentido, pertenceu elle.

«*Et par droit de conquête et par droit de naissance*»

E aos seus reis soube servir, como escreveu o Poeta, com

«*Aquella Portugueza alta excellencia*
De Luzitana antiga lealdade!»

Sabia de mais, já com tanta verdade dissera o Condestavel que — *Quem serve o commum não serve nenhum* e por isso mesmo é que servindo o Rei, tão alto e poderosamente serviu a Nação, levantando ás suas memorias um monumento de singular relevo na nossa

litteratura historica. Elle mesmo nos ensina como o comprehendeu. «Se este livro *(Gente d'Algo)* não intenta ministrar ensinamento util, nem arrastar os espiritos para o seio d'uma escola doutrinaria; se não pode mesmo esperar a fortuna, que logra qualquer romance, de prender as imaginações então que vem elle fazer á praça publica?

Eu me explico.

Deixando a outros a grave missão de pedagogo, para o que me escasseia saber, ou a amavel tarefa de recrear o grande publico, para o que me falta o condão especial que captiva as multidões, disponho apenas da faculdade de juntar e pôr ao alcance dos raros cuja atenção curiosa se compraz nas coisas do passado, algumas noticias para compôr um *roteiro.*» (1)

E como escrevia esses roteiros?

«Adoro a simplicidade no dizer e a naturalidade no discurso.

Os melhores auctores são sempre, para mim em qualquer lingua, os que escrevem com mais clareza.»

Por isso o *Conde de Sabugosa* escrevia deveras os seus livros como *conversando:* arte tão rara e já quasi infelizmente perdida n'uma sociedade, não só emmudecida pelo *Bridge*, e desequilibrada pelo *jazz-band*, mas onde a espantosa baixa de instrucção geral assumiu ja fóros de catastrophe mundial. Porque é justamente a um tal decrescimento da mentalidade europeia que Ferrero, na sua obra recente, — *La tragedia della Pace* — atribue uma das mais activas influencias na serie de erros politicos cometidos pelos pseudo-organisadores do mundo novo que a pretendiam erigir sobre os escombros pavorosos da grande guerra. Não é pois natural que por sobre os males da hora presente se nos confranja mais o coração ao ver successivamente desaparecer os ultimos typos de *cortezão* e de homens de *Côrte* que nos foi ainda dado conhecer e apreciar?

---

(1) O sublinhado é nosso.

*
* *

E' porem de mais um *roteiro* de Historia Patria, como elle com tão grande propriedade classificou os seus escritos, que nos vamos agora occupar. *Bôbos na Côrte*! o que haverá a dizer sobre tal assumpto, se é que a existencia dos varios *Triboulet* pela nossa historia fora possa ter qualquer importancia. Tal é naturalmente o que a leitura desse titulo nos poderia logo suggerir. Mas a faculdade, que o *Conde de Sabugosa* reconhece modestamente em si proprio, *de juntar algumas noticias*, poucas vezes terá atingido tamanho relevo pois é deveras um *roteiro* atravez da vida portugueza que elle nos deixou e agora sahe em livro, com — *Bagos d'Historia.*

Um estudo sobre os *Bobos* preocupava, deveras, havia muito o espírito do *Conde de Sabugosa;* no interessante trabalho que sobre a *Ribeirinha* elle nos deixou nas *Donas de tempos idos*, a proposito de *Bonamisg e Acompaniado*, jograes de D. Sancho I, dá-nos uma serie de informações sobre a *instituição*, largamente desenvolvidos agora na obra presente, seguindo-a desde remota antiguidade até ao seculo *XVIII*, e que infelizmente ficou ainda incompleto. A ideia de seguir atravez dos seculos a evolução da *graça* e da pilheria nacionaes exigia uma subtil psychologia que na realidade era uma das feições mais caracteristicas do talento litterario de *Sabugosa*. As lettras patrias sentirão sempre que a morte deixasse a sua obra, curiosamente, no que elle chama — *Tempos de Suspensão* — aquelles, desde Alcacer-Kibir até á Restauração, em que, na sua phrase, *Portugal não riu* — mas que estrondoso e sadio não soa pela historia fora o riso nacional, esse mesmo que Rabelais dizia ser — *propre de l'homme*!

Que luz não introduz elle nos nossos feitos, obra de gente alegre

por isso mesmo que era sadia e forte, (1) e como fica atirada para a sombra essa *apagada e vil tristeza*, apanagio dos doentes e dos fracos com a qual por certo jámais nada de grande se perpetrou sobre a terra! Até D. João III, uma das figuras mais deformadas da nossa historia, tão erradamente pintado como que só pensando na inquisição, aqui o vemos e ouvimos rir com as facecias do «*Panasco*» preto crioulo, João de Sá por nome, e que *Sabugosa* nos diz parecer ter sido «o mais engraçado dos bobos portuguezes.» Hespanhoes tinham sido os *chocarreiros* d'El Rei D. Manuel, mas teve na sua Côrte quem de mais alto fizesse rir, corrigindo: o genial Gil Vicente e a longa serie de Poetas Palacianos, todos elles bem portuguezes.

*
* *

«Se o rez do chão destas paginas não vae cimentado com citações, e se os capitulos não são enriquecidos com appendices e notas demonstrativas, que só quadram bem em livros de consulta, são comtudo as noticias que nellas se encerram colhidas com escrupulo nas obras de confiança e nos escritos de honesta fama.» (2)

Mas não é só no colher das noticias que se manifesta *o escrupulo* de Sabugosa; vae mais longe e é muito mais raro quando se revela na evolução duma opinião que a si proprio fortalece ou num facto novo que descobre. Temos por exemplo o problema, ainda não re-

---

(1) «O nosso espirito não pode eximir-se a integrar nas longas travessias desse aventuroso periodo os entremêses comicos engendrados por folionas fantasias» escreve Lopes de Mendonça narrando a viagem de Cabral, na obra monumental em publicação — *Historia da Colonisação Portuguesa do Brasil* — E lembra com razão Gaspar Correia e o proprio Camões. Pag. 52 do vol. II.

(2) *Explicação prévia* de *Gente d'Algo*. Pag. XIV.

solvido, de D. Sebastião, que mereceu ao Conde dois estudos. Um nas *Donas de tempos idos, El-Rei D. Sebastião e as mulheres*, outro agora, *D. Sebastião e os Bôbos.* O que no primeiro apparece ainda como hypothese, possivel, agora vem afirmado nestes termo positivos:

«O plano do grande Rei, quando fôr estudado a valer mostrará quanto era de boa politica e quanto era parecida com o que modernamente tem sido adoptado pelas nações que se atropellam em Africa. Era a unica salvação para um paiz que se afundava.»

. . . .

«Morre n'um halo de poesia e de epopeia que jamais será desvanecido pelas lavagens de acidos corrosivos applicados pelos sabios.

A hora da justiça vae-se aproximando em que D. Sebastião será considerado não como o causador das desgraças da Patria, mas como um visionario sublime que podia ter aparado as unhas rapaces e cortado as garras aduncas do astuto Felipe II.º»

Sempre assim pensámos, mesmo quando não tinhamos melhor argumento em pró da empreza d'Africa do que a forma como Camões a ella incitou nos *Lusiadas* a — *maravilha fatal da nossa edade.* É porque estamos convencidos de que em materia de Historia de Portugal o poeta traduz e representa sempre a verdadeira tradição nacional e não só nos factos narrados como na comprehensão da verdadeira politica portugueza ultramarina. E da mesma forma que hoje temos D. João II.º absolutamente justificado em ter recusado as offertas de Colombo, se afinal nós descobrimos o Brasil *quando quizemos*, haja visto o que foi a preparação da viagem de Cabral, (1) tambem a politica dos *Algarves d'alem mar* ha-de mere-

(1) Ver a *Historia da Colonisação Portuguesa do Brasil*, PASSIM, para assim dizer, e especialmente o cap. — *Do Restello a Vera Cruz* — de Lopes de Mendonça.

cer a um historiador uma completa correcção dos absurdos que correm sobre D. Sebastião em referencia aos quaes *Sabugosa* deixa um marco bem fixe no que elle chama — *um capitulosinho destinado a fallar de bôbos.* Tal é a arte do historiador que n'uma apparente ninharia vae bulir com os mais altos problemas, d'aquelles de que afinal dependem o proprio destino da nação! Isso consegue a verdadeira erudição para quem não existem assumptos somenos.

Tambem nos dois capitulos consagrados á *Excellente Senhora* na *Gente d'algo*, nada encontrámos que nos fizesse suppôr possivel o interessantissimo caso que sob o titulo *um precursor do MASQUE DE FER* vem abrir os — *Bagos de Historia.* Um filho de D. Affonso V e da *Excellente Senhora* que materia para um novo Alexandre Dumas! É toda a successão da Casa d'Aviz alterada, é a suppressão do Reinado do Rei Venturoso, é... tudo mais que a imaginação possa suggerir. Não vamos porem repetir aquella *prosopopeia* tão conhecida na litteratura francesa, começando pela phrase celebre — *Si Alexandre n'avait pas conquis l'Empire des Perses*... E claro que, n'esta hypothese, a historia do mundo seria bem outra: e é quanto podemos affirmar a verificar-se a existencia de tal filho. Era um problema que preoccupava especialmente *Sabugosa* que em conversas constantemente referia, e aos investigadores madeirenses competiria com os dos Açôres tirar de vez a limpo o que seja possivel apurar sobre esse mysterio agora trazido á luz da publicidade: — *«os investigadores que excavem até achar as raizes do caso.»* —

Tambem teriam que exercer a sua sagacidade no caso do *Rei dos Jalofos.* A conversão e *desconversão* desse Bemohim, regulo na Guiné, não seria para nos surprehender. Outro tanto ia acontecer mais tarde, e na outra Costa, com o Monomotapa, convertido, com o seu *reino* pelo Padre Gonçalo da Silveira e depois desconvertido e martyrisando o condiscipulo de Camões: São phenomenos mais que frequentes na historia africana qualquer que seja a região; lembremos ainda o que tem sido nos nossos dias as lutas *religiosas* en-

tre os indigenas da Uganda. O problema da persistencia da conversão na raça negra, pela primeira vez conhecido no tempo de D. João II, está hoje tal qual na mesma, e por uma simples razão, é que a raça em nada mudou. Acho pois mais que plauzivel a opinião do Conde das Alcaçovas, na carta a que *Sabugosa* se refere. Lopes de Mendonça, no seu capitulo — *Do Restelo a Vera Cruz* (1) — tem Bemoh por innocente, mas isto tornaria mais dificil perceber a *longanimidade* de D. João II a respeito de quem por tal forma faltava á missão de que fora encarregado: nada está menos no feitio por demais conhecido deste grande Rei; tanto mais que no manuscrito de Braz Pereira Brandão, se diz expressamente que elle nunca mais se fiou do regulo negro.

O que porem Lopes de Mendonça apurou foi precisamente quem era Pero Vaz da Cunha, cuja identidade *Sabugosa* desconhecia: tinha a alcunha de *Bisagudo*, de familia illustre tendo por avô o celebre Alvaro Pais tão dedicado ao Mestre d'Aviz; devia ser navegador da Costa da Mina, especialmente perito nas sciencias cosmograficas; quando se lê, no citado capitulo, a influencia do *mapa do Bisagudo* na viagem de Cabral, então parece que se entra exactamente na razão pela qual o assassino de Bemoh não foi castigado: não pertenceria Pero Vaz á pleiade escolhida que estava no *Segredo da Mina*, para assim chamarmos todas as descobertas de navegação feitas sob o plano do Infante, durante *vinte e cinco* annos seguido pelo Principe Perfeito, e que devia logicamente levar a Nação, depois da passagem do Tormentorio, á descoberta da India e do Brazil? Estamos em crer que sim, e aqui ficaria esclarecido pelo menos um dos lados da questão; e o *baguinho d'Historia* poderia, como conclue *Sabugosa*, fructificar e dar uma rectificação aos chronistas e uma *lavagem* ao nome de Pero Vaz.

---

(1) *Historia da colonização portuguesa do Brazil*, vol. 2.º pag. 59.

*
* *

A memoria de um mestre como Herculano ha-de ser sempre respeitada por todos os cultores da Historia Patria: a sua obra é daquellas por onde os seculos hão-de passar reverentes. Mas isto não significa que não possa ser acrescentada, nem revista ou emendada. Assim por exemplo a obra de Alberto de Sampaio esclarece singularmente as nossas origens navegadoras; assim *a Historia dos Christãos Novos* de Lucio d'Azevedo, prolonga, modificando-a profundamente, a *Historia da origem* e *estabelecimento da Inquisição*. São as proprias expressões de *Sabugosa*: elle era, como afirma, um dos que mais respeitavam o mestre de todos nós, mas era tambem daquelles em quem o amôr da verdade supera a amizade de Platão ou de Socrates. Já a respeito dos *Jograes e Segreis* elle notava quanto D. Bibas se differençava do *momaro* que desempenhava as funcções de alegrar ou distrahir; agora, a proposito da obra sobre a Inquisição, distingue perfeitamente entre a factura magistral ensinando como se investiga para depois escrever, e a forma como a paixão desnorteia a visão exacta. E nota exactamente a serie d'erros hoje enterrados de vez por Lucio d'Azevedo; D. Manuel expulsando os judeus para comprazer á mulher; os hebreus expulsos enriquecendo as Flandres e a Hollanda, o estudo do lado economico da questão, o que na realidade constitue o *Livro notavel* como elle o apellida com tanta verdade.

Vive, valeque! escreve elle ao terminar a carta a Lucio d'Azevedo. Não podemos fechar, infelizmente, estas linhas com a mesma saudação. Com a morte do *Conde de Sabugosa* alguma coisa desapareceu que não mais voltará. Aquella urbanidade e lhaneza no trato, aquella amenidade na convivencia, a fidalga distinção do porte, a inconcussa lealdade no servir, a rara cultura intelectual, o

exquisito tacto politico, se eram deveras producto d'uma selecção na estirpe, eram tambem obra d'um meio e d'uma epoca para sempre desaparecidas. Talleyrand dizia que quem não conhecera os annos anteriores á Revolução ignorava a doçura da vida: a geração que não viveu os derradeiros lustres do Seculo XIX, desconhecerá sempre quanto socego, quanta quietação havia nella. A Paz foi tratada por homens sem uma só das qualidades de *Sabugosa* e sem, principalmente, terem a guial-os aquelle *roteiro* da vida e da politica que é a Historia. Aqui deixamos o preito da nossa homenagem a um daquelles que melhor a compreenderam e sentiram. E felizes seremos se com estas linhas podermos despertar em alguem o desejo de, como Garrett escrevia com tão exacta propriedade,

...perguntar ás obras da mão do homem
Pelo homem que as ergueu.

Bussaco, agosto de 1923.

Ayres d'Ornellas.

BÔBOS NA CÔRTE

— J'ay souvent ouy en proverbe vulgaire qu'ung fol enseigne bien ung saige.

Rabelais — *Pantagruel*, liv. III, cap. XXXVII.

EXPLICAÇÃO PREVIA

I

Era na Côrte que se passava a parte mais intensa da vida nacional, durante as epochas sucessivas da nossa Historia.

As arremetidas guerreiras para a expansão e alargamento do Reino ; as incipientes aspirações á empreza maritima : os preparativos militares na sêde de conquista ; os jogos de destrêza e os de *gaya sciencia;* as seroadas poeticas; os inventos dos sabios ou dos artifices mechanicos ; os enredos amorosos ; os idylios ou as tragedias ; as conspirações tenebrosas ou os risonhos galanteios ; tudo tinha por palco a Côrte.

Esta palavra não significa apenas o *Paço*, ou habitação do Rei, nem o aggregado de personagens que em volta d'elle gravitam. Não é tão pouco sómente a cidade, a vila ou a aldêa (pois que tambem ha *Côrte na Aldêa)* onde os Soberanos, Principes e Princezas, Infantes, Donas e Cortezãos se juntam, no palacio ou no terreiro. Não é simplesmente uma estufa de lisongerias : um fôrno de intrigas ; um ambiente propicio a manobras politicas ou subtilezas diplomaticas.

Côrte, — uma palavra cuja acepção é elastica, como a de muitas outras, é isto, e muito mais.

E' o terreno onde as rudezas da vida social se apuram, e os costumes se tornam policeados.

E' o crisol onde, pela competencia e emulação, se geram as acções grandiosas. E' o iman que attrahe ambiciosos e os leva à Gloria, ou... ao crime. E' o alfobre onde desabrocham as lindas mulheres — *flôres de graça*, que inspiram os poetas e dão estimulo aos heroes. E' a atmosphera que envenena, o ***strophantus*** que tonifica. E' substancia que atrophia os indefezos, mas préga azas nas fortes envergaduras dos dominadores.

Fazer a Côrte póde ser um acto de servilismo, se o bajulador aspira a graças immerecidas; póde ser um cumprimento aulico de funccionario paçâo, prestado durante os esplendores da monarchia florescente, ou nas melancholicas horas de um exilio; póde ser a natural homenagem á belleza feminina — aspiração sentimental ás boas graças de uma mulher, ou simples distracção de mundanismo frivolo, a que na moderna giria das salas se chama *flirt.*

E o ***cortezão***, que nas diatribes dos fundibularios pseudo-liberaes, macaqueadores do impetuoso Hugo, é quasi synonimo de serventuario assalariado, e adulador incondicional das grandezas humanas, tem comtudo na Historia o seu logar assignalado entre os que dão impulso á civilisação.

Cortezãos foram todos os que tornaram grande a Patria Portuguesa; e embora alguns delles se alheiassem do Soberano, ou fossem por elle injustamente tratados ou afastados, nem por isso deixam de pertencer a essa agglomeração a que se chama — *A Côrte*.

Cortezãos foram os rudes homens d'armas que acompanharam os nossos primeiros Reis na conquista do territorio; cortezãos foram os navegadores que receberam das mãos do Soberano as missões de descobrir o mundo; cortezãos foram os que iam ganhar as esporas de oiro nos areaes da Africa, e que os Reis armavam cavalleiros; cortezãos foram os homens de sciencia, os trovadores e os que tinham por missão crear alegria.

Cortezão foi Egas Moniz, Gonçalo Mendes da Maia — o Lidador —, e o chanceler Julião. Nun'Alvares, o Condestavel, foi cortezão, e, embora pareça paradoxal, foram cortezãos, no melhor sentido da palavra, Albuquerque e D. João de Castro, D. Diniz, e os que deixaram memoria dos seus cantares nas paginas do *Cancioneiro de Rezende.* Cortezão foi Gil Vicente; cortezão foi Camões, embora na sua passagem pela aula regia deixasse pedaços do coração apaixonado, e sentisse na alma dolorida os maus tratos dos adversarios...

*

* *

Misturados com essa multidão doirada, fazendo parte da gente palaciana, agitavam-se uns entes que a natureza fizera deformes, dando-lhes táras espirituaes, corpos de configuração extravagante, e aspecto grotesco.

Aos aleijões intellectuaes correspondiam as corcovas gibosas, a enfezada estatura, a expressão aparvalhada, que os tornavam irresistivelmente hilariantes.

Inventores de autos, jograes, segreis, graciosos, homens de prazer, chocarreiros, bufões caturras, histriões, dizidores, mimos, truões, maninelos, farçantes e mómaros, são assim designados, conforme as epochas ou as suas aptidões, os dramaturgos, os actores, os anões, os corcundas e os desiquilibrados cuja missão era distrahir e fazer galhofa.

Desde o comediographo dotado de genio, de talento, ou de simples habilidade technica, que afasta da realidade mofina a imaginação das platéas e cria um mundo ficticio para desenfado d'aquelles que a vida rotineira amarfanha ; desde o segrel que vae de castello em castello trovando, e entoando *canções de gesta* para deleite das mulheres aborrecidas, e dos homens d'armas em repouso; desde o truão, que faz a delicia das Camaras régias, e do maninelo, que desopila os figados da creadagem nos pateos e estrebarias; desde Gil «que faz os aytos a El Rey» e do bargante Chiado que agita em trebelhos e saracoteios as regateiras da Ribeira das Naus; desde Homero — o rhapsodo — até ao cégo ambulante dos nossos dias, que pelas feiras, acompanhado da sanfona, commenta os factos correntes ao sabor da plebe, é infinita a escala dos que têm por missão afastar o homem de si proprio, e perfumar-lhe o cerebro com fabulações e poesia.

D'entre os fabricantes de illusão e creadores de folgança, o mais espalhado em todas as sociedades atravez da Historia é o bôbo.

O bôbo faz parte de todas as civilisações, ou ellas sejam ainda embrionarias, ou se tenham já dissolvido nos requintes da civilisação grega ou latina.

Pois se já os gregos (para não subir mais ao arrepio até á Persia e ao Egypto) consideravam indispensaveis á vida quotidiana os *gelotopoioi,* ou seja — os que fazem galhofa! E se já os romanos nos seus agapes monumentaes, juntamente com as jogralezas andaluzas com os *cubistèteres* (homens que se arrastavam com os pés no ar e a cabeça no chão) com os *aëdos* que contavam historias e repetiam facecias, com os graciosos de profissão, faziam entrar o bôbo, aquelle que pelos defeitos do seu corpo e desvarios do espirito dava regabofe aos convivas, excitados pelo vinho e pelo prazer...

A que obedece esta depravação da humanidade, este vicio ingenito pelo qual, seja em que epocha fôr, em qualquer classe o homem necessita rir-se á custa de outro homem inferior?

Sem pretender philosophar com o caso, ou tirar d'elle mais um argumento contra a perversidade do ente humano, que se compraz com o mal do seu semelhante, ou seja demolindo superioridades, ou pondo á mostra defeitos, ou deleitando-se com as visagens e tregeitos causados pela dôr; sem entrar em declamações contra a maldade dos fortes, não deixarei de repisar uma observação, que ha muito me espicaça o animo: — O homem tira uma grande parte dos seus prazeres do desprazer alheio.

O homem, ou nos circos romanos, ou nas praças de touros, extasia-se deleitosamente, perante a agonia dos gladiadores, ou vendo os cavallos estripados arrastarem os intestinos na arena. Vae assistir por gosto ás execuções capitaes

e aos combates de gallos. Compraz-se com o vêr cahir em desagrado a peça theatral de um auctor consagrado, e aprecia a satyra violenta, a ironia incisiva, a caricatura trocista, a diatribe deprimente, a polemica desbragada que deixa os contendores mal feridos; e delicia-se ouvindo duas collarejas vomitar injurias até se arrepelarem. Entrando no caminho das reivindicações sociaes não hesita em derrubar o existente, perfilhando a celebre imprecação: *«Nous ne voulons pas notre bonheur, ce que nous voulons c'est le malheur des autres.»*

Não se tome isto á conta de pessimismo *schopenhaueriano* ou mal humorada rabugice.

Não! Ha felizmente almas de bem que cultivam o amor do proximo, não só por dever christão, mas por um pendor altruista. Ha animos que *gostam de gostar*, e espiritos que sentem prazer no admirar. Ha santos, ha almas superiores que o bem do proximo não affronta. Ha genios bemfazejos!

Mas esses mesmos não se furtam a um sorriso quando veem passar um marreco grotesco gingando com a sua corcova, e vão despreocupadamente aos circos aplaudir o palhaço, recrear-se com o espectáculo dos seus esgares, com as chulipas simuladas, com a contrafacção da dôr ao receber a bordoada do parceiro. Eu (confesso humildemente o meu defeito), sou doido pelas farças dos *clowns* no circo.

O palhaço é o herdeiro do bobo.

Este fazia as delicias da Côrte e servia ao Soberano ou de motivo de galhofa ou de instrumento causticante para escaldar a pelle de quem lhe desagradava.

Na remota antiguidade compravam-se. Xantus o phrygio, deu por Esopo, o genial fabulista, a quantia de sessenta obulos.

Ne edade media cultivavam-se como animaes de estimação, apurando-lhe a raça para a idiotice e educando-os cuidadosamente, para bem desempenharem a sua histrionica missão com arte e feliz exito. Nos castellos e até nos conventos, havia viveiros de idiotas para solaz das rodas cultas.

Herdavam-se de paes para filhos, e existiam dynastias de bufões, mantidas para desfastio dos seus donos. Havia familias que forneciam chocarreiros aos nobres e aos Reis.

No nosso tempo conhecemol-os ainda em algumas casas solarengas. Parasitas familiares, pagavam o seu sustento com as tolices que diziam, com os desfrutos a que se prestavam levando o seu sopapo se eram mais atrevidos arremedando personagens respeitaveis, aos quaes se dirigiam, quasi com insolencia, e usando de mil recursos para se tornarem bem acceites, distrahirem as senhoras, fazerem sorrir as meninas (n'esse tempo ainda pouco levadas á sociedade), e distrahirem as pessoas gradas com os seus disparates de *caturras* encartados.

Era em casa do Duque da Terceira o João Tolo, que logo que chovia parava, para *não andar á chuva*; era em casa do Marquez de Castello Melhor, Francisco d'Assis, o anão que se colocava sobre a meza de jantar ao pospasto para d'alli apodar os convivas: era em casa dos Lafões o Pedro de Alcantara, que, para ser moreno, consentia que lhe lambuzassem o carão com a casca de nozes verdes; era o Luiz Fil-

lipe, sachristão em casa dos Condes da Ribeira, que na occasião da morte do ultimo Marquez queria forçosamente ir felicitar a nóra d'este, porque *passava a Marqueza*... E muitos outros que dariam materia para um livro de *Memorias*.

Actualmente as circunstancias deslocaram as scenas e os personagens.

O publico é um soberano: e como tal não prescinde de ter na sua Côrte truões que o divirtam.

Outra coisa não é o *clown* que se enfarinha todas as noites para gaudio de Sua Magestade *Todo o Mundo*. Outra coisa não é o deslocado, o volatim, o funambulo, o arlequim, o palhaço envergando os ouropeis de farçante, para com as suas pantomimas, esgares e cambalhotas regalar o soberano das democracias a que se chama — O Publico.

Outra coisa não são os personagens das *Revistas* que nos theatros apontam os ridiculos dos mandões, fazem gargalhar as platêas com as chufas dirigidas ás grandezas do dia, piparoteiam os empavonados, e fazem a critica das occorrencias, como o jogral ou segrel a fazia nas Côrtes dos antigos Reis.

*

* *

As funcções do bobo, nas sociedades em que agitava a sua palheta, e fazia luzir o seu gibão multicôr e a gorra asiniauricular com guizos pendentes, tem sido thema de variadas dissertações.

Houve quem o considerasse instrumento dos deuses, folião possesso da divina loucura, ***morbus sacer*** — para espalhar nas Côrtes as sentenças que alegram ou corrigem.

Julgaram-no tambem o precursor da moderna Imprensa, para moderar os desmandos dos governantes. Herculano, no ***Monge de Cister*** e no ***Bobo***, eleva o truão quasi á cathegoria de Magistrado. E Damião de Goes, na sua «Chronica de D. Manuel», diz-nos que este soberano tinha «chocarreiros castelhanos, com os motes e ditos dos quaes folgava, não porque gostasse tanto do que diziam, como o fazia das dissimuladas reprehensões que com geitos e palavras trocadas davam aos moradores de sua casa, fazendo-lhes conhecer as manhas, vicios e modos que tinham de que se muitos tiravam e emendavam, tomando o que estes truaens diziam com graças por espelho do que haviam de fazer».

Outros, para servirem as suas theses, fazem dos corcundas, anões e caturras umas victimas dos Reis e Cortezãos, porejando odio contra aquelles que teem por missão divertir.

O typo d'essa especie é o famoso histrião do ***Roi s'amùse***, que pelos versos do poeta e pelas arias do ***Rigoleto*** nos deu harmonia dramatica quando eramos moços.

O verdadeiro ***Triboulet*** (como veremos), é bem diverso da figura convencional inventada por Victor Hugo para azorragar com o tagante das suas imprecações ***les beaux seigneurs, les railleurs genstilshommes.*** Os bobos na Côrte só por excepção teriam a alma romanticamente revoltada do truão de Francisco I, que exclama em sonoros versos:

«Ah! La nature et les hommes m'ont fait
Bien mèchant, bien cruel et bien lâche en effet!
Oh rage! Etre Bouffon! Oh rage! Etre difforme!
Toujours cette pensée!... Et qu'on veille ou qu'on dorme,
Quand du monde en rêvant vous avez fait le tour,
Retomber sur ceci:—«Je suis Bouffon de Cour!...»

Os verdadeiros bobos atravez da Historia nem faziam tão lindos versos, como ele, nem abrigavam no animo rancores tão lyricos.

Gozavam de prorogativas excepcionaes, (alguns tiveram até o habito de S. Thiago) eram temidos pelos que tinham mazellas e receiavam servir de pasto á galhofa da Côrte; privavam com o Rei, sabiam os segredos das formosas Donas, ou das ladinas cuvilheiras, sentiam-se adulados, bem alimentados, e não tinham uma noção tão aguda da dignidade humana como nos quer fazer suppor a musa do Poeta.

Se recebiam uma reprimenda ou apanhavam um bofetão d'alguns dos molestados pelos seus apodos, tomavam isso á conta de precalço do officio, e não trovejavam em alexandrinos indignadamente pelas salas e camaras régias, nem se vingavam como o imaginario **D. Bibas,** inventado por Herculano.

Ha tambem almas bem formadas que não se accomodam com a existencia de truões na Côrte, ou nas casas nobres.

Um dia o Visconde de Castilho, a quem eu confidenciara o projecto de me occupar d'elles, escrevia-me:

«Triste costumeira aquella. Até as Rainhas modelos tinham os seus bôbos e bôbas!»

O bom Castilho achava deprimente que se abusasse de uma inferioridade ou de uma deformidade, como motivo de gozo.

Não discutimos. E, sem ideias preconcebidas, vamos occupar-nos d'essas existencias mesquinhas, sim, mas as quaes, pela importancia que lhes davam, podem servir para deitar alguma luz sobre o meio onde iam gravitando. O seu emprego, e a fórma como o desempanhavam na Côrte, podem ser, por si só, reveladores da indole do Soberano, dos vicios ou virtudes dos cortezãos, dos costumes da sociedade.

A Historia não é só a narração de factos primaciaes no caminhar da humanidade.

A's vezes o cascavel de um bufão poderá melhor definir um acontecimento, do que a prosa de um chronista.

II

Antiocho, rei da Syria, nas festas com que tentou offuscar as magnificencias de Paulo Emilio, acamaradou elle proprio com os seus bôbos de profissão, que o consideraram desde então ***Collega.***

Nero foi histrião, e assombrou Roma com as suas momices.

A anecdota de Danderi, famoso truão de Theophilo, o

mperador, lança curiosa luz sobre o modo de ser d'aquella Côrte.

Theophilo era *iconoculasta*, e portanto considerava idolatria a adoração das imagens religiosas; — o Christo, a Virgem, os Santos.

Theodora, a Imperatriz, ás escondidas, tinha o seu oratorio povoado de imagens que adorava devotamente.

Um dia, mergulhada na oração, foi surprehendida por Danderi, o bôbo da Côrte.

Confusa, quiz illudir o mimo, assegurando que se tratava de bonecos. destinados ás suas filhas.

O momaro acreditou, ou fingiu crer na affirmação da Imperatriz?...

O certo é que por ingenuidade ou por malicia, durante o banquete, e em presença do Imperador, começou a debicar com Theodora acerca dos bonecos das lindas Princezas...

A Imperatriz, aterrada, baralhou as explicações, e o episodio não teve mais consequencias.

Danderi foi indiscreto, ou perverso?

Nunca se soube.

E' que a psychologia dos *loucos profissionaes* era difficil de aprofundar.

Mascolpho, o bôbo de Salomão, tinha com elle, (diz a tradição), disputas sobre assumptos de alta philosophia: — o homem e a mulher, o mundo, a natureza, etc.

Na roda de Luiz XI, onde aliás havia poucos Bôbos, existiu um que — segundo Brantôme, fez uma revelação a um

conego seu conhecido, pela qual fica esteriotypado o beato, e cruel monarcha.

Deve ser verdadeira a scêna que o bôbo descreveu:

Um dia, em Clery, o Rei resava devotamente, com aquella mistura de beaterio e perversidade que o caracterisava. E o truão, escondido atraz d'uma columna, ouvia-o rezar a Nossa Senhora, dizendo: (Deixemos o francez de Brantôme, para não tirar o sabor á oração de Luiz XI):

«Ah, ma bonne dame, ma petite maistresse, ma grande amye en qui j'ay eu toujours mon réconfort, je te prie de supplier Dieu pour moy et estre mon advocate envers luy, qu'il me pardonne la mort de mon frére que j'ay faict empoisonner par ce méchant abbé de Saint Jean.

Fais moy donc pardonner, ma bonne dame, et je sçays ce que je te donneray».

E' um retrato fiel do abjecto Rei. E o pintor é um bôbo!

Na côrte de França, houve-os de varias especies. — *Caillete,* — *Triboulet,* — *Bouquet,* são typos d'essa grande galeria.

Caillete, o bufão de Luiz XII, que numa bella manhã os pagens, por travessura, prenderam a uma porta de madeira por uma orelha, atravessada por um prégo, ao que elle se prestou com riso alvar, é o typo do truão idiota.

Triboulet, o famoso maninélo que da explendida casa de Luiz XII passou á brilhante côrte de Francisco I, teve um destino extranho.

O seu verdadeiro nome era ***Fleurial***; mas com a designação de ***Triboulet***, (de tribulação, ou sofrimento), é que atravessou os séculos, trazido na memoria por poetas celebres e prosadores de envergadura.

E' Jean Marot, o pae de Clèment, que diz d'elle:

> «*Triboulet fut un fol de la teste écorné*
> *Aussí saige à trente ans, que le jour qu'il fut né.*
> *Petit front et gros yeux, nez grand taillé à voste*
> *Estomac plat et long, haut dos à porte hoste*
> *Chacun contrefaisait, chantà, dansà pescha,*
> *Et du tout si plaisant qu' onc homme ne faschà*»

E' Clèment, o filho de Jean, que discorre:

> «*Tu ne sais pas: Tunis est prise,*
> *Triboulet a frères et soeurs...*»

E' Bernier, o historiador de Blois, que se occupa d'elle, dizendo: — «***ce n'était qu'un pauvre hébêté***»

E' Rabelais, que no ***Pantagruel*** faz d'elle um ***morosòpho***, ou doido com juizo.

E' finalmente Victor Hugo, que inventa o celebre persònagem representativo do amor paternal, e fustigador de cortezãos.

E o que foi na realidade ***Triboulet?***

Uma medalha italiana, apresenta a cabeça d'um Triboulet microcéphalo; mas essa physionomia de idiota não se harmonisa com as respostas e sahidas engraçadas que lhe attribuem.

Entre muitas, lembrarêmos o modo como um dia respondeu a Francisco I.

Tendo um cortezão, molestado por qualquer partida do bôbo, ameaçado matal-o à paulada, foi Triboulet queixar-se d'isso ao monarcha.

O espirituoso Valois quiz socegal-o, dizendo-lhe:

«Não tenhas mêdo. Se alguem se atrevêsse a isso, mandava enforcal-o um quarto d'hora depois».

Ao que o truão se apressa a responder:

«Ah, querido primo», (era assim que os bôbos tratavam os Reis) — não seria melhor mandál-o enforcar um quarto d'hora antes?»

Ha quem dê a Triboulet um papel mais importante.

Dreux du Radier, nas ***Récréations Historiques***, faz d'elle um conselheiro politico. Conta que assistia ao consêlho, dando o seu parecer nas circunstancias mais criticas; e que em 1539, quando o Imperador Carlos V se propoz ir a Gand, suffocar os rebeldes, Francisco I, com magnanimidade, para que se não expuzesse aos perigos do mar, consentiu que elle atravessasse a França.

Houve quem desaprovasse, mas em silencio.

Triboulet, porem, com a liberdade do seu cargo, dirigiu-se ao Rei perante a Corte, dizendo que não queria ficar atraz do monarcha na sua munificencia, e que se propunha presentear tambem o Imperador.

«E como?» — perguntou Francisco I.

Então o Bôbo tirando a gôrra com as orelhas de burro e agitando a palhêta, respondeu:

«Voirement je lui donnerai mon bonnet comme au maître-ès-arts de la folie, puisqu'il vient se jeter pieds et poings liés aux bras de son ennemi».

Francisco I exasperou-se, agastado por ver que alguem podia desconfiar da sua generosidade.

«Pois então, meu primo, esperarei o final d'isto tudo, para saber a quem heide conceder a minha gôrra de idiota; se a vós, oh Rei, se ao Imperador, ou a ambos, para d'ella usárem como diadêma».

—A Historia deu razão ao chocarreiro!...

A série d'estes, é interminavel: *Brusquet*, antigo advogado, e depois chefe de correios, foi chocarreiro do Rei Henrique II, do Cardeal de Lorêna, e de Filipe II de Hespanha. Deixou alégre memoria das suas facécias e enganos ardilósos, que Brantôme refére pormenorisadamente nos seus *Hommes Illustres*.

Thonin, cuja expressão imbecil Clouet soube traduzir n'um retrato, que foi celebrisado por Ronsard; — bôbo favorito do esquivo Henrique II, e que fazia rir o Condestavel de Montmorency, de terrivel recordação.

Sibilot, que Mènage, o poeta, cita como a personificação da mais degradante estupidez. — *Chicot*, que lhe succedeu; e a inolvidavel *Mathurine*, que deixou fama de espirituosa, e prompta na replica.

Foi a primeira *bôba de Rei*, e atravessou os reinados de Henrique III e Henrique IV.

Chicot foi bôbo, mas foi tambem politico, e um authentico heróe.

Figurou nas guerras de religião; e não se livra da fama de ter assistido impassivel á morte de La Rochefoucauld, assassinado por seu irmão.

Quem ler o romance de Alexandre Dumas, *«La Dame de Monsoreau»* e *«Les Quarante-cinq»*, verà romantisada, mas com um certo cunho de verdade, a figura d'este bufão, que dava consêlhos uteis a Henrique IV, e que morreu como um paladino.

Nós apenas nos referimos a elle como uma das muitas variantes que êste cargo official na Corte de França apresenta.

Seria seductora a tarefa de esmiuçar a existencia de cada um d'estes personagens grotêscos, nas varias phases da historia de França, dêsde o antigo Louvre até Versailles, onde Angely assistia ao jantar de Luiz XIV, e onde Maranzac era tão apreciado, que, pela morte do Delfim, em 1711, passou á posse da Duqueza de Bourbon — Condé, que o preferia a Fénélon e Fontenelle; — e até ao velhinho de cabellos brancos que ficou como reliquia entre os velhos moveis que a revolução poupou.

Era o antigo bôbo de Marie Antoinette.

Quando alguem dava por elle, no meio dos destroços da monarchia, o bufão aposentado apresentava soluçando alguns grãos de café na concha da sua mão engelhada; e recordava que os recebêra da soberana, ainda então sorridente, e a quem elle dissera: «Que pena, uma tão grande Rainha ter a mão tão pequenina!...»

Nunca se desfizera da preciosa dadiva. Nunca esfriara no

culto que votára á graciosa imagem da victima da rajada revolucionaria. Na alma d'um truão, germinou essa flor, rarissima em todos os tempos, e então ainda mais, a fidelidade á memoria das grandezas desapparecidas!

Com a emphatica philosophia dos demagôgos, desappareceu tudo quanto na monarchia representava ostentação, belleza, graça, e futilidade; desde o sceptro do Rei e da corôa da Rainha, até á palhêta do bôbo e á gôrra do truão.

Mas como na natureza tudo se renova, e como as sociedades tomam as ideias das gerações passadas, imprimindo-lhes outras formas ou outros nomes, o Directorio, com a sua sêde de prazer, não prescindiu do bufão, e deu-lhe o titulo de ***grimacier***.

Nas ceias dos ***muscadin*** e ***incroyables,*** na roda de Tallien e de Barràs, ou fazendo a côrte ás ***Merveilleuses***— das quaes a formosa Thereza Cabarrus foi a mais attrahente, ***o farceur*** prolongou a tradição do bôbo, e fez rir os affectados elegantes do Club de Clichy.

Seductora, torno a dizer, seria a empreza de encadear narrativas; tanto mais que em França abundam elementos. Na litteratura, nos Gabinetes de Estampas, nos archivos publicos e particulares, as obras que d'elles fallam, as gravuras ou desenhos que nos mostram as suas figuras grotêscas, as correspondencias que referem as anecdotas d'estes personagens picarêscos, são aos milhares, e attrahem mesmo os espiritos mais ponderados: Ménage, no ***Diccionario Etymologico,*** Voltaire, no ***Diccionario Philosophico***, Gèrard, Jean Vourier, Littré e outros, occupam-se da origem da palavra

bouffon. O Bibliophile Jacob. na ***Dissertation sur les Rois de France***, M. A. Canel n'um livro com o titulo de ***Recherches Historiques sur lès fous des Rois de France; — Les Bouffons,*** de M. A. Gazeau, e muitas outras fontes, dar-nos-hiam farta colheita de elementos para estender n'um estudo sobre os bôbos em França.

Assim os tivessemos em Portugal, onde, embora houvesse bôbos em todas as epochas, são falhas as noticias que entre as paginas das Chronicas se encontram, e ninguem, que eu saiba, as juntou em livro. Outrotanto não se dá com a Italia, e a nossa visinha Hespanha, ou mesmo com a Inglaterra, a Allemanha e a Russia.

Em Inglaterra, pôsto que a bibliographia e a iconographia não sejam abundantes, são comtudo notaveis as noticias pela sua qualidade.

Não fallando no personagem de phantasia que o genio vigoroso de Shakespeare anima, collocando-o ao lado do Rei Lear quando este se sente abandonado pela familia, empolgante contraste entre a condição da desprezivel creatura e a sua missão de carinhoso amparo, (1) ha na Historia da Inglaterra numerosos bufões que exercêram o seu mister na côrte dos Reis ou nos palacios dos potentados, e que tiveram influencia nos seus dônos, sendo retratados pelos grandes pinceis, como o de Holbein, que representou com o caracteristico traje Will Summers, o bôbo, ao lado de Henrique VIII, o Barba Azul inglez.

---

(1) Vide tambem *Ivanhoé*, de Walter Scott, onde ha um bôbo.

Summers era filho d'um pastor. Pertenceu primeiramente a um tal Ricardo Farmor, que por enrêdos da Côrte foi metido n'uma prisão.

O bôbo, na penuria, veiu para Londres, onde entrou ao serviço d'um cortezão pouco dotado de espirito, mas velhaco. Servia-se da agudeza e ditos jocosos do seu histrião, para fazer com elles vista na Côrte.

A graça, porém, não é adorno que se use de emprestimo, sem que o lôgro transpareça.

Descoberto o embuste do cortezão, que se revestia com a pilheria do Will Summers e polvilhava com o sal da graça d'este a sua conversa, Henrique VIII chamou o bôbo, affeiçoou-se ás suas facecias, e encarregou Holbein de o retratar.

Eram taes as intimidades concedidas pelo Rei ao bufão, que, por êsse tempo, Wolsey, o celebre e pomposo Cardeal favorito, começou a sentir um vago ciume.

Apezar da distancia que separava Wolsey, o ministro todo poderoso, o ostentoso Cardeal que presenteava o Rei com o palacio de Hampton Court, e que passeava nas ruas de Londres acompanhado d'um cortejo de gigantes, do infimo bufão Will Summers, que só tinha de seu a ironia que não poupava, nas arremetidas contra o Cardeal Ministro, êste sentia-se espicaçado.

Por vezes, até, descia a medir-se com Will em jogueteios de palavras, dos quaes quasi sempre sahia mal ferido, porque os ditos do bôbo eram cortantes, e a pelle de Wolsey presava-se ás canivetadas.

Tinha elle tambem o seu bufão privativo. O bôbo do Rei era amigo do bôbo de Wolsey, chamado Putek.

Um dia, quando Summers voltava d'uma ceia em casa do Cardeal, Henrique VIII perguntou-lhe se bebêra bom vinho.

«Nunca bebi melhor», respondeu o gracioso.

«Mesmo melhor que o da minha mesa?» retorquiu o Rei.

«Muito mais precioso!» «O Cardeal tem na sua frasqueira muitas barricas, quasi todas vazias. Mas quando alli fui com o meu amigo Putek, esfuraquei uma que estava cheia de... peças de oiro!»

O Rei não se ensaiava para tirar partido de revelações como esta. Deitou a garra á barrica do Cardeal, e não tardou a destronar da sua graça o omnipotente favorito. E assim, um obscuro histrião vê-se intimo de um grande Rei, retratado por um dos maiores pintores do tempo, derrubando um poderoso ministro, e, o que é melhor, conseguindo, á força de diligencias, obter a liberdade de Farmor, o seu primeiro senhor.

Generoso e grato, o sympathico bufão!

*
* *

Nas pequenas Côrtes da Allemanha e nas casas principêscas dos Condes palatinos do Rhêno, saltam, pulam, saracoteiam-se numerosos bôbos, desde o de Frederico III, o marido da nossa Infanta D. Leonor, irmã de Affonso V, até

Perpeo, o jocoso do Eleitor Carlos Philippe, cuja estatua joco-séria em madeira, figura junto do grande tonel de Heidelberg.

Era um borrachão formidavel. Alli é que devia perpetuar-se a sua memoria.

O mesmo se passava na Russia. Pedro o Grande, entre as centenas de pessoas da sua Côrte intima, tinha numerosos farcistas, e gracejadores.

Um dos seus creados de quarto, era um anão. E um dia, segundo conta Voltaire, decidiu casar Sotof, um dos seus bôbos, por signal octogenario, com uma velha da mesma edade.

A festança foi solemne e grotêsca, contribuindo para fazer avolumar o disparate o falsête dos gagos encarregados de proclamar o casamento; a musica desafinada, com acompanhamento dos urros dos ursos, espicaçados a aguilhão, e a cerimonia, de um gôsto equivoco, para a qual todos concorreram, levando os noivos ao leito nupcial, onde os despiram...

Segundo Voltaire, tambem este Sotof foi feito Papa, em 1718; — e na Côrte de Ana de Courlandia,—(1730), não havia um bôbo: Todos eram histriões. ***Biren***, o favorito da Imperatriz, e a maioria dos cortezãos, e damas, vestidos de côres variegadas, viviam n'uma mascarada permanente.

N'um dos varios livros a que recorrêmos para respigar noticias, topámos com o nome d'um compatriota nosso. E' de justiça que não calêmos o que elle refere: [1]

---

(1) Ficou incompleto.

I

JOGRAES E SEGREIS

NAS CORTES DE D. TAREJA E D. MAFALDA

Em Portugal, nesta linda casa luzitana, que dá as costas á Hespanha e se debruça airosamente sobre o mar, a Corte tomou geitos varios, conforme as epochas, a indole dos soberanos e a evolução das ideias.

Rude e guerreira com os primeiros Reis; trovadoresca com D. Diniz e os seus jograes; tragica, dramatica, ou de heroica estructura com Pedro o *Cruel*, João de *Boa Memoria*, e a *Inclita Geração*; rimadora com os poetas palacianos do *Cancioneiro*; faustosa e festiva com os serões manuelinos; sonhadora com a miragem do Oriente; doutora, empertigada, metida nos espartilhos, nos donaires, e nas anquinhas do seiscentismo; alambicada nas mesuras, cabeleiras empoadas, e *lunares* provocantes do seculo XVIII, a Corte é o melhor sinaleiro para ajuizarmos das correntes sociaes, dos usos, costumes, e da forma pictoresca do viver das gerações que passaram.

E como em qualquer Corte, aqui ou lá fora, nas diferentes epochas, se encontra o histrião, tambem diversissimas são as funções d'este ente, elemento essencial na ementa da gente palaciana.

E não se julgue que só na Côrte floresciam esses instrumentos de prazer.

O povo tinha tambem os seus bufões, como adiante veremos. Tinham-nos tambem os Prelados.

Havia jograes clerigos. E até ao pulpito, muitas vezes, subiam pregadores histriões.

Não são, porem, esses que nos ocupam. Estamos na madrugada da Monarchia portugueza.

Como era o bobo então?

Alexandre Herculano criou um D. Bibas de phantasia.

Se não parecesse heresia litteraria discordar do grande mestre, diria que o D. Bibas imaginado pelo historiador-romancista não corresponde ao que era na Côrte da amorosa Tareja e do Conde Galego o momaro, que desempenhava o officio de alegrar — distrahir — embalar as imaginações. Não era ainda o corcunda, o anão, o louco vestido de cores variegadas, gorra asiniauricular, palheta ou *marotte*, bexiga retumbante, sempre prompto a espalhar folia com os seus esgares, guizalhada, cabriolas, remoques e chistes. Esse typo sò veio mais ao depois, quando, profissional aqui, e nas outras Côrtes, passou a ser um oficial da Casa Real, estipendiado, e até educado, para exercer a sua extravagante missão.

Em toda esta epocha, ao rudimento de Nação (tendo as fronteiras indecisas, pelo norte com a Galiza, pelo sul com os

mussulmanos, que ora acommetiam, ora recuavam), correspondia um rudimento de Côrte — aglomerado de homens de armas, destinados a combater, e de Damas que acompanhavam as Rainhas, — ou a energica Tareja, ou a apagada Mafalda, ou a donairosa Dulce de Aragão.

Para divertir estas aulas regias não havia ainda um oficial palaciano. Recorria-se aos *trovadores*, aos *segreis*, aos *jograes*.

Os *jograes* eram poetas e musicos.

Plebeus, entre arlequins e chocarreiros. mas poetando sempre, jornadeavam de terra em terra, e eram chamados aos castelos para, nos intervalos de duas pelejas, trazerem solaz á gente batalhadora, ou quando a lide se acendia, consolar as Donas cuidosas cujos maridos, amantes ou paes acutilavam galegos, ou espetavam mouros ou arrazavam o inimigo com pesados montantes.

Os *jograes*, herdeiros dos *bardos*, que nas Gálias glorificavam os herois, ou censuravam os vicios, vinham cantar, tanger, dançar.

Eram mimos alegres, ás vezes ligeiramente sentimentais, quasi sempre tregeitadores goliardos.

Mas, se os seus mestéres eram aproveitados com interesse, êles eram conservados a distancia — infima plebe.

Os *segreis*, esses, tinham uma categoria mais elevada. Eram escudeiros, cavalgavam de Côrte em Côrte, compunham as suas cantigas, e quando vinham á nossa terra, desenfastiavam com ellas as lindas portugalesas de então, sequiosas de ouvir trovas sentidas. Recebiam pago, e por isso não eram considerados gente de Côrte.

Só um pouco mais tarde, os ***trovadores***, quasi filhos dalgo, rimando os seus ***cantares de amigo***, as suas cantigas de ***escarnho*** e as de ***mal-dizer,*** figuravam na Côrte, chegando os Reis a trovar tambem, como o nosso D. Diniz, um dos melhores liricos de todos os tempos.

Mas, verdadeiramente, os antecessores dos ***bôbos*** são os ***jograes*** e os ***sègrêis***, gente para fazer galhofa, ou afagar corações femininos presos de amor.

Não lhes eram permitidas referencias a damas nobres, ás ***ricas donas***, ás ***infançôas*** e às ***boas donas.*** Representavam afastados do auditorio; mesmo porque alguns eram licenciosos, atrevidos e irreverentes.

Recordemos, por exemplo, a historia de um jogral remedador, bufo da Lombardia, que imitava com muita graça pessoas vivas:

«que atan ben remedava
que avian en sabor
todos quantos lo viiam.»

Um dia animado com os aplausos dos assistentes, atreveu-se a contrafazer a atitude de uma imagem da Virgem com o Menino nos braços. Logo, em castigo de tal irreverencia, ficou com o braço torcido e a boca ao lado.

O caso não se passou na nossa terra, mas certamente chegou cá a fama d'elle, ou de outros semelhantes, e por isso não lhes consentiam intimidades, tendo por vezes, dahi em

diante, os Reis de promulgar leis contra jograes, histriões e mimos, que arrenegavam de Deus.

Irrespeitosos eram talvez tambem os jograes e segreis que, no antigo mosteiro de Mumadona em Guimarães, recreavam as donairosas minhanas da Côrte da viuva do conde D. Henrique (*uxor formosissima*) ou de D. Mafalda, na Alcáçova de Coimbra.

Ellas, no entanto, não desadoravam ouvir-lhes contar, nos seus rimances enternecidos, historias dos que tinham partido para a Terra Santa, e dos Cruzados que morriam de amor.

Então nas seroadas longas das noites de inverno, emquanto nas amplas chaminés ardiam toros giganteos, e das abobadas artesoadas as lampadas, suspensas nos seus pendurois de ferro forjado, faziam chover luz, ou nos innumeros tocheiros os brandões de cêra amarella illuminavam os vastos salões, a gente de prol, que rodeava os governantes, saboreava com gaudios as declamações, as mimicas, os tonilhos dos jograes e segreis.

Assistiram talvez a estas folganças o prestigioso Egas Moniz, acompanhando o seu môço pupilo Affonso Henriques, antes d'este emigrar de sob a asa materna; e tambem o *Lidador*, curioso de ouvir façanhas de afastados herois; certamente tambem todos os que faziam ilhargas ao valido, entre os quaes seu irmão E. Bermudo, porventura enfeitiçado já com os encantos de D. Thereza, a qual não se livrou da fama de o ter attendido, e até... contrahido com elle casamento; tambem talvez, com as suas vestes sacerdotaes, o severissimo

prior de Santa Cruz de Coimbra, que depois foi S. Teotonio, rude nas maneiras até com a Rainha... E quantos mais!

Em volta d'ella nas almadraquexas baixas, as suas aias, gentis portuguezas, ou airosas galeguinhas, escutavam ávidas o que ia por esse mundo de Christo, e o que lhes contavam os segreis ambulantes, precursores do *Diario de Noticias*, ainda n'esse tempo escondido nas brumas do porvir.

Em todos os tempos a alma feminina foi gulosa de novidades.

Os mantos de côres garridas, guarnecidos de oiro, os toucados esguios de linho alvo, sublinhados graciosamente por um fio de perolas atravessando a fronte d'algumas das gentis espectadoras, harmonizavam-se no quadro com as sobrevestes ou tunicas de sêda, que mal cobriam as côtas de malha dos companheiros de D. Fernando Peres de Trava, e do Infante.

E toda esta conjuncção vistosa veria com embevecimento os segreis representarem os seus remedilhos, saracotearem-se nas danças, e entoarem tristes carmes ou gaios modilhos. E logo vinham acompanha-los os que rufavam nos atambores e anafis, os que assopravam nas exabebas, os que se faziam acompanhar com o psaltério, com o cimbalo, ou a sanfona. Provocantes e ondulosas, meneavam-se as jogralesas agitando as soalhas de seus pandeiros, ou fazendo matraquear as barulhentas castanholas.

Esta gente em grupos, ou isoladamente um jográl errante, é que fazia as delicias da Côrte Vimaranense.

Do feitio dos personagens, das suas vestes, dos seus ins-

trumentos, pode o leitor fazer uma ideia pelas gravuras que acompanham este artigo, tiradas das illuminuras do *Cancioneiro da Ajuda*. Embora se refiram a segreis que viveram alguns decénios depois, podem servir de figurinos, porque n'esses remotos tempos as modas não se alteravam com a velocidade de hoje. (1)

Nunca attingi os motivos porque Herculano, tão seguro na sua sciencia historica, tão rigoroso na arte de architectar e desenvolver os seus romances, foi colocar no Castello de D. Thereza e do Conde D. Fernando, um *bôbo*, recortado pelos moldes dos seus pósteros, os truões dos seculos vindoiros. Sente-se em D. Bibas não sei que anacronismo vivo, que nos espanta ver no scenario tão requintadamente *seculo XII* — em que o mestre faz mover-se esse histrião sentimental, grandiloquente, vingativo, e todo construido conforme a moda dos exageros romanticos

No *Monge de Cister*, a figura do mouro Ale, tambem maninelo, «com o tinir dos guisos ou cascaveis que adornavam a palheta do bufão, o scetro da voluntaria loucura», embora tambem vazado em formas convencionaes, (metendo grandes almas em corpos de truões), não está deslocado.

Quando chegarmos aos tempos de D. João I, o veremos. Mas *D. Bibas*, em Guimarães, no começo da Monarchia, tal como no romance se apresenta, não sei, não me atrevo a dize-lo alto, mas sinto uma falta de rima...

---

(1) Este capitulo fôra publicado n'um numero especial do *Diario de Noticias* e illustrado com gravuras.

No castelo de D. Thereza o que dava solaz era a ***jogla-ria.*** Só depois, quando os saltimbancos vulgares sucederam aos jograes que iam degenerando, é que nas côrtes da Europa, e cá tambem, reapareceu, ataviado de novo, o ***louco*** natural ou artificial da antiguidade, e começou a ser um cargo de Côrte.

Tudo o que deixamos dito pode ser sujeito a controversia, pois embora os Reis, como Affonso X o sabio, tivessem no seu tempo ordenado a classificação dos ***representadores,*** nem sempre na practica eram acatadas essas distincções.

Tudo nesses tempos é bastante vago, para a nossa vista desarmada

Entretanto, vamos caminhando á procura dos que praticavam a ***arte de trobar***, antes que explodisse o esplendido ***pleni-sol*** literario, que foi a Côrte de D. Diniz.

João Garcia de Guilhade lamentava, quando o seculo XIII era meado, a decadencia das artes palacianas de ***trovar*** e de ***amar***. Se este poeta «voluvel, vaidoso, donjuanesco, e pouco ortodoxo» mas bom dizedor, pensava, com tristeza, que:

«Os trobadores já vam para mal
nom ha i tal que já sirva senhor»

elle que sabia tão significativamente dirigir-se a uma ***fer-mosinha*** dizendo:

«Os grandes vossos amores
que mi e vós sempr'ouvemos

nunca lhi cima fezemos
com'a Brancàfrol e Flores»;

se elle se constrangia vendo a decadencia, é porque no seculo anterior se poetava bem.

Houve quem affirmasse que no reinado de D. Affonso Henriques os portuguezes já trovavam á provençal, e que um dos cultores foi Egas Moniz.

Se essa lenda está desfeita pela agudeza de critica com que a eminente investigadora D. Carolina Michaelis de Vasconcellos resolveu a questão, é comtudo licito pensar que algumas *gestas jocosas* teriam ouvido aos segreis e jograes as boas Donas das Côrtes dos nossos primeiros Reis.

II

A Anã da Rainha D. Beatriz

«Item mando a Maria Migueis anã, trezentas livras». Codicilho da Rainha D. Beatriz — Historia Genealogica. Provas-tomo I, pag. 227.

Em 25 de outubro de 1359, o sino grande da Sé espalhou, sobre a capital, a sua voz soturna num dobre de finados.

Logo todas as outras torres das egrejas proximas, e depois as suburbanas, responderam em echo dobrando tambem. Lá de cima, da Alcaçova, vinham noticias de ter morrido a Rainha D. Beatriz, a mãe de El-Rei D. Pedro.

Então por todas as estreitas ruas que desciam desde os Paços Reaes até á Judiaria, o borborinho foi grande, entre o povo, que recordava ingenuamente, ao seu sabor, a figura da Soberana, viuva do Rei D. Affonso IV, de turbulenta memoria.

Os mais velhos evocavam episodios da sua vida, desde que tamanina, com 4 annos apenas, viera de Castella, na com-

panhia de sua sogra a Rainha Santa Isabel. Com esta se creara na escola de conciliar discordias entre Principes da sua familia, pois assim como a Rainha Santa cavalgara nos campos de Alvalade mettendo-se entre as duas hostes, do marido pa o filho, para evitar a guerra, tambem D. Beatriz tivera de correr a Castella, invocando sem muito exito, a bemquerença de seu sobrinho e genro Affonso XI de Castella, o amante de Leonor de Gusmão, que tanto atormentava a infeliz, sua consorte, a ponto de que para alguns historiadores ella ficou figurando como concubina, e Leonor, a hespanhola de olhar procaz e altivo, como a verdadeira Rainha. Fôra D. Beatriz até Badajoz no intuito generoso de evitar que o genro invadisse Portugal.

Encontrára-se com o Rei de Castella, a quem fizera um discurso sensato, commovedor; e tendente a afastar males para os dois paizes.

O Rei Affonso a nada se movera. Entre as importunações de uma sogra-tia e as suggestões da encantadora Gusmão, que certamente o atiçava, com o engodo de vir a ser coroada Rainha, preferia continuar a guerra, e insistir na recusa de casar a Infanta D. Constança com o Principe Real de Portugal.

Fingidamente propuzera a paz a troco de Serpa, Moura, e outras villas, o que valia ser inaceitavel. — E como de facto o foi, apenas a sogra voltou costas, elle ahi vem arrogante e malvolente devastar terras portuguezas.

E' pouco invejavel o destino d'esta Rainha! Casada com D. Affonso IV, mau filho, assassino do irmão, algoz da linda

Ignez; sogra do brutal Affonso de Castella, que atormentava a formosissima Maria sua filha; mãe do maluco D. Pedro, gago, extravagante de espirito, e de alma inquieta, a pobre senhora passou a vida a querer aquietar estas féras. E ellas aos urros, ás punhaladas, com impetos de selvageria desencadeando guerras consoante os caprichos, e executando vinganças ao sabor das indomaveis paixões!

De toda essa faina bemfazeja pouco ficava.

Mas na alma do povo, entrava, envolvida n'um halo de sympathia e de saudade! Por isso tambem emquanto as torres continuavam a dobrar lugubremente, no animo de cada burguez, e de cada homem do povo, as badaladas soturnas encontravam um echo harmonioso.

De envolta com as rezas por alma da Rainha, vinham anecdotas recordando a sua vida.

Lembravam que de uma vez o Prior e S. Thiago, em Almada, sem grande criterio, exigira aos compradores de uma herdade «á porta de Cacillas» que pagassem trinta soldos para se fazer um anniversario de D. Mór Eanes, mãe dos vendedores. E isto sob pena de excommunhão!

Os excommungados recorreram á Rainha. E esta logo deu ordem para que se levantasse essa pena, tão levianamente lançada pelo Prior, que se servia d'uma arma espiritual para conseguir fins materiaes. A Rainha com bom espirito de justiça ordenava que, se assim entendessem, recorressem ás justiças ordinarias

Recordava-se tambem o caso de um dia, de improviso, ter chegado a Rainha de Castella, sua filha, que, por encom-

menda do marido, vinha pedir auxilio do Rei D. Affonso IV para ir contra o Imperador de Marrocos, Ali Boucem, ao que o Rei Portuguez accedeu cavalleirosamente. Para a resolução do nosso Rei e para o exito da Batalha de Salado, não contribuiria pouco a intercessão de D. Beatriz, esperançada em que isso concorresse para que o genro fosse mais coroavel para com sua filha.

Camões, seculo e meio depois, havia de recordar este episodio em versos immorredouros.

«Entrava a fermosissima Maria
Polos paternaes paços sublimados:
Lindo o gesto, mas fóra de alegria,
E seus olhos em lagrimas banhados.
. . . .
Aquelle que me déste por marido
Por defender sua terra amedrontada
C'o pequeno poder, offerecido
Ao duro golpe está da maura espada
. . . .
Acude e corre, Pae, que, se não corres,
Póde ser que não aches quem soccorres.

E Affonso IV acorreu, e a batalha foi ganha. Mas o genro não mudou de animo.

Lembravam tambem as comadres da Alfama, embiocadas nos manteus, a maneira enternecedora como a Rainha, depois da tragedia da «Fonte dos Amores», que desencadeou

na alma de seu filho, o amoroso Pedro, a maior tempestade de que ha memoria em corações portuguezes, tão grande que se revoltou contra o pae e levantou exercitos para vingar a memoria da morta querida, bondosa medianeira, no seu mister de mãe, de esposa christã e Soberana de um povo que tanto amava, conseguira trazer a paz entre aquelles dois homens rancorosos, a que a posteridade havia de chamar — o «Bravo» — o «Cru».

Depois, haviam as velhas palreiras, emquanto accendiam lume para a ceia, de tagarellar o que se ia passando em Castella, onde um neto, tambem Pedro, e tambem «cruel», proseguindo na tarefa de matar elle proprio os seus cortezãos a punhal, tinha o requinte de obrigar a mãe (não a poupando a suspeitas calumniosas), a assistir a essas sangueiras. Fôra tão grande a commoção da pobre Rainha viuva de Castella, que pediu ao Rei seu filho licença para se ausentar, vindo para Portugal morrer, horrorisada por ter dado o ser a tal monstro, e enojada com as scenas que presenceara. E a nossa Rainha D. Beatriz, sabendo o que a filha padecia, pensou que havia existencia ainda mais amargurada que a sua, pois ao menos aqui em Portugal tivera sempre o respeito de todos.

Respeito, sim, mas desamor, o que é mais custoso ainda de supportar que a affronta. O povo, esse, com aquelle instincto que teem as multidões, (quando não as pervertem), comprehendia como o espirito da Soberana, ultimamente tão isolada, pois nem filhas nem parentes a podiam acarinhar, fôra

obrigada a empregar meios, que lhe desviassem o sentido dos males que a rodeavam.

As vizinhas nos soalheiros, as nobres donas nos seus palacios, a arraia miuda nas alfurjas da encosta do Castello ou das portas da Sé, relembravam então como a Rainha chamara para o Paço uma anã, — a Migueis, — cujos disparates ou sentenças vãs a recreavam.

*

* *

O anão, assim como o corcunda, é creatura cuja alma ordinariamente se defórma, á semelhança do corpo. Ou porque os orgãos onde a psychose se origina sejam defeituosos tambem, e se manifestem por estygmas intellectuaes e sentimentaes, ou porque os sarcasmos, as vaias e as troças que os seus aleijões provocam lhes entortem a alma, cada cabeçudo ou cada corcunda, é um ente destinado a ser victima da sua deformidade, ou um revoltado. Chufas que soffrem; risos deprimentes, que os perseguem; gestos depreciativos; e até superstições nascidas na influencia de uma marréca, azédam-lhes os animos, e tornam-nos uns sêres áparte. Alguns escabream e vingam-se da sociedade que os desfructa. Outros prestam-se gostosamente a divertir os seus donos ou emprezarios.

O bôbo era quasi sempre um deformado. E os anões, ou proporcionados ou mégalocéphalos, eram aproveitados como

elemento de prazer, de passatempo e até de decoração, segurando as caudas de sêda das suas poderosas senhoras.

Anões da Côrte! Anões dos Palacios e Castellos! Preciosos abortos caricaturaes que provocavam o riso, e divertiam soberanos e cortezãos! Pobres seres que tinham valor, conforme as suas facecias e tregeitos eram mais ou menos ridiculos!

Desde a antiguidade, serviram para divertir os que os pagavam a peso de oiro, e os vestiam de cores vistosas.

Do Egypto a Roma, e de Roma ás côrtes requintadas da Renascença italiana, e ás dos Duques de Borgonha, o anão fez parte essencial do pessoal pação como elemento de folgar.

As Princezas, considerando-os mais um animal domestico que um ente humano, tinham com elles intimidades maiores que as «houris» com os eunuchos nos gyneceus orientaes.

Na celebre colgadeira representando a conquista da Inglaterra por Guilherme da Normandia, que é tradição ter sido bordada pela Rainha Mathilde, apparece como documento pittoresco, um anão chamado «Turold» — cujo officio, além de bôbo, era o de segurar os cavallos da sua ama e senhora.

Pouco depois da nossa Beatriz, Isabel de Baviéra (em 1386) possuia na sua «ménagerie», além de bufões, macacos, leopardos e outros animais exoticos, — uma anã. No livro de registo de Carlos VI diz-se: «Deux aulnes de Drap pour faire un corset pour la naine de la dite dame»; o que indica que a frivola e ambiciosa mulher daquelle Rei, se comprazia com a companhia de uma anã, atrophiada pela natureza, ou por artificios.

Mas entre os dois obscuros monstrozinhos das Côrtes de França e de Portugal, é para esta ultima que vem uma recordação mais sympathica. Ao passo que a de lá é só lembrada pelas duas váras de fazenda (com pouco se veste uma anã, e uma elegante de hoje), para o seu colete; a de cá figura no testamento da Rainha sua ama, o que indica que a servia com dedicação.

A quem extranhar que um ente d'estes seja depositario de lagrimas e de penas, lembremos que ás vezes o olhar leal de um cão dedicado, é mais consolador que as phrases banaes de falsos amigos.

Atravez da Edade Media deparam-se-nos anões em muitos palacios e castellos. Ainda os encontramos hoje nas feiras e circos, ou isolados, ou formando sociedades em miniatura, passeiando nas suas carruagens, montando nos seus cavallos tambem minusculos, formando cortejos, e ás vezes... amando-se ou procreando, o que comtudo é raro.

Um Triboulet (que não se confunda com o que pertenceu a Francisco I) figurou na Côrte do Rei da Sicilia.

Era um anão de cabeça pequena. Tinha pagens e creados para o servirem, assim como os «petits-rots» da mesma Côrte.

Em 1525 — Claudia de França «la bonne Reine», possuia uma anã que se chamava Marie Darcille, e em 1524 a Princeza Carlota tinha tambem uma anãzinha cuja bondade, ao que parece, era excepcional.

Não é pois de espantar que encontremos na Côrte da Rainha de Portugal uma anã, contemplada por D. Beatriz no seu testamento.

Consolou-a em muitas occasiões angustiosas, desviando com um dito, com um esgare, talvez com uma caricia ou com um simples olhar de entendimento, apprehensões e tristezas.

Fez-lhe esquecer por momentos lutuosas saudades da filha D. Leonor, que morreu no Aragão. Um parenthesis na dor, já é um beneficio apreciavel.

Deu-lhe até (porque não?) provas de dedicação mais delicada, porque os anões tambem teem alma, e o coração dos corpos mal conformados póde ser d'oiro, mostrar delicadezas no sentir, mais nobremente, que o de muitas Venus mundanas e Appollos tafues. Uma Papea, uma Messalina, uma Lucrecia podem ser lindas, mas são medonhos os seus corações. Uma anã póde ser angelica.

Estamol-a a ver com o seu andar de pata chóca, ancas roliças, apoiando-se em pernas curtas, cabeça enorme sobre um busto regular, accentuadas as maçãs do rosto, agudo o angulo facial, e com um riso alvar, ás vezes talvez malicioso, numa bocca rasgada de beiços gordos, lambareiros, proprios para gargalhar e provocar galhofa.

Estamol-a a ver com o seu fato extravagante deambular nos corredores e antecamaras da Alcaçova, tomando a liberdade de penetrar nos aposentos de D. Beatriz.

Curioso exemplar teratologico, os seus ademanes e tregeitos tinham o dom de apaziguar as tempestades da alma da Rainha, e pelas suas reflexões disparatadas, mas nascidas d'um animal bondoso, davam á sua senhora mais e melhor que as condolencias um pouco convencionaes das suas damas e cuvilhieras.

Quando entrou esta anã ao serviço da Rainha?

Impossivel averigual-o!

Tudo quanto della sabemos é pela verba do testamento que diz: «mando a Maria Migueis anã — Trezentas livras».

Mas assim como o osso, de que fala Cuvier, pelo qual se póde reconstituir um animal ante-diluviano, tambem nós vêmos pela ultima vontade de D. Beatriz como lhe era afeiçoada a sua pequena bôba.

Deixou-lhe uma quantia que a amparou. Deixou-a mencionada num documento que perpetua a sua memoria.

*
* *

E' natural que entrasse ao serviço da Princeza ainda em vida de El-Rei D. Diniz, e (quem sabe?!) talvez fosse elle quem dotasse a nóra com aquelle elemento de distracção.

Nesse caso assistiria juntamente com sua ama áquelle episodio que trazido pela tradição se transformou numa encantadora lenda.

Nas margens do Tejo junto a Santarem, estava a Côrte, uma tarde de grande calma, procurando com regalo a sombra dos choupos amigos e deliciando-se com o marulhar das aguas nos seixos do rio.

Bem sabia a Rainha Santa Isabel que debaixo daquellas aguas estava escondido o corpo de Santa Iria, que tinha sido ali sepultada pelos anjos e dera nome á villa de Santa... rem.

Todo o seu desejo era vel-a, e adoral-a! Então nessa tarde de calmaria, foi tão intensa a prece da Rainha, que o Tejo suspendeu o seu curso, e, dividindo-se em duas partes, abriu caminho para ella se dirigir ao ponto em que no seu sepulchro viu a santa Virgem.

Toda a Côrte assistiu á maravilha. Mas quando El-Rei D. Diniz curioso, e talvez levemente sceptico, quiz, tambem elle, fazer renovar o prodigio, a Virgem Santa Iria esquivou-se, e as aguas não obedeceram á intimação do Rei poeta.

Poeta sempre, parece que foi elle quem escolheu o mez de Maio para se realizar o casamento do filho com a promettida noiva, que andava na casa da Rainha D. Isabel desde que esta viera a casar-se em Portugal.

Não nos deteremos em referir as razões com que Frey Raphael de Jesus demonstra que o mez de Maio é o mais festivo do anno; razões de frade e não de poeta, como as que D. Diniz allegaria se entoasse sobre esse motivo uma das formosas «serranillas» em que a sua lyra era fertil.

A' festa do casamento do filho, cerimonia «como nunca no Reino em casamento de pessoaes reaes se fizeram tão luzidas e custosas», assistiu talvez no canto duma tribuna lá em cima, ou com outro pessoal menor, nas entre-columnas do templo, a anã de D. Beatriz. E é provavel que pelas faces caricaturaes corresse uma lagrima furtiva, contrastando na sua belleza sentimental com as feições amarfanhadas do monstrozinho palaciano.

Mais tarde, quando a sua ama era já Rainha, a situação

da anã tomou certamente maior importancia. E, quando nos corredores do Paço, D. Martim de Avellar, Mordomo-Mór da Soberana, ou Estevão Pires, seu Reposteiro-Mór, encontravam a chocarreira, saracoteando-se, e rebolando as ancas, de envolta com uma chufa e um debique, manifestavam-lhe um nadinha de sympathia, de que era merecedora.

*

* *

Nada sabemos da sua vida durante o largo espaço que vae desde o casamento de D. Beatriz, em 1309, até á morte da Soberana, em 1359.

Como, porém, fazia parte da Casa da Rainha, é facil ir seguindo as deslocações da anã, e vêl-a continuar no seu fadario de espalhar gracejos e distrahír, ora em Lisboa, ora no Aragão, quando foi da jornada que fizeram alli, e onde certamente a anã foi apreciada, como o eram sempre estes phenomenos e aberrações da natureza.

Os chronistas, investidos pomposamente na missão de relatar factos de caracter official, ou acções militares de retumbante memoria, não se ocupam com uma infima creatura como era a chocarreira do Paço. A sua existencia passaria ignorada por nós e pela posteridade, se a Rainha, grata e enternecida, não legasse trezentas libras á sua dilecta Maria Migueis.

Na passagem por este mundo teve ella o condão raro de saber dar consolo a alguem!

Abençoada seja a sua alminha minuscula de anã!

III

D. PEDRO I

O HISTRIÃO DO SEU POVO

É, talvez, motivo de reparo este epitheto, applicado ao oitavo, na série dos soberanos portuguezes.

O «Crú», o «Cruel» — o «Justiceiro», o «Doido amante da linda Ignez», o castigador rigoroso de latrocinios, mortes e adulterios —, todos esses cognomes teem sido dados e assentam bem na individualidade tragica do homem, cujos urros amorosos echôam pelas quebradas da Historia, trazendo até nós farrapos d'aquella alma esphacelada pelo delirio da paixão.

Um D. Pedro com a bocca primeiramente humida dos beijos da formosa «Collo de Garça», e, depois, escorrendo sangue das dentadas nos corações d'aquelles que lh'a roubaram; um D. Pedro da lenda (que tão bonita é!), fazendo sentar no throno o cadaver da mulher que tanto amára, e cujo descalabro physico não lhe repugnava, antes, pelo contrario, lhe exacerbou a paixão amorosa; um D. Pedro, revoltado contra o pai, que, por motivos politicos e «obediente ao pertinaz povo», lh'a mandára assassinar; um D. Pedro, quasi poeta,

idealizando, elle proprio, os tumulos, «moimento de alva pedra, todo mui subtilmente obrado», que haviam de o encerrar e ao corpo idolatrado, agora «posto de vez em socêgo», e pela continuação dos séculos, até ao dia do Juizo final; um D. Pedro tragicamente sentimental, ou lyricamente namorado, está na tradição.

Mas D. Pedro bôbo? D. Pedro histrião? D. Pedro funambulo?

E, todavia, se attenderdes um pouco, logo vereis que não é descabida a denominação que lhe dei — «D. Pedro — o histrião do seu povo.»

D. Pedro é um rei popular. Talvez como nenhum d'essa épocha. Nem D. Fernando, o «Formoso», a quem o povo quiz muito, apezar dos seus desfallecimentos sentimentaes e da sua indole versatil; nem D. João I, a quem esse povo fez Rei, lograram que de si ficasse a memoria «de ter dado a Portugal dez annos como nunca houve».

D. Pedro brutal, folião, iroso e dansador, grande caçador e monteiro, trazendo grande casa de moços de monte, e de aves e cães, muito viandeiro, com as suas salas de praça e em farta abastança, era dotado de qualidades e defeitos que o approximavam e o faziam amado da arraia miuda.

O povo, por um instincto natural, adora as naturezas simples e abrutadas, que á sua psychose mais se assemelham. E, porque D. Pedro castigava, por uma fórma espectaculosa, que lisonjeiava o sentimento plebeu, a multidão, confiada na inflexibilidade do juiz coroado, applaudia as bravezas d'esse monarcha, cujo sceptro era um azorrague.

Quando, gozosamente, por uma perversão do sentido justiceiro, flagellava os culpados que lhe caiam nas garras, empregava requintes de crueldade, que os espectadores, gulosos de sangueira saboreavam embevecidos.

E' vulgar attribuir aos sentimentos brutais d'aquellas épocas barbaras o prazer de assistir a tormentos e selvagerias. Ainda nos seculos seguintes e mais chegados a nós, vêmos, não só a multidão, mas a fina flor das raças cultas, aqui e lá fóra, deliciar-se com o cheiro do pez e com a fumarada das labaredas que lambiam os corpos dos judeus, victimas da Inquisição. Um dos numeros do programma das festas da entrada de Filippe II em Evora, foi um «Auto de fé», em que foram queimadas muitas victimas.

Hoje mesmo, quantos não vão assistir curiosamente a execuções capitais, ou a simples ataques de sôcco, em que um dos contendores depois de bem esmurraçado, cahe exangue!

Aqui muito entre nós, digam-me, francamente: se se annunciasse que, por um phenomeno sobrenatural, se ia resuscitar o authentico D. Pedro, e que elle vinha, perante o publico, repetir a scena dos corações arrancados aos algozes de D. Ignez, acham que, se isso se passasse, n'um amphitheatro collossal, ficariam lugares vagos? Americanos e europeus disputariam, a peso de ouro, os camarotes, para gozar esse extranho espectaculo.

Não é, pois, de extranhar que, em plena edade media, o povo achasse sabor aos modos do monarcha, que tão pittorescamente exercia, elle proprio, o officio de carrasco.

«E assim lhe traziam presos (diz Fernão Lopes) do cabo do reino, e lh'os apresentavam hu quer que estava. E da mesa se levantava, se chegavam a tempo que elle comesse, por os fazer logo metter a tormento, e elle mesmo punha n'elles mão quando via que confessar não queriam, ferindo-os cruelmente, até que confessavam. A cada lugar onde el-rei ia, sempre acharieis prestes com um açoute o que de tal officio tinha encargo, em guisa que como a el-rei traziam algum malfeitor, e elle dizia: — Chamem-me foão que traga o açoute — logo elle era prestes sem outra tardança.»

Para os que assistiam, ou tinham noticias destas scenas, era um regabofe.

Viam-n'o despir-se dos seus reaes pannos, para mais desembaraçadamente usar do tagante, com que, elle proprio, retalhava as carnes dos delinquentes.

E a plebe applaudia!

Ouviam contar que, chegando ao Porto e sabendo que o Bispo d'aquelle lugar deshonrava o thalamo de um bom cidadão, mandára chamar o prelado, arrancára as vestiduras do antistite, puzera-se, elle tambem, á vontade, com uma simples saia de escarlate, e dispunha-se a desancal-o furiosamente, quando o Mestre de Christo lh'o tirou das mãos.

E o povo applaudia! Lamentando, talvez, que o castigo não se effectuasse.

Corria tambem de bôcca em bôcca, sublinhado por commentarios de equivoco gracejo, aquelle caso do escudeiro de el-rei, Affonso Madeira, «grande justador, cavalgador e trovador de grandes ligeirices», que veiu a namorar-se de Ca-

tharina Torre, briosa, louçã e muito aposta senhora de graciosas manhas, casada com Lourenço Gonçalves. O marido era um bom homem, muito entendido e bem razoado», mas Affonso Madeira era moço, tangía, cantava, afóra a sua apostura, e, nas deslocações da Côrte, lograva sempre ser aposentado junto do casal, e perto da loureira Catharina.

Succedeu o que era de esperar. Ardeu Troia!

D. Pedro soube-o. Mandou chamar o escudeiro... E houve um Abélard a mais.

O povo, quando depois o via passar, engelhado de rosto, sem barbas, efeminado e com voz aflautada, ria-se e applaudia o monarcha.

O mesmo quando se soube que Helena, a alcoveta do almirante Lançarote Pessanho e de Violante Vasques, fôra queimada por ordem de el-rei.

Mas o caso que mais fez vibrar a multidão, foi o de Alvaro Gonçalves e Pero Coelho, matadores de D. Ignez, aos quais D. Pedro tinha grande rancura. Chegaram a Santarem, onde el-rei era. Saiu, elle proprio, a recebel-os, e, com «sanha cruel, sem piedade, os fez, por sua mão, metter a tormento, querendo que lhe confessassem quaes foram na morte de D. Ignez culpados. E nenhum d'elles respondeu a taes perguntas coisa que a el-rei prouvesse. E el-rei, com queixume, dizem que deu um açoute no rosto a Pero Coelho, e elle se voltou então contra el-rei em deshonestas e feias palavras, chamando-lhe traidor, á fé perjuro, algoz e carniceiro dos homens. E el-rei, dizendo que lhe trouxessem cebola, vinagre e azeite para o Coelho, enfadou-se d'elles e man-

dou-os matar. A maneira de sua morte, sendo dita pelo miudo, seria mui estranha e crúa de contar cá mandou tirar o coração pelos peitos a Pero Coelho, e a Alvaro Gonçalves pelas espaduas.» Emquanto esta scena se passava, ia merendando, n'aquella varanda que ainda ha pouco existia. O vinagre e a cebola não eram, n'este banquete, uma simples figura de rhetorica.

Se ao povo agradavam os espectaculos apresentados por este theatralizador de tragedia ao vivo, mais ainda o divertiam os seus desfastios, folganças e festas.

Ouçamos ainda o encantador Fernão Lopes, que nos diz que as dansas que D. Pedro bailava eram meneiadas «ao som de umas longas que então usavam, sem curando de outro instrumento, posto que o hi houvesse... Ora deixemos os jogos e festas que el-rei ordenava por desenfadamento nas quaes, de dia e de noite, andava dansando por um grande espaço, mas vêde se era bem saboroso jogo. Vinha el-rei em bateis, de Almada para Lisboa, e saíam-no a receber os cidadãos, e todos os dos misteres, com dansas e trebelhos, segundo então usavam, e elle saía dos bateis e mettia-se na dansa com elles e assim ia té ao Paço. Paraementes se foi bom sabor. Jazia el-rei uma noite na cama, e não lhe vinha somno para dormir, e fez levantar os moços e quantos dormiam no Paço e mandou chamar João Matheus e Lourenço Palos, que trouxessem as trompas de prata e fez accender tochas e metter pela villa em dansa com os outros. As gentes que dormiam saíam ás janellas a ver que festa era aquella, ou porque se fazia, e quando viram d'aquella guisa

el-rei, tomaram prazer de o ver assim lêdo. E andou el-rei assim grande parte da noite, e tornou-se ao Paço em dansa, e pediu vinho e fructa, e lançou-se a dormir.»

«Tomaram prazer de o vêr assim lêdo.» Esta expressão do chronista pinta significativamente como os gestos e pantomimas do pelotiqueiro real, «cabotino» e cruel, representador á maneira de Néro, e como elle popular, recreavam a plebe, que via nelle um precioso elemento de «folgar».

Era portanto assim, azorragando ou bailando na rua, a torrar alcoviteiras ou a castrar escudeiros, iracundo ou folgazão, mas sempre pittoresco, que o Rei tinha o dom de prender a attenção do seu povo com mais interesse que os grandes comediantes de todos os tempos.

Era auctor das tragedias que punha em scena, era actor quando as representava, n'um tablado «ad hoc», era victima do destino quando dava, com as suas dôres, motivo de commiseração aos que as presenciavam.

Qualquer manifestação sua, cruel ou foliona, tinha a sympathia e tinha o applauso dos que o viam, com «os seus reaes pannos», exercer funcções do seu cargo, ou vestido apenas com uma saia de escarlate, açoutar, por sua propria mão, grandes e pequenos.

Bruto, como os maridos que desancam todas as noites as consortes, as quaes, apezar d'isso, os extremecem, a plebe extremecia o seu senhor, que lhe batia, mas que a divertia.

Porque era devéras divertido esse rei, meio maluco, que flagellava bispos, que trincava corações de fidalgos, que acordava os burguezes com as suas longas de prata, que

mandava lavrar seiscentas arrobas de cêra para fabricar cinco mil cirios e tochas, que, empunhados pelos homens das vintenas, faziam alas, entre as quaes elle, com os seus fidalgos, ia bailaricando, desde a egreja de S. Domingos, onde Affonso Tello estava velando as almas, até ao paço real da Alcaçova, a padrasto da formosa Lisboa. E, egualmente, com o pretexto de armar cavalleiro e fazer conde esse Affonso Tello, mandava pôr no Rocio enormes montanhas de pão, largas tinas cheias de vinho e vaccas inteiras, em espêtos, a assar, para serem engulidas pelos bons lisboetas.

Festa rija! Brodio galhofeiro!

Não tinha um bôbo seu, este rei; nem, ao que parece, havia na Côrte bufão encartado.

E a razão era simples. Em vez de ter junto de si um jocoso official, dizendo gracejos, sublinhando vicios, beliscando vaidades, repicando no dorso dos enfatuados, era elle proprio quem zurzia os ridiculos e castigava os aleivosos. Um verdadeiro truão em alta escola, para gaudio do povo.

Lisonjeiava-lhe os vicios, ou punha as calvas á mostra de uns, com festivo gaudio dos outros, e apimentava com farças tragicas os capitulos do seu reinado.

Quando foi da morte de D. Constança, o povo ficou indifferente.

Quando, porém, mataram D. Ignez, o povoleo, que contribuira para esse maleficio:

«Mas o pôvo, com falsas e ferozes
«Razões, á morte crua persuade»...

ou por um expontaneo impulso brutal, ou porque os que o guiavam lhe excitavam os instinctos maldosos; quando viu o Principe, seu querido, com a alma retalhada, espumando rancor contra os carrascos da mulher que adorava, e contorcendo-se nas convulsões de uma saudade angustiosa; quando assistiu aos transes daquella viuvez precoce, desposou a sua dôr.

O povo, quando não lhe inoculam nas veias os venenos fabricados nos laboratorios politicos, é generoso e bom. Deixa-se seduzir, instinctivamente, pela poesia dos grandes sentimentos, que lhe férem a imaginação.

Espectador de uma tempestade amorosa, a sua vibratilidade sensoria exalta-se de acordo com a paixão do actor que representa o drama.

Ora o Principe Pedro não era apenas o interprete de um papel, era, elle proprio, o sacrificado pela fatalidade.

Enlouquecer por amor, era para a alma popular, um motivo de ternura.

Não o considerava um doido. Não sabia ainda o sentido das palavras «degenerado» ou «paranoico», com que a sciencia moderna o havia de classificar.

Era um infeliz, cujas manifestações espectaculosas interessavam a arraia miuda.

O histrião da plebe empolgou o auditorio.

E, se até a Historia foi para elle indulgente, pelo muito que amou e que soffreu, o povo seu contemporaneo, a quem elle tanto recreou, adorou-o, e envolveu a sua memoria n'uma onda de sympathia.

IV

Os Chocarreiros de El-Rei D. Manoel

El-Rei D. Manoel foi em tudo grande, e magnificente.

O pessoal da sua Côrte; os musicos da Camara; as equipagens de caça, com que em Cintra, em Almeirim, e em Evora sahia a desenfastiar-se, compostas de monteiros, cavallariços, musicos (pois não prescindia de charanga na sua cynegetica), cães destinados a cada especie de animaes que deviam perseguir — alões, lebreus, sabujos e outros mais; os falcoeiros com as suas vestes de sêda colorida sustentando no braço direito os atrevidos gaviões e os gerifaltes encarapuçados de aço e já promptos a levantar o vôo; os belluarios encarregados de tratar e conduzir os elephantes, as onças, os rhinocerontes e mais animaes ferozes com que sahia a passear nas ruas; o pessoal brilhantemente uniformisado dos seus bergantins, destinados ás passeatas em que, pelo Tejo abaixo até Santos-o-Velho, ia ouvindo sonatas e escutando versos, e saboreando licor de rosas num sybaritismo requintado; os moços fidalgos, e officiaes que assistiam de joelhos despacho; e os poetas que, á noite, nos saraus, recita-

vam as trovas que Garcia de Resende ia registrando nos seus canhenhos ; tudo quanto possa constituir pompa, explendor, deslumbramento, trazia o «Venturoso», na sua roda.

As tres Rainhas, com quem se maridou, todas tres hespanholas, embora não fossem folionas ou iniciadoras de festas, e folguedos, aceitavam, comtudo, de animo prazenteiro, as diversões da Côrte. Uma, delicada, melancholica, morrendo minada pela «Eteguidade», pouco relevo imprimiu ás seroadas e mais desportos ; a segunda, com o seu queixo recolhido e modos recatados, preferia costurar com as suas aias no Gyneceu, ou rezar com ellas, no côro da capella real, a bailar danças arrastadas, ou indagar o sentido das trovas gaiatas de alguns poetas maldizentes ; e a terceira, vinda da Côrte tristissima de seu irmão, e talvez, mal humorada por lhe terem trocado o noivo, pouco contribuiu, a não ser com o seu aspecto de mocidade e frescura, para a animáção das salas em que se ia passando a vida mundana e festiva desse reinado tão cheio de acontecimentos.

Era elle, era o Rei D. Manoel — o «Deus ex machina» de toda aquella deslumbrante fabrica. Desde os graves negocios do Estado que se comprazia em despachar, «tres vezes e algumas mais na semana em publico», tendo ao seu lado ajoelhados o escrivão da Puridade, e o Vedor da Fazenda (ás vezes ao som de musica) ; até ás futilidades e frivolas occupações do vestuario requintado, galante, bem ajustado ao corpo, e tão garrido, que lhe deu a fama do mais elegante da sua épocha, pela qualidade dos gibões e justilhos renovados, segundo diz Damião de Góes, todos os dias ; desde a atten-

ção concedida aos navegadores, homens d'armas e mercadores, ou seja os que iam para a India, ou guiavam as caravellas, ou negociavam a pimenta e o cravo; desde o acolhimento dado aos artistas, como Francisco de Hollanda, que lhe illuminaram os Livros d'Horas, e aos artifices lavrantes que esmaltavam a Custodia de Belem; desde os grammaticos dos bairros dos escolares como Frei Ximar e os astrologos «que no partir das naus para a India, ou no tempo que as esperava lhe tiravam juizo», como era o astrologo Diogo Mendes Vezinho, d'alcunha o «Côxo», e Thomaz de Torres seu physico; desde a leitura das chronicas dos Reis, seus antecessores, feita gravemente ao seu filho D. João, até ás passeatas Tejo abaixo, em galeras empavezadas, ao som das charamellas sacabuxas, cornetas, harpas, tambores e rebecas; desde as manhãs de Nossa Senhora da Pena á cata das velas que haviam de chegar pela barra, até aos serões dos domingos e dias santos, em que «Damas e galantes todos dançavam e bailavam, e elle algumas vezes», tudo era movido pela sua vontade, pelo seu capricho!

Já algumas vezes tive occasião de dizer que a indole deste Rei está por estudar. As linhas da sua politica, as tendencias do seu espirito, o feitio das suas elegancias merecem que alguem faça sobre ellas um estudo, que será o quadro do verdadeiro explendor de Portugal.

A engrenagem administrativa deste reinado é complicada. A vida mundana é lantejoulada.

Damião de Góes escrevendo os feitos gloriosos, Garcia de Rezende conservando os versos dos serões, não dão um con-

juncto panoramico. Mas nem um nem outro deixam de mencionar minucias que, na apparencia, insignificantes, são, porém, pedaços do enorme «puzzle» manoelino.

Assim, a grave chronica goesiana, descrevendo no ultimo capitulo as feições do Rei e enunciando as coisas a que era affeiçoado, a ordem da sua casa e o modo de viver, diz o seguinte: «Trazia continuadamente na sua Côrte, chocarreiros castelhanos com os motes e ditos dos quaes folgava, não porque gostasse tanto do que diziam, como o fazia das dissimuladas reprehensões que com geitos e palavras trocadas davam aos moradores de sua casa, fazendo-lhes conhecer as manhas, vicios, e modos que tinham, de que se muitos tiravam e emendavam, tomando o que estes truoens diziam com graças por espelho do que haviam de fazer».

Aquillo que Alexandre Herculano, na linguagem polida do seculo XIX, havia de dizer ácerca da funcção dos bôbos, chocarreiros e tregeitadores dos tempos medievaes, disséra-o ja o erudito chronista Damião de Góes, como acabamos de ver. Esses bôbos serviam de «Imprensa de Opposição»; de jornal de caricatura, e de revisteiros mordazes».

Eram instrumentos de debique, de censura, e até de azorragues politicos. Quando o monarcha estava desgostoso com alguem de sua casa e não achava que fosse necessaria uma intervenção sua, ou admoestação da sua bocca, o que daria excessiva importancia ao episodio, o truão encarregava-se de, em ar de desfrute, corrigir o desastrado.

E ainda mais.

Se o proprio Soberano se excedia, ou practicava acto

condemnavel que molestasse os que não podiam desaffrontar-se, era o bôbo quem numa aravia desenfastiada apontava o desvio de auctoridade régia e punha o dedo na ferida. O Rei fingia não comprehender, mas de si para si enfiava a carapuça, e o bôbo tinha assim cumprido uma missão proveitosa para todos.

*

* *

Vem agora aqui, a talho de foice, uma observação que arrancará do espirito do leitor desprevenido uma apprehensão natural, toda em desfavor do Rei D. Manoel, juntando assim mais uma accusação ao monarcha, ao qual historiadores e romancistas não poupam ataques e censuras.

Chocarreiros «hespanhóes»?

Então o «Venturoso» ia a Castella buscar bôbos para com «Gestos» e palavras», pôrem a claro as manhas, os vicios e os modos dos portuguezes da sua Côrte?

E assim ia fazer vexar legitimos nacionaes por estrangeiros?

Antes de mais nada convém notar que dizendo o chronista «Moradores da sua casa», não inclue neste numero os grandes vultos que figuram na Historia de Portugal.

Não era a um chocarreiro que o Rei encarregava de beliscar Vasco da Gama, Affonso de Albuquerque, ou Pedro Alvares Cabral. Não lhes confiava o encargo de «atirar piadas» (perdoe-se-me o plebeismo), aos grandes navegadores,

nem ao Vice-Rei. Moradores da sua casa eram os que n'ella tinham officio, habitação ou moradia, assentamento, mercê ou tença, isto é, pessoas que vivendo na roda agitada daquella numerosa Côrte, desempenhavam empregos e occupações junto dos soberanos, e que se envolviam em enrêdos ou eram victimas delles.

Áquelles, ou aos que arrastavam as reputações de alguns com inventos malevolos, ou allusões injustas, aos que prevaricavam, ou perturbavam a ordem com seus maleficios, é que o Rei D. Manoel mandava apodar pelos chocarreiros hespanhóes.

Convém advertir que não era isso deprimente para os portuguezes, porque os chocarreiros ao entrarem ao serviço do Rei portuguez perdiam a sua nacionalidade primitiva, e eram uns individuos encarregados de dizer graças, palrando castelhano numa Côrte, onde essa linguagem era corrente, pois as tres Rainhas que occupavam o throno, eram hespanholas, as duas primeiras, filhas dos reis catholicos, a terceira, irmã de Carlos V. Para que ellas apreciassem o sabor das chufas, apodos e truanices, tornava-se necessario que todo o palavriado dos bôbos fosse papagueiado em lingua que ellas entendessem.

Dá-se tambem o caso de durante um certo periodo os soberanos portuguezes serem jurados herdeiros de toda a Peninsula, o que tornava os truões quasi portuguezes de nascimento !...

As duas linguas eram faladas ou escriptas indistinctamente.

Gil Vicente, o genial comediographo encarregado de di-

vertir a Côrte durante muitos annos, compoz em hespanhol muitas das suas peças. O «Auto da Visitação», o Auto Pastoril Castelhano», o «Auto dos Reis Magos», o «Auto da Sibila Cassandra», o «Auto dos Quatro Tempos», «Auto de A. Murtinho» «A Comedia do Viuvo» o «Dom Duardos», o «Amarillis de Gaula», a «Farça dos Ciganos», etc., etc., foram compostos em hespanhol.

Gil Vicente, empregando esta lingua ou servindo-se das duas na mesma peça, para distinguir a condicção dos personagens, não obedecia sómente a um capricho, ou a uma exigencia litteraria ; quiz fazer-se entendido dos Soberanos que se sentavam no throno, lisongear-lhes o gosto, e mostrar-lhes alguma coisa de novo, que elles deviam apreciar.

Se os chocarreiros eram encarregados pelo Rei de debicar em certos cortezãos indiscretos, pouco delicados, refeces ou que, por qualquer acto, se tornavam desagradaveis, Gil Vicente tomava a si a missão de os corrigir, mas de uma fórma especial.

Era uma especie de «morosopho»; occupou um logar superior na escala dos que corrigiam, fazendo rir, dos que invectivavam personalidades para emendar costumes.

Ao lado delle, e tambem dizidor ou registrador de versos atrevidos, Garcia de Rezende, jocundo, folgazão, organizador de jogos, tangedor de viola e rimador, era egualmente uma especie de chocarreiro sem marréca, é certo, e sem guizos no bastão, mas recreador como os castelhanos.

Ora, Garcia de Rezende (sem que isto seja tomado á conta de irreverencia), era tambem truão á sua maneira.

Braamcamp Freire insurgiu-se de uma vez contra a idéa de considerar Gil Vicente como truão ou jogral. E' demasiada susceptibilidade. Esopo, um dos maiores genios da antiguidade, foi, como escravo, empregado em divertir. E entre nós, jograes foram até Reis, como D. Diniz.

Um truão e um jogral nem sempre são entes despreziveis.

O nosso Gil Vicente, entrando de ceifões e cajado na Camara onde a Rainha D. Maria, parida de dois dias, lhe ouve as graças; ou como o «Velho do Horto», dirigindo-se ás pessoas da Côrte e ás Donzellas da Rainha, debicando em cada uma; ou como «Clerigo nos Futricas», atirando-se aos medicos conhecidos; ou na «Barca do Inferno», não poupando pessoas em evidencia, que é senão uma especie de truão? O vulto d'elle é tão grande e a sua acção é por tal forma influente na Côrte, que a natureza, na apparencia degradante de um cargo, que hoje se nos affigura pouco digno, não deprime o auctor genial. Elle é que eleva as funcções que exerce.

A controversia ácerca da consideração que merece um autor-actor como foram Moliére, ou Shakespeare, não vem agora para aqui. Tempos houve em que um representador era considerado acima do vulgar; outros tempos em que era desprezado; e até a Egreja os excluia do seu gremio.

Nas sociedades modernas, são queridos, são estimados, são até condecorados; mas não deixam de revestir a sua condição historica. N'este caso, como em muitos outros, a qualidade da pessoa é que dá ou tira a importancia ao cargo.

Gil Vicente não se rebaixa sendo considerado por nós histrião.

*

* *

Outras entidades desabrochavam com varios matizes e modos de ser na Côrte magnificente do Soberano «Venturoso». para crearem alegria, espalharem galas, desfructarem e serem desfructados. Não usavam libré do officio nem se abaixavam ás subserveniencias e chocarrices vis dos que em troca das suas petulancias soffriam reprehensões, e até apanhavam algum sopapo á mistura. Flôres de distincção, os seus apodos tinham um arôma subtil que entontecia a victima e fazia nascer uma atmosphera hilariante nas assembléas que gozavam os seus ataques, remoques, ou lutas de espirito.

Eram estes os «Poetas palacianos».

Frequentadores habituaes dos serões, sem serem obrigados por dever de officio, alfinetavam os circumstantes, e compraziam-se em versejar (com mais ou menos arte), pondo as calvas á mostra a muitos dos que povoavam as salas.

Eram: Pero de Souza Ribeiro, o Barão de Alvito, D. João de Menezes, Jorge da Silveira e outros, uma pleiade numerosa, não fallando na parte feminina que tambem versejava e que no Cancioneiro é mencionada: — D. Maria Bobadilha, D. Maria de Athayde, que dá motes a Duarte de Brito, Isabel Dias, D. Isabel da Silva e outras, que adornavam as recepções do Paço e vinham da Côrte de D. João II

com reputação de cultivarem com malicia a «gaya sciencia». Os ditos de toda essa constellação esfusiavam nos Paços da Ribeira, as trovas feriam, ás vezes, as pelles dos cortezãos, as cantigas de maldizer espicaçavam vaidades, e até de quando em quando, ou demoliam reputações, ou traziam á luz dos lampadarios e candelabros os mysterios das alcovas, as fragilidades sensuaes e os ridiculos carnavalescos das personagens que se prestavam a galhofas.

Até alguns, na apparencia graves e sisudos, não escapavam ao debique, como foi o caso d'aquelle Vasco Abul, que, embora bom cavalheiro, foi julgado comicamente em Almada, na Côrte da Rainha D. Leonor, por ter querido rehaver uma cadeia de oiro com que presenteára uma bailadeira de Alemquer que lhe tinha perturbado o miolo.

Seria interessante esmiuçar e descrever scenas d'esse tempo, cujos echos se encontram nas paginas do «Cancioneiro», e em que, umas ás outras, as figuras da Côrte se arremessam mais sarcasmos do que os castelhanos, que andavam assalariados.

Embora me appetecesse desenhar o quadro, era incompativel com os limites d'este artiguelho.

Mas do que fica dito se sente que, chamando histriões aos poetas de «maldizer» que arranhavam a pelle dos seus camaradas de sala, ou chegando pimenta ao nariz das formosas raparigas para as fazer espirrar, com despeito, entre as picuinhas das companheiras, não deprimo os orgulhosos paçãos da roda aulica do grande Rei.

A especie de desprezo, já o dissémos, que attinge o truão,

o palhaço moderno, é legitimada, porque são entes a quem se paga para darem de si o triste espectaculo das proprias deformidades physicas, ou moraes, fazendo rir com a inferioridade das suas corcovas, soffrendo injurias para gaudio das galerias, ou expondo á risota as victimas que lhes cahem nas garras. Mas os que n'essa Côrte polida, embora frivola, e ás vezes ôca de senso moral, accendem o fogo de vista fabricado pelos seus espiritos, os que, pelo prazer, rimam gracejos ou despedem settas contra o amor proprio dos empertigados figurões, com risco de represalias, não merecem desdem do nosso animo. Pelo contrario! Somos-lhes gratos, por nos mostrarem indiscretamente pedacinhos de vida mundana de ha seculos, unica especie de bisbilhotice toleravel.

*

* *

Não é, portanto, uma heresia chamar histrião ao fundador do theatro portuguez «auctor et actor». Galhofou, apontou ridiculos, mofou dos grandes, piparoteou dignidades ecclesiasticas, morigerou com lategos de luz e flagellou com estalar em braza, poz o dedo em muita ferida infecciosa e fez rir toda a geração que o ouviu. A sua acção é benefica!

E El-Rei D. Manoel, feliz em tudo, até possuiu a gloria de ter na sua Côrte, para o divertir, um dos mais fecundos talentos comicos da historia — Gil Vicente!

V

TEMPOS DE D. JOÃO III

Este reinado é um quadro em que as pinceladas negras, deformando as feições de alguns personagens, como nos paineis do Grecco, se misturam com as côres garridas e letificantes das télas florentinas.

Rezava-se com recolhimento, as mulheres embiocavam-se, seguindo as procissões, descalças, com os pés sangrando; os peccadores penitenciavam-se com cilicios; os farricôcos, occultos nos seus capuzes, tocavam lugubremente as trombetas ou arrastavam cadeias; castigavam-se herejes; as emparedadas agonizavam nas suas tócas sinistras, a humanidade gemia com receio do inferno. Ao mesmo tempo amava-se pagãmente, nunca as paixões foram tão desenfreadas. Rimavam-se cantigas de escanho, trovas de mal-dizer, coisas de folgar em que a linguagem desbragada correspondia á sensualidade dos versejadores.

Se ao nosso olfato chega o fartum da carne tisnada dos christãos novos, levados com os seus sambenitos ás fogueiras da Inquisição, é tambem certo que nos nossos ouvidos se casa a toada das «galhardias» dansadas nos serões joaninos,

com o murmurio dos beijos furtados atraz dos reposteiros de arrhás por alguns pagens gaiatos, ás raparigas levianas de que nos chega a fama alegre pelas paginas do Cancioneiro.

As figuras do Monarcha e da austera Rainha, elle com o pelote de brocado cortado sobre setim pardo, talabarte de oiro e uma gorra de duas voltas com um firmal de brilhantes, ella vestida n'um corpete de seda adamascada, d'onde saíam as mangas soltas á guisa de azas de condor, e toucada com aquella especie de capacete ladeado por duas carcellas, como nos mostra o retrato da Madre de Deus, impunham um comedimento forçado nas seroadas da Côrte.

Retirados elles, depois de terminado o sarau, ou a farça vicentina, a gente moça respirava, e pelas salas dos Paços de Almeirim, de Evora ou da Ribeira, apertavam-se mãos, enlaçavam-se os pares galhofeiros, olhos mergulhavam n'outros olhos, e a natureza victoriosa recuperava os seus direitos, dando vida áquella multidão doirada, até então reprezada pelos liames da etiqueta.

A's vezes, se a Camareira-Mór, depois da despedida dos aposentos da Rainha, que se recolhera, atravessava de novo as salas ainda povoadas pela mocidade, as Damas e gente da Côrte retomavam a compostura e o proposito que agradassem á severidade de D. Maria Bocca-Negra, não fôsse ella, no dia seguinte, resmungona e mal humorada, delatar á Soberana, carregando a nota, em obediencia á mania das velhas que reprovam sempre os modos como as novas camadas se divertem. Isso dava azo a alguma reprehensão da

Rainha, que descobria os enredos amorosos, como o demonstrou no caso de Luiz de Camões, poeta namorado, desenvolto e brigão, que andava inquietando os corações e as phantasias da sua donzellaria.

As mais bem intencionadas duvidavam de que fôsse a Camareira-Mór a lingua coscuvilheira. D. Maria Bocca-Negra era mais inclinada aos exercicios de piedade ou ás praticas de devoção que à bisbilhotice do mulherio.

Essas suspeitavam, antes, que a intriga nascesse no despeito de algum pagem ou no rancor de algum moço fidalgo escarnecido, e mal conformado com as diabruras de algum rival preferido.

Mas, ao certo, ninguem sabia nada. As mais perspicazes, meditando na perseguição de que o poeta foi victima, talvez, no intimo, a attribuissem a alguem que andava em todas as rodas da Côrte, com a esperteza bastante para escutar e a falta de escrupulos sufficiente para borriffar com veneno as vidas alheias.

Quem?

Um preto creoulo, que, pela sua profissão, entrava em todos os aposentos, escutava a todas as portas, sabia todas as historias, tinha todas as liberdades, e era muito acceito dos seus donos, tanto El-Rei como a Rainha.

«Panasco», era o nome de guerra do bôbo preferido entre todos n'essa Côrte, em que os bôbos foram tão queridos. Tinha uma alma especial, que, envolvida nas sedas multicôres do seu justilho, e amoldada pela gorra de orelhas asininas de truão, o tornaram um ente malevolo, sem cons-

ciencia do damno causado pelos «zun-zuns» que ia espalhando.

E', portanto, plausivel que, assistindo a alguma das proezas do poeta, e vendo a estima em que era tido nos circulos escolhidos, sobretudo entre as mulheres, onde brilhavam as mais bonitas das Catharinas, fôsse d'alli denunciar á Rainha o idyllio dos namorados. Esta, que já trazia no espirito um travo rancoroso contra o autor do «Rei Seleuco», em que a aventura tantas semelhanças apresentava com a situação de seu marido com respeito ao Pae, e sabendo (talvez tambem pelo Panasco) que Luiz de Camões atirára quatro cachações a um tal Borges, guarda dos arreios nas cavallariças reaes, e porventura amigo do creoulo, este carregára na parte, quando contára o caso aos seus amos.

O «Panasco» parece ter sido o mais engraçado dos bôbos portuguezes. Seu nome era João de Sá (ou Antonio de Sá, como alguns lhe chamam). El-Rei D. João III fez-lhe muitas mercês. E tão saborosamente litterarios achava os seus chistes, que lhe deu o habito de Santiago. Assistia sempre á mesa de El-Rei, e divertia-o com as suas momices e «galanterias» apodando os fidalgos que se achavam presentes.

D. Francisco Manuel de Mello menciona-o no «Hospital das Lettras», dos «Apologos Dialogaes». Na celebre passagem em que dá conta dos homens notaveis de Portugal, diz: «Não foi a natureza nem a fortuna avára com os portuguezes da gloria e do engenho; porque tal Poeta como Camões, tal Historiador como João de Barros, tal Orador como Jeronymo

Ozorio... tal Mathematico como Pedro Nunes... tal Engraçado como Antonio Panasco, tal Comico como Gil Vicente... tal Capitão como Nuno Alvares, tal Rei como D. João II... não vimos que juntos a outra Nação se dessem».

Embora hoje nos pareça monstruosa esta approximação do preto creoulo ao épico dos «Lusiadas» e ao Santo Condestavel, não devemos esquecer que o tempo ainda não tinha elevado o poeta á altura em que hoje está, nem canonizado Frei Nuno de Santa Maria. Devemos tambem pensar que o Bôbo todo poderoso e faiscante de graça portugueza foi uma força, que influiu no andamento da machina complicada que era a Côrte de Portugal.

A graça portugueza deslocou-se desde então. Assim como as modas femininas, as ideias de esthetica, as theorias sociaes e scientificas, o sentido da belleza, e até o ouvido musical, mudaram com o tempo. Do mesmo modo a graça, o chiste, o apodo deixaram de ter o mesmo sabor que tinham tido no seculo e na sociedade em que nasceram e fizeram as delicias de nossos avós.

Lendo hoje, na «Collecção Politica de Apothegmas ou ditos agudos», de Pedro José Suppico, uma série de facecias do «Panasco», ficamos surpresos por vêr que elle foi considerado um dos homens mais espirituosos do seu tempo. E' verdade que o narrador, moço da Camara de El-Rei D. João V, não tem a penna graciosa e leve de quem se propõe contar coisas ligeiras, anecdotas frivolas ou casos para desfranzir as boccas sisudas. E' pesadão. Como a nossa escripta tambem carece de graça capaz de rejuvenescer ã prosa do

Suppico, limitamo-nos, para que não nos chamem um semsaborão como elle, a transcrever os trechos, que n'aquella obra se referem ao «Panasco».

«Gostava muyto El-Rei Dom João III de um preto crioulo chamado João de Sá Panasco; fez-lhe muytas mercês e deu-lhe o habito de Santiago. Assistia sempre á menza a El-Rey divertindo-o com as suas galantarias, e apodando os fidalgos com grande graça. Um dia apodando a todos não fez caso de hum filho de certo Desembargador do Paço, que tambem alli estava, o qual desconfiado de o não agradar como aos demais, lhe perguntou: E eu, Panasco, que vos pareço? Olhou-o elle por cima do hombro, e respondeu-lhe: Vós pareceis-me Fidalgo; dando a entender que o não era. Rirão-se todos, e o apodado ficou de maneyra que tomara antes não ter fallado».

(Contem esta anecdota um traço que, sem abonar a graça do truão, nem a philosophia do narrador, é digna de attenção, porque nella apparece uma feição typica das fragilidades humanas. Algures, no «D. Quixote», um personagem agasta-se, por não ser incluido nas injurias dirigidas aos companheiros. Ninguem gosta que o menosprezem, ou não lhe dêem importancia, quer seja no louvor, quer no vituperio. A vaidade humana é insondavel!)

Continuêmos a citação do livro do Suppico, nas passagens relativas ao «Panasco»:

«Perguntando-lhe um Fidalgo castelhano pouco discreto, que homem era Affonso de Albuquerque, respondeu «Panasco»: He um homem que vos saberá comprar, mas não

vos saberá vender. Hum dia apodando, como costumava aos Cavalheiros, disse D. Rodrigo de Menezes, Fidalgo tambem de muyta graça: «Ha se de soffrer, Panasco, que estejas apodando a todos, sem ninguem te apodar a ti? Chega-te cá para El-Rey nosso Senhor, que te quero apodar.»

Chegou-se elle, e D. Rodrigo lhe tomou as mãos, e virando-lhe as costas para cima, disse para El-Rei: «Senhor, ameixas passadas: E lógo virando-lhe as palmas, tornou a dízer: «Barrigas de carangueijos.»

Fernão Cardozo, que foi celebre naquele tempo pelos seus ditos zombando em huma occasião no Paço com «Panasco», chegou-se a elle a assoprar-lhe o habito, que tinha. Perguntou-lhe El-Rey que fazia? «Senhor, respondeu elle, estou assoprando esta braza, porque se apaga este carvão.»

Subindo o Infante D. Luis huma noite para o Paço com El-Rey, vio a João de Sá entre os moços da camera, que levavão as tochas: e disse-lhe: «João de Sá, afastay-vos, não vos pinguem.»

Estava João de Sá diante d'El-Rey D. Sebastião, que então era menino de sete annos, e querendo abrir a bolsa e não podendo, lhe disse El-Rey: «Tirai-a e ponde-a na cinta a outrem, e logo a abrireis.»

Estando doente «Panasco» em huma cama com lançoes, cobertor e cortinas tudo branco, foy a vel-o o Conde de Redondo, D. Francisco Coutinho, e disse para outros Fidalgos que lhe parecia mosca em Leyte.

Vendo-o com o habito de Santiago, dizia o Conde: «Não lhes parece a vossês sacco de carvão com a marca da Cidade?»

Sendo já velho, deo em dar no vinho, e o vinho nelle; por esta falta não hia ao Paço, senão a horas de jantar, e dizia o Conde que «Panasco» era como os da Noruega, que não tem mais que duas horas de dia.

Finalmente morrendo «Panasco» de uma ferida, disse o Conde, que fora bem desgraçado em não lhe chegar com a lingua.

João de Sá Panasco dizia que a felicidade de um cavalheyro portuguez consistia em chamar-se Vasconcellos, ter huma quinta, seiscentos mil réis de renda, ser parvo, e não prestar para nada.»

Escapa-nos a subtileza e a graça de alguns d'estes apophtêgmas, mas, se conhecessemos o Vasconcellos parvo e feliz a que acima se allude, talvez achassemos grande «pilheria», ou muita «piada», como agora se diz.

O Conde de Redondo é aquelle mencionado no «Clerigo da Beira» e na «Náu de Amores», de Gil Vicente. Tinha decerto mais viveza de engenho e agudeza nos ditos, que os revelados nas anecdotas do Suppico.

O que essas anedoctas nos indicam é que a importancia que teve, no seu tempo, o negro beberrão, não era só devida ao favor que os soberanos lhe dispensavam, mas tambem a meritos proprios, que D. Francisco Manuel de Mello confirma, incluindo-o n'uma lista em que figura o proprio Camões.

* * *

Vivendo ambos na mesma roda, um com todas as superioridades — genio, gentileza, prestigio entre as mais lindas mulheres — o outro — um preto de condição servil, talvez, no intimo, um revoltado, tendo no coração a esponja de odio sempre prompta a porejar fel (que é attributo da sua especie), não é de surprehender que do choque das duas almas, nascesse, no animo do negro, um desejo de prejudicar o aureolado poeta.

Embora fosse tentadora a tarefa de architectar agora uma scena romanesca, dando como certo o rancor do truão, e dahi a causa da desgraça do apaixonado adorador de D. Catharina de Athayde, abstemo-nos d'essa empresa, posto que quasi todos os camonistas, com Stork á frente, dêem largas á phantasia quando se trata da vida do poeta.

Um, como o meu amigo e sábio investigador José Maria Rodrigues, cultor insigne de Camões, compôz um livro, para demonstrar que a grande paixão do infeliz sonhador foi a Infanta D. Maria, filha de El Rei D. Manoel.

Outros apparecem, agora, fundando-se n'um manuscripto de uma das décadas inéditas de Diogo do Couto, existente na Bibliotheca do Porto, e querem demonstrar-nos que o celebre soneto :

Alma minha gentil que te partiste

. . . .

foi inspirado, não pela morte de Natercia, mas sim de uma chineza, que navegava com elle, quando foi do naufragio em que ia perecendo Camões com o seu poema.

A lenda fica de pé, por mais que os eruditos a remexam (como acontece com todas as lendas) com hypotheses e conjecturas que não passam disso, emquanto não apparecem documentos... E, ainda assim, o nome de Natercia ha de sempre voar na atmosphera brumosa da tradição, docemente enlaçado ao de Camões, como Laura, Beatriz, Francesca e todas as amorosas que enfeitiçaram as almas lyricas dos poetas.

Não é, pois, demasiado atrevimento que eu formule uma conjectura que, por ser gratuita, não é inverosimil, visto estar na logica dos caracteres dos diversos personagens: — a Rainha D. Catharina, severa, intolerante em questões de amores, inclinada a escutar ruge-ruges das antecamaras, ou fossem resmoneadas pelo «Panasco», ou (bastantes annos depois) pelo seu cunhado, o cardeal D. Henrique, algo bisbilhoteiro, acerca do idyllio (?) de D. Sebastião com a filha do Duque de Aveiro

— Luiz de Camões, apaixonado, entregue ao seu sonho, estouvado, brigão, com o sangue na guelra, cantando amorosamente os seus devaneios, emquanto não punha em oitavas a epopêa lusa:

— O bôbo, enfatuado pela importancia que lhe davam os soberanos, as Damas, os cortezãos, como o Conde de Redondo, que provocavam os dislates do pretinho, o que mais lhe fazia ressentir o desdem que o poeta lhe demonstrava...

O leitor, agora, póde architectar, conforme a phantasia de que dispuzer, o drama que se ia desenrolando, e que havia de ter o seu epilogo no destêrro de Camões.

O «Panasco» ficou, desde então, alliviado com a ausencia d'elle, que lhe ensombrava, pela sua presença, a «vis histrionica»...

Não era elle o unico, da sua profissão, que florescia na Côrte. Houve tambem o «Marmanjo Mór», Dom Fernando de Roxas, castelhano, chocarreiro do Paço, homem que tinha siso, segundo diz Paiva de Andrade, n'umas «Memorias» inéditas, citadas por Camillo. A Rainha Dona Catharina era caroavel aos momaros, desenfastiando-se com as suas truanices e motejos. Trouxera esse gosto da Côrte de Carlos V, onde havia muitos, não só ao serviço do soberano, como dos nobres, que, nas suas casas opulentas, não prescindiam do luxo d'estes excentricos parasitas.

Já vimos como «D. Francês» pertenceu ao Duque de Bejar, que o trouxe á raia de Portugal, quando veiu, a acompanhar a futura Rainha D. Catharina, e depois, quando veiu buscar a Infanta D. Isabel, que ia ser Imperatriz.

O bôbo «D. Francês» era de uma intellectualidade superior á do nosso «Panasco». Mas, n'isto de momices, ás vezes, os mais apreciados eram justamente os mais tolos, os que mais parvoices diziam. Havia-os microcephalos, imbecis, aparvalhados nas suas respostas, que faziam as delicias da Côrte.

Pertencia a este numero um que foi uma especie de brinquedo nas mãos do Infante D. Duarte, irmão de D. João III.

Este Infante, laudatoriamente engrandecido por André de Rezende, em livro em que o biographou, e tão assanhadamente atacado por Camillo Castello Branco, é um producto do seu tempo, nem melhor, nem peor que os da sua egualha.

Não deixou de si grande memoria. Se André de Rezende, o humanista e sabio archeologo, o não tivesse tomado para assumpto da obra que escreveu, já tinha cahido no fundo do poço do esquecimento, onde mergulham os mediocres.

Para nós, n'este momento, não se impõe pelas maravilhosas qualidades que lhe attribue o seu biographo e seu mestre, n'esse livro qne dedicou ao filho d'elle, o Duque de Guimarães, nem pelas investidas truculentas de Camillo. O que nos interessa é saber que, além dos bôbos, para assim dizer «encartados», havia outras entidades que o Infante explorava para se desenfadar, taes como Felippe de Brito, graciosissimo em «contrafazer linguagens»; João Nunes Pardales, o caçador que era embaçado, ou se deixava embaçar complacentemente...

A respeito d'este, conta Rezende varias anecdotas, a que chama «burlas graciosas». Entre ellas menciona a que foi armada ao referido «Pardales».

Um dia, em Evora, estando o Infante hospede do Cardeal, jantava á pressa. Em frente d'elle, «Pardales», com um açor no braço, tudo era incitar o Infante a abalarem para a caçada das garças. Felippe de Brito, então, vestiu-se «com um traje de mulher, com seu manto coberto e rebuçado à castelhana, e entrou pela camara em que o Infante estava à mesa, a grandes vozes dizendo: «Justicia, Señor, justicia!» O Infante perguntou-lhe de quem pedia justiça, ao que respondeu: «Señor, de aquel' mal hombre que tiene aquel pajaro en la mano, que me sacó de Castilla, de casa de mi padre con promesa e juramento de casarse conmigo, e dexô-me

como traydor, y tomó no menos de dós o tres con que está abarregado»! «Pardales» atarantadissimo, jurou e tornou a jurar que era falso o que aquella mulher allegava.

O Infante (diz Rezende), que do caso sabia, não podia ter o riso, sobretudo quando a falsa mulher, despojando-se do seu mantéo, quiz arrastar o «Pardales» a um bailado, tornando-o alvo da galhofa geral. Tão vexado ficou que determinou deixar o serviço do Infante, mas reconsiderou... quando lhe deram uma bôa gorgeta.

N'esta e n'outras partidas passava o Infante o seu tempo, por ser muito amigo de burlas, desfrutes, chacotas e troças varias.

Aquella que o bom Rezende relata com complacencia, e que despertou a má vontade, aliás explicavel, de Camillo Castello Branco, foi a seguinte, que transcrevemos da biographia do Infante:

«Hum Christão novo chamado Paz, trouxe da terra de Braga ao Cardeal hum Joamni, velho, parvo, da mais simples, ignorante e não contrafeita parvoisse, que se podesse imaginar. O qual assi na estatura e feições, como nas fallas sempre sem proposito, e nos feitos era a intima graça, ao qual depois chamavão «Dom João». Deu-lhe o Cardeal o mesmo Paz por ayo; e por isso lhe fazia mercê; e o Paz se sabia bem aproveitar com seu pupillo, e fazia bem seu caso com elle, levando-o hora a El-Rei, hora á Rainha, hora aos Infantes, que não havia mister mais festa para alegrar uma pessoa malenconizada.»

O Paz, christão novo, abusou. Quando não recebia boa

esportula, fazia-se rogado, e, na vez seguinte, quando o chamavam, faltava, e ia para casa de um amigo, que se presumia ser Rabbi.

Uma vez o Infante mandou lá desencaval-o, e obrigou-o a trazer Dom João, a quem deu de comer e beber, rindo das suas graças.

Quando o Paz quiz retirar-se, o Infante obrigou-o a ficar, para o banquetear. Chamou, então, André Alvares, seu reposteiro, a quem tinha ensaiado, e mandou que trouxessem uma grande espetada de toucinho, o mais gordo que pudesse achar.

«Come, Paz, que é muito bom», dizia-lhe o Infante, com zombaria; e o dissimulado judeu, muito contrafeito, lá ia engulindo... Mandou repetir a dóse e deu-lhe a beber uma tarraçada tão grande de mel rosado que o infeliz ia vomitando as tripas, entre as gargalhadas dos assistentes.

D'ahi a um mez, tornando a mandal-o chamar, encontraram-n'o outra vez em casa do Rabbi. Quando o Infante o admoestou, respondeu com insolencia. Ora, o Infante Dom Duarte, que tomára gosto ás pirraças com sabor inquisitorial, determinou dar-lhe uma lição. Tão brutal foi ella que ainda hoje nos repugna recordal-a.

«Mandou trazer (conta Rezende) hum barrete novo com uma borla de seda amarella, e todo por dentro untado com termentina, e disse ao Paz : Senta-te em aquella cadeira, que te quero pôr este barrête por tua honra e de teus parentes. Pôs-lhe então o barrête, que era sobre apertado, encasquetando-lho, bem, e não consentio que o tirasse, mandando que

tivessem resguardo: com a quentura da cabeça e demora de tempo a termentina se secou de maneira que o barrête depois não podia sahir senão em pedaços, e arrancando-lhe parte dos cabellos da cabeça, ficando os outros em tamanho pegamasso, que foi necessario raspar-se com assás trabalho e dôr.»

Custa-nos agora a comprehender como aquelle passatempo podia dar prazer a alguem.

Mas, se considerarmos que isto se passava no tempo em que um Auto de Fé, com o rechinar dos corpos na fogueira, era um espectaculo ao qual as senhoras vestidas de gala, homens bem dispostos, bispos, frades e todo o povo se commpraziam de assistir, gosando festivamente, emquanto nas tribunas iam bebendo agua de rosas e outros refrescos, sentimos que talvez haja attenuantes na brutalidade estupida do Infante para com o marrano que lhe servia de desfrute.

O infeliz, mais tarde, cahiu nas garras da Inquisição, onde talvez tivesse saudades do barrete com o seu fôrro arrepellador. Morreu n'um carcere com peçonha, não lhe valendo ser apaniguado do Infante.

Este continuou nos seus folguedos e nos exercicios de latim, em que, segundo diz Rezende, deu provas de excellente engenho, lendo as «Categorias» de Aristoteles, e Perihermenias», assim como Tulio, «De Officis», que repetia de cór. E ainda mais. Ao acabar, declamava depois ao revés, isto é, do fim para o principio. O proprio Rezende, latinista, pedagogo e pesadão, taxa de «superflua» (euphemismo de cortezão) esta applicação da memoria. Ainda assim, era

menos inoffensivo este exercicio do que a sobreposição do barrete forrado de therebentina na cabeça do misero christão novo.

*

* *

Atraz dissemos já como é grande a escala dos truões, tregeitadores e homens de prazer. Vae desde os imbecis, como aquelle Dom João que divertia o Infante Dom Duarte, até ao genial Gil Vicente. que, depois de fazer as delicias da Côrte, é glorificado, pela posteridade, como iníciador do theatro portuguez.

N'este periodo em que nos achamos, a série é grande. Muitos não deixaram de si memoria. Outros, porém, são considerados como histriões, embora a sua profissão não seja propriamente essa. Assim, por exemplo, Suppico, nos seus «Apothegmas», inclue o «Chiado», frade ribaldo e comediographo, na grande familia dos que fazem rir os outros. E conta varias anecdotas.

«Quando casou (diz elle) D. Simão da Silveyra com D. Guiomar Henriques, Dama do Paço, muyto pobre mas que tinha muytos vestidos, dizia o Chiado, gracioso celebre d'aquelle tempo, que D. Simão casára bem se se fizera traça.

Mais adeante, diz assim:

«O Chiado hia visitar um amigo seu que morava em uma escada de três andares; e ao tempo que subia, huma mulher

que vinha descéndo, escorregou e cahiu por ella abayxo: elle que jà hia no meyo da escada, se afastou com muyta cortezia e lhe disse: «Vá passando, minha alma.»

Este Chiado, considerado assim «gracioso», levava ao Paço de Dom João III as suas comedias, onde ha sal e pilheria, um tanto chula, sim, mas a que o proprio Camões se referiu com louvor. Autor dramatico, como Gil Vicente (salvas as differenças), é, comtudo, incluido entre os buffões da sua épocha, e tinha as liberdades de que os seus congeneres gosavam.

A's vezes, a impertinencia quasi excedia os limites da boa educação; mas tudo era perdoado, por ser de um ente cuja responsabilidade era limitada.

Assim, por exemplo, um tal Perico de Ayala, hespanhol, truão do Marquez de Vilhena, assistia uma noite, atraz da cadeira deste magnate, emquanto jogava as cartas com a Marqueza, sua mulher, que, segundo parece, era formosissima. Discutiram entre os dois (marido e mulher) a parada, que era abraços. O Marquez hesitou em aceitar a proposta de dez. N'isto o caturra Ayala puxou-lhe pela manga, e atalhou com gaiatice irreverente: «Tope V. Excellencia, y va la mitad por mi cuenta.»

Não teve a correcção devida, porque a um bôbo tudo era permittido. Perdoavam-se-lhes as inconveniencias, porque elles davam alegria. Além de que era uma distincção ter um bôbo espirituoso, ou folgazão, e fazer-se acompanhar d'elle nas diversas deslocações de uma terra para a outra. Tornava-se necessario atural-os para os conservar.

Durante este reinado fervilharam nos Paços reaes e nas casas nobres.

Ainda appareceriam na tribuna real, durante o celebre torneio de Xabregas, por occasião de ter sido armado cavalleiro o Principe Dom João, herdeiro da corôa? E' de crer! Embora Jorge Ferreira de Vasconcellos não mencione a presença de nenhum d'elles, é provavel que se achassem n'aquella solemnidade, uma das de maior brilho do final d'este reinado.

Depois abriu-se o parenthesis do ephemero idyllio do Principe Dom João, lindo ephebo de 16 annos, casado com a Infanta D. Joanna. Entregou-se tão intensamente ao amor da sua linda mulher, ardente hespanhola trazida pelo destino ao seu thalamo, que em poucos mezes, extenuado, desfallecido, exhausto de forças, sentiu-se morrer nos braços d'ella, deixando-lhe no ventre o nascituro D. Sebastião.

Finalmente, a morte do Rei, a partida da Princeza hespanhola, o recolhimento da Rainha no seu luto, lançaram sobre a Côrte um véo de tristeza.

*

* *

Calaram-se os écos das festas, fôram recolhidos aos seus estojos as cistulas, as enxabebas, os atabales, os arrabis, que davam rythmo ás dansas; emmurcheceu a vida em toda a sociedade; emmudeceram os guinchos dos truões, chocarreiros e graciosos.

Mais adeante, quando D. Sebastião tinha já a sua Casa, figuram n'ella, a par do seu aio D. Aleixo de Menezes, dos dois Camaras jesuitas que o educaram, de Pedro Nunes, que lhe ensinava cosmographia, e de outros personagens de primeira grandeza, o «Coito», celebre histrião, e ainda o «Panasco», já velho e decadente, que acompanhava com os seus esgares avinhados a agonia da nacionalidade.

Tudo decahia! Até aos bôbos ia faltando a veia comica e o sal para adubarem os seus chistes.

Por isso, lá do escondedoiro da Tapada, ouve-se, então, a voz de Sá de Miranda, clamar, melancholicamente:

«Os mômos, os serões de Portugal,
Tão fallados no mundo, onde são idos?
E as graças temperadas do seu sal?»
....

VI

Dom Francesilho

BOBO DE CARLOS V

Esta figura não é a d'um simples histrião ou chocarreiro, na Côrte do grande Imperador.

Quasi chronista, pois os seus escriptos, embora jocosos e desataviados na linguagem, são paginas de Historia; — quasi cortezão, porque embora de modesta origem hombreou com os maiores senhores de Hespanha, e conheceu a fundo as intrigas do palacio e das almas; — quasi litterato, porque as suas cartas ao Marquez de Pescara e a que dirigiu ao Rei de Portugal não são simples epistolas, mas teem sabôr de bellas lettras, este vulto eminente entre a bobaria peninsular, hespanhola e portugueza, tem o seu logar na bibliographia geral com a *Chronica burlesca del Emperador Carlos V.*, e o *Epistolario* publicado na *Biblioteca de Autores Españoles* de Rivadeneyra.

Mas ainda mais. O erudito investigador Menendez Pidal, encontrando em Valladolid umas cartas do celebre truão — Francesilho de Zuñiga —, não desdenha com esse pretexto

fazer dois artigos, publicados na ***Revista de Archivos, Bibliotecas y Museos***».

E' d'esses artigos que tiramos algumas notas ainda não conhecidas sobre este bôbo, que andou mettido tambem na nossa Côrte quando foi da vinda de D. Catharina a casar-se com o nosso D. João III, e da ida da Infanta D. Izabel para se casar com Carlos V.

Este personagem, se não pertence á Historia como heroe estadista, sabio, ou grande da terra, tem merecido estudos de escriptores distinctos, como Wolf, e Dom Adolfo de Castro, e agora mais pormenorisados de Menendez Pidal, que para a sua biographia, se serviu principalmente das confidencias autobiographicas, que são dignas de credito; — ***«por que asi como este historiador jocoso, tan burlon como exacto, no inventa nunca en la cronica los succesos actuales que dan pie al comentario humoristico, de igual manera se ha de tener por verdad en el fondo, cuanto dice tocante a su persona.***»

Além d'isso, para se avaliar da exactidão das suas affirmações, basta rebuscar nas collecções de anecdotas e ditos picantes imputados ao celebre figurão, que alegrou a uns, arranhou a vaidade de outros, lisongeou algumas mulheres bonitas; arreliou outras com os seus apodos, bajulou o Imperador e alguns Grandes, e magoôu outros, que não lh'o perdoáram, e precipitaram a sua desgraça.

Pequeno e gôrdo, o seu phisico prestava-se ao papel que desempenhava. Olhal-o despertava o riso. Ouvil-o provocava galhofa e hilaridade.

Começara a sua vida no officio de alfayate; e então sem ainda pressentir o destino que lhe estava reservado, casou com uma Fulana de la Verna, e tiveram filhos.

Mas como a thesoura do officio era menos afiada que a sua lingua de maldizente, foi esta que lhe abriu caminho até ao Duque de Bejar, o qual, se não o tomou para seu truão effectivo, o incluiu na sua comitiva quando por duas vezes veiu a Portugal.

De cortezão do Duque de Bejar, facil lhe foi entrar no Paço e obter as boas graças do Imperador Carlos V.

O melancholico Cesar comprazia-se em ouvi-lo papaguear as suas graçolas ou espicaçar os seus cortezãos.

Quando em Segovia meditava taciturno sobre o destino dos seus vastissimos estados, e recordava scenas dolorosas da sua vida, a presença do bôbo desanuviava-lhe o animo; e chegou a rir quando este, ouvindo bater á porta, o Imperador lhe ordenou que indagasse quem era. Dom Francez informou o soberano que era um nobre, proprietario de poucas terras junto á raia de Portugal.

«Que espere»; disse mal humorado o monarcha.

E o truão commentando: «Se o deixa alli muito tempo, elle mette todas as suas terras no pequeno alforge, e abala para Portugal.»

O cortezão, que o ouviu, embezerrou, mas o Imperador sorriu. E um sorriso do Imperador era uma fortuna, que compensava bem o jocôso do rancôr do intrúso nobre.

*
* *

Dom Francesilho era uma potencia ; elle proprio se intitulava «criado privado, bienquisto del Emperador.»

E era-o. Acontecia porém que ás vezes o soberano hypocondriaco nem com as graças mais picarescas esboçava a sombra d'um sorriso. Se o bôbo insistia, elle então, abalado pela febre quarta que o minava, berrava-lhe no seu pessimo fallar castelhano:

— «Señor Dom Francês: id ***vous*** con todos los diablos!»...

N'essas occasiões o bufão encolhia-se, e os cortezãos tremiam.

D'esses cortezãos ficaram esbôços vivos no ***Epistolario***, e na ***Chronica*** do espirituoso alfayate chocarreiro.

Passam n'esse estereoscopio o Duque de Calabria, commerciante de sêdas «a alta e grossa Rainha, dona Germana de Foix», casada em terceiras nupcias; — o Almirante de Castella, Dom Fradique Henriques, escuro de pelle, corpo quasi anão, que, morrendo sua mulher, «parecio con el luto raton con gualdrapa;» — a Marquêza de Denia, «mandona, tocana ; D. Anna de Castella, falladora sempiterna ; — o Marquez de Mondejar, «coloradote como el capitan de la guardia de los alemanes»...

E' uma verdadeira galeria. Está a gente a ver a Côrte do poderoso monarcha, com as suas grandezas, e sobretudo com

os seus ridiculos, pois a musa de Dom Francez é caustica e sangrenta.

A par das Damas formosas e môças, destinadas á Imperatriz, ou a Rainha D. Leonoraté esta ir para França, esquadrão volante de brilho singular, — garridas, espirituosas, apimentadas chalreadôras, e apreciando os gracejos de D. Francez, apparecem as gordanchudas Duquêzas, jarrões trazidos ainda da Côrte de Izabel a Catholica, mal humoradas e pouco accessiveis á alegria do petulante truão.

Este, como se o seu cerebro fosse um *Kodak* aperfeiçoado pela graça do photographo, ia fixando para a posteridade silhuetas que não se desvanecem.

Bufão, mas historiador.

Em 1525 fez parte, como já dissemos, da comitiva que veiu entregar a Infanta D. Catharina a Portugal.

Essa Rainha, cuja figura ficou gravada nas chronicas, com o seu ar severo e grave, e a quem o proprio Camões, contrariado por ella nos seus amores, chama **crua**, era n'aquelle tempo uma princezinha encantadora e alegre, satisfeita por se ver livre da Côrte do seu carrancudo irmão; curiosa de conhecer o marido que lhe estava destinado, e que já fôra viuvo de sua irmã mais velha.

Nas successivas paragens, desde Tordesilhas até á raia, emquanto se preparavam as refeições, e os cavallariços tratavam do gado extenuado, os ditos agudos do bôbo, as facecias com que adubava a conversação, e os remoques a alguns dos cortezãos moïdos com as fadigas da viagem, faziam rir a qella Infanta, e até mesmo a Marqueza de Denia, «mandona y tacaña.»

A sua ironia, a sua veia sarcastica, os saborosos commentarios ácerca dos episodios da viagem, as larachas (permita-se-me o plebeïsmo,) que á sua musa foliona inspiravam as pequenas miserias de alguns dos cortezãos que acompanhavam a Infanta, a lingua solta com que adubava os doestos, o feitio litterario dos seus apodos, a sua percepção do lado comico das coisas, e a facilidade em caricaturisar as figuras graves, faziam com que a companhia do extravagante personagem fosse preciosa, para desvanecer os incommodos da jornada. E assim foi;

A Infanta trouxe para cá recordações hilariantes do bôbo do seu paiz. E pôsto que houvesse bôbos tambem aqui, como havêmos de ver, estes não tinham a pluralidade de competencias truanêscas que adornava o bufão de Carlos V.

Logo depois de 1527 fez D. Francez uma viagem para vir á fronteira esperar a linda Izabel, Princeza de Portugal, destinada a casar com o Imperador.

E novamente teve ensejo de, com as suas divertidas facecias, desannuviar o espirito da Infanta saudosa, que deixava a sua patria.

Chegando á Côrte, deu-se então um caso original, um caso inesperado na sua vida de escriptor: o exito que teve a sua ***Chronica***, e as contrariedades que resultaram d'esse triumpho.

Emquanto as suas chufas eram *falladas*, e propositadamente esquecidas pelos molestados; — emquanto a sua veia, por vezes sangrenta, applicava piparotes palrados em muitas vaidades, sem que isso passasse das quatro paredes da

salla real, apenas lhe valiam alguma ameaça das victimas, e por vezes algum cachação, ou ponta-pé bem applicado no pousadeiro.

Mas quando as copias da sua *Chronica* burlêsca começaram a correr de mão em mão pelos soalheiros da Côrte, os que n'ella eram ridicularisados sentiram que ficariam assim perante a posteridade; desencadeou-se a borrasca, e nunca auctor soffreu tanto com o exito d'uma obra.

A sua vaidade lisongeava-se; o seu amor proprio sentia-se acariciado; mas sentia tambem a tempestade rugir e ameaçal-o.

As victimas não lhe perdoariam, embora lhe fizessem contumélias para evitar novas ferroadas d'aquella lingua que — segundo a sua phrase ao marquez de Pescára, — «Si vos habeis muerto a diez, (na guerra), yo mato a ciento, con esta lengua que Dios me dio!»

Pela bôcca morre o peixe... e os truões.

Foi o que aconteceu ao nosso Dom Francez.

Mas não antecipemos.

*

* *

Em 1527 appareceu a **Chronica**; e o triumpho litterario foi tal, que logo começou a ouvir os urros dos attingidos.

Alguns, até, não se contiveram, e choveu sobre as nadegas rochunchudas de Dom Francez uma saraivada de chulipas, de que nem a protecção real o salvava.

Lá se ia esquivando o melhor que podia; mas queixava-se n'uma carta ao Imperador, em que dizia:

Si pensara, Señor Emperador, que tan mal me habia de suceder, y que tan poco habia de medrar y que mis amigos habia de perder, y tanto enemigo cobrar, y tantas sobarbadas llevar, para mi santiguarda y por merced de los hijos de Doña Sancha, que mal amenazado me han, que ni cuentos me hiciera, ni coronista me llamara.»

«Mas nó me maravilla, que negocio és muy usado que quien mucho habla su pago lleva, y muy poco medra, digo de riquezas y bienes comunes; por que de palos y pescozones, en su mano es dallos, y en mi trabajon cuerpo recibillos».

Poucos annos depois, um escriptor nosso, Francisco de Moraes, pagava n'uma praça de Evora a injuria que dirigira a uns francezes, na Côrte de Francisco I, quando andava apaixonado pela bella Torcy.

— Entretanto o Imperador não retirou a Dom Francesillo as graças, o que era para elle um *palladium*.

E como o seu espirito era sempre scintillante, a Imperatriz apreciou muito as suas cartas.

N'uma, por exemplo, explicava elle os motivos porque não ia vêl-a na ausencia de Carlos V, que fôra para Italia:

«No he ido, por dós cosas: lo primero por mis enfermedades; que he estado «ad te levamini portae aeternalis. *Lo segundo, porque quando mis ami-*

gos nó estan en su casa, no oso ver a sus mujeres, y ansi queria que hiciesen mis amigos a mi.»

Esta liberdade de bôbo era semelhante á que dirigia á Rainha D. Leonor, quando lhe dizia que se estava roendo de ciumes por saber que ella ia ser entregue a Francisco I, seu marido.

A um truão, tudo era permittido!

A Rainha D. Leonor, porém, não ia tal tão depressa para França.

Emquanto duravam as negociações para a sua entrega, ficava ella em Victoria longos mezes, e em Torrijos, onde as suas damas se aborreciam e enfastiavam.

Escrevêram então a Dom Francez, «***de quien nó tenian cartas tan frequentes como quisieran por recobrar el buen humor y para que les contestase y les contase las andanzas de la Côrte por Sevilla y Granada, donde a la sazon se hallaba el Truhan***».

Na carta á Rainha D. Leonor, conta a chegada da Imperatriz e commenta varios episodios da Côrte.

Depois accrescenta:

«***Dira Vuestra Alteza a Doña Guimar de Atayd, que las damas portuguesas son presunciosas, y que le suplico que se acuerde que quando en ellas hablaba, yo alçaba el dedo menique***».

Sem saber bem qual o sentido d'este ultimo pormenor, vê-se que o bôbo, além de chronista, e gracejador, era bisbilhoteiro, e proprio para entreter mulheres que se aborrecem.

Por isso ellas em Victoria, no mez de Maio de 1526, entre bocejos e aborrecimentos, escreviam a Dom Francez, tratado por «*Oste de locos*», isto é, o primeiro entre os bufões, e despachavam um correio com uma carta, censurando-o por não escrever com mais frequencia.

Esta carta é como um chilrar de canarios em gaiola doirada.

Dão novidades, e pedem-n'as para seu regalo.

A nós, agora, pouco nos importa saber se a Senhora Tumba, (dama da Rainha) estava muito chorosa, e qual o motivo porque a quarentona D. Maria Manuel lhe manda lembranças, e lhe pede que não a procure nos costados do Arcebispo de Tolêdo.

São pequenos nadas que não interessam senão á sociedade em que os factos se dão.

Ha porém cambiantes que—embora pouco claros, nos esclarecem sobre a vida das gerações que passaram e teem um sabor de bafio que não é desagradavel.

O bôbo respondeu a esta epistola com outra datada de Granada, em Junho de 1526.

Começa por invocal-as — «Muy ociosas Señoras». (O adjectivo é bem applicado).

Essa carta, muito bem lançada, é digna de ler-se toda; — mas como excederia os limites d'este pequeno capitulo, apenas a ella alludirêmos.

Increpa-as, dizendo: «*Malditos sean vuestros percudes ;*» mas depois vae-lhes dando muitas novidades; entre outras, que do bandulho da Marquêza de Cenete, sacaram

quinhentas arrôbas de manteiga e setenta para alimentar Alhambra... E conta muitos mexericos, para nós sem sabor.

Allude a historias passadas com o Duque de Calabria, recem-casado com Germana de Foix, viuva de Fernando Catholico.

Na donzellaria da Rainha deliravam com esta enfiada de ruge-ruges. Se dependesse só d'ellas, o favor de Dom Francez não acabaria.

Havia porém muito quem contra elle trabalhasse, e havia a natureza do soberano, já saciado das graças do seu truão.

Um dia, nos começos de 1529, o Imperador estava em Tolêdo, muito preoccupado com os negocios de Italia; e fallando da expedição que projectava, deixou escapar esta phrase:

«Muitos hão-de querer ir commigo, e eu não lh'o hei-de consentir; outros quererão ficar, folgando, e obrigal-os-hei a partir.»

O bôbo com viveza pegou na phrase do soberano, torceu o bico ao prégo, e dirigindo-se aos cortezãos presentes disse:

«Habeis visto que bien acondicionada es Su Majestad, que quiere a los que no quieren, y no quiere a los que le desean servir»?

Ninguem se riu. Dom Francez repetiu o chiste, dirigindo-se ao soberano.

Este franziu os sobrolhos.

De novo o bôbo insistiu; e tantas vezes, que o Imperador, aborrecido, mandou que se retirasse.

O bôbo, corrido, refugiou-se nos aposentos da Rainha; mas o seu reinado estava terminado. Era uma realeza desthronada; e, como tal, todos o pisaram.

Retirou-se da Côrte, e foi para sua casa, em Navarredonda, onde esperava encontrar socêgo para o resto da sua vida; — «*y podré decir que soy Agricola.*»

Havia porem inimigos que não lhe perdoavam as graças com que na Côrte os ridicularisára. Vigiavam-n'o. Seguiam-n'o. Espiavam-lhe a vida.

Elle sentia que não estava seguro. Suppunha porem que o desfecho não fôsse tragico.

Mas foi!

Um dia, em que por uma rua da pacifica aldeia se dirigia a casa, um rufião, pelas costas, deu-lhe uma punhalada.

Dom Francez baqueou.

O seu vulto gordo e grotesco agora tinha um aspecto tragico.

Nunca se soube quem o ferira; nunca se soube quem encarregou o rufião d'essa vingança.

Na pacata aldeia o alvorôço foi grande. Acorreram vizinhos e parentes, levando-o em braços até sua casa.

Quando entraram com elle no pateo, alarmada com o tumulto, sua mulher appareceu pressurosa.

«Que é isto? Que é isto?...»

Dom Francez, conservando serenidade e apropósito no espirito, murmurou com um sorriso malicioso:

«Señora, no es nada, sino que matan a vuestro marido.»

O chocarreiro não se desmentia. A vida para elle não era uma tragédia. Apenas um episodio; e um motivo para esfusiar ditos de espirito.

Para quê esbravejar e perder a sua linha?

Morrer com graça, como os gladiadores romanos morriam no circo, era o seu ideal. E conseguiu-o. Senão, vejamos:

Perico de Ayala, tambem chocarreiro, ao saber da desventura do seu amigo, dirigiu-se a sua casa.

Encontrou-o moribundo.

Com voz tremula e com inconsciente veia comica, pegou na mão de Dom Francez, e encommendou-lhe a sua alma:

«Irmão, meu querido Dom Francez, rogo-vos, pela amizade que sempre tivemos, que ao chegar ao Ceu, para onde ides partir, rogueis a Deus que tenha commiseração de minha alma.

Então Dom Francez, tambem com a inconsciencia que a sua alma de histrião sempre manifestára, tirou a mão direita de entre as roupas ensanguentadas, e estendendo-a ao colléga, exclamou:

«Cumprirei. Mas atae-me um cordel n'este dêdo meiminho, não vá eu esquecer-me antes de lá chegar.»

E morreu como vivera; espirituosamente.

VII

D. Sebastião e os Bôbos

E junto deste Monarcha qual foi o valimento que tiveram bôbos e truões?

A figura do enigmatico Rei tem passado na Historia atravez de ambientes varios, que vão desde as devoções quasi mysticas de um D. João de Castro (neto do vice-Rei) até ao desprezo votado pelos modernos sabios para com os loucos ou criminosos que arrastam os povos á desgraça.

A empresa d'Africa com as suas consequencias tragicas mereceu-lhe desde logo, e ainda hoje merece, os mais contradictorios commentarios.

No seu tempo jà alguns quizeram demover o visionario heroe do emprehendimento, com razões que a sensatez impunha.

Outros assoprando as brazas daquella alma ardente levantaram a fogueira, que ninguem poderia apagar. E o fogo devorou-a com a flor da cavallaria portugueza!

Depois o seu vulto entrou na lenda.

Vieram as prophecias. O «Encoberto» começou a rebu-

çar-se no manto de nevoa, com todo o encanto do mysterio e toda a seducção de uma esperança.

Foi assim que o «Sebastianismo», a illusão feita homem, penetrou na alma popular, predisposta por um atavismo ingenito para se embalar com céga confiança num destino salvador, encarnado nesse ephebo ruivo que a phantasia da Nação desenhava com traços de luz.

Depois de inspirar o «Bandarra», e outros troveiros de humilde esphera, entonteceu o proprio Antonio Vieira, que acreditou na realização das prophecias, e dellas se serviu para intentos politicos. O poder sobrenatural que dimana do «Sebastianismo», creou fanaticos, fez revolução e ajudou o 1640. E ainda na nossa infancia foi o enlevo de uns caturras de rabicho, e bengalão, que se reuniam em logares solitarios e se correspondiam com signaes cabalisticos.

Depois veio o periodo demolidor de lendas. A Sciencia, com Lombroso á frente, começou a usar dos emphaticos palavrões: «criminosos-natos», «tarados», «degenerescencias» e outros já fora de moda.

Entre nós foi logo este criterio applicado aos Reis e aos Principes que, por terem ascendencia mais conhecida, se prestaram melhor ao escalpello.

D. Sebastião não podia escapar. O descendente de «Joanna, a Louca», e victima realmente de consaguinidades successivas, de que resultaram estygmas morbidos, prestava-se maravilhosamente ás brilhantes theses, que o davam como um ente desiquilibrado, e um doido perigoso.

Hoje, comtudo, se alguem olhar sem juizo preconcebido

para a figura do moço Monarcha, sentirá que elle foi tão grande como Nun'Alvares, e mais clarividente que os do seu Conselho, sòmente inspirados nos perigos que a Nação ia correr.

A batalha de Alcacer não foi mais loucamente emprehendida que Valverde ou Atoleiros.

Foi mais infeliz!

O plano do grande Rei, quando for estudado a valer, mostrará quanto era de boa politica, e quanto era parecido com o que modernamente tem sido adoptado pelas Nações que se atropellam em Africa. Era a unica salvação para um paiz que se afundava.

Vencer ou morrer!

Se vencesse era para a posteridade um dos maiores heroes da Historia de Portugal.

Vencido é um maluco.

Mas morre num halo de poesia e de epopêa que jamais será desvanecido pelas lavagens de acidos corrosivos applicados pelos ***sabios***.

A hora da justiça vae-se approximando em que D. Sebastião será considerado não como o causador das desgraças da Patria, mas como um visionario sublime que podia ter aparado as unhas rapaces e cortado as garras aduncas do astuto Felipe II.

Não é, porém, num capitulosinho destinado a falar de bôbos, que ficam bem ajustadas as considerações acerca do plano gigante concebido pelo ultimo dos Reis Cavalleiros.

*

* *

Desprezou os truões? Pelo contrario. Quem seguir as chronicas que registam os factos do seu reinado, encontra-os a cada passo. O «Panasco», — o «Couto», — o «Castilho», — o «Dom Felix», — o «Dom Briando», e outros mais, são figuras que acompanham até á segunda expedição o moço soberano que, na sua complicada psychologia, ora aspirava a ser o «Capitão de Deus», ora se prestava, pelas fugas nocturnas atravez das brenhas de Cintra, ou sobre as ondas até à costa de Caparica, a que lhe attribuissem aventuras romanescas, ora toureava nos terreiros e até em solemnidades reaes, ora traquinava com os rapazes que compunham a «chacotada de El-Rei»; ora se desenfastiava com as chocarrices dos bôbos.

Arisco, obstinado, voluntarioso, quando alguem emittia uma idéa contraria ao seu querer, mais se arreigava n'elle o designio que o espicaçava. As scenas com D. Aleixo, seu aio, com sua Avó D. Catharina, com todos aquelles nos quaes pressentia um vislumbre de opposição aos seus projectos, exaltavam-n'o fóra de si e mais faziam crescer o favoritismo dos dois Camaras. Velhacos, e ciosos do dominio sobre o animo do Rei, os dois irmãos jesuitas lisonjeavam-lhe as manias, e isolavam-n'o dos que os podiam supplantar no agrado real.

D. Aleixo retirou-se. E a Rainha, succumbida, encon-

trou-se em Xabregas, onde, envolvida nos crépes da viuvez, chegou a preparar-se para abalar, refugiando-se em Hespanha, e levando comsigo as Damas, que tanto brilho davam á Côrte. Não era isso que afuguentaria o regio misogyno, pois, n'esse periodo, não só persistia na sua castidade, mas contínuava a consideral-as, segundo a expressão do seu mestre o Padre Luiz Gonçalves da Camara: «umas donas sinfainas que faziam perder os homens». E elle, como «aborrecia as bodas» e não queria perder-se, levava o tempo em exercicios de toda a especie — touros, cannas, justas, torneios, caçadas, tudo no sentido de se preparar para a guerra. Os mestres, além d'esses passatempos, e para que elle não cahisse em tristeza, facilitavam-lhe o accesso de truões, chocarreiros e gracejadores.

Mal sabia o Mestre Camara que assim preparava a broca demolidora do seu valimento, instrumento que havia de perdel-o pela maliciosa interferencia de um d'esses chocarreiros.

Contêmos o caso.

Fermentava na Côrte grande descontentamento com o ver-se que os dois jesuitas, e sobretudo Martim Gonçalves da Camara, se iam apoderando por completo do animo do Monarcha, isolando-o quanto possivel. Elle, na sua embriaguez de sonho deixara todo o despacho dos negocios ao Ministro, cioso de governar, ficando mais á vontade para accudir aos divertimentos que elle chamava = «Ensayos de guerra d'Africa».

A privança e valimento dos Camaras não só agastavam o Cardeal e a Rainha, que tratavam de afastal-os, mandando

um para Roma, e outro para o Bispado de Coimbra, mas crearam um nucleo de revolta entre os aulicos, no intuito de fazerem baquear os poderosos validos.

Foram principaes agentes deste movimento D. Alvaro de Castro, filho do famoso Vice-Rei, e Christovão de Tavora, ambos moços, ambiciosos e desejando entrar na graça de El-Rei, monopolizada havia perto de seis annos pelos dois padres.

Organizaram um enredo habil, interessando no conluio os despeitados, entre os quaes, além da Rainha e do Cardeal, se achava Pedro de Alcaçova Carneiro, antigo escrivão da Trindade que fora deslocado do seu cargo para n'elle ser collocado o valido,

E começou o cerco em regra demonstrando ao Soberano com razões seguras e bons fundamentos a incapacidade governativa, principalmente em materia de finanças, de Martim Gonçalves da Camara, mais proprio para Bispo do que para administrador da Fazenda de um Paiz exgotado de recursos.

Alem do perigo para a Nação de ser governada por um incapaz, era deprimente para a auctoridade real, pois que o Monarcha, estando já em edade de tomar as redeas do governo, era dominado como uma creança pela auctoridade do Reverendo.

Este argumento dirigido ao amor proprio, é sempre efficaz quando se trata de convencer alguem inexperiente do mundo, e n'este caso ainda mais, porque ia direito ao orgulho do moço Rei, tão zeloso do commando.

Um dia que se achavam sós, D. Alvaro de Castro começou a fallar no assumpto, e emquanto desenvolvia o arrazoado D. Sebastião escutava com aquelle ar meditativo e absorto que por vezes o tomava. Reflectia que effectivamente o Mestre nunca se afastava delle, mesmo quando no campo, no monte e na caça se entregava ás fragueirices preferidas. Os negocios eram resolvidos sem o consultar.

Mas como em D. Sebastião havia sempre uma grande ancia de justiça, e nas suas resoluções pesava o desejo de acertar, não quiz pôr de parte abruptamente quem o auxiliára durante aquelles seis annos.

D. Alvaro de Castro espertamente viu a lucta que se travava no espirito de seu Amo e receiou perder a partida. Era necessario intensificar a acção, usando de habilidade em vez de raciocinio. Lançou para isso mão de um artificio que demonstra a sua finura e argucia psychologica. Para uma alma em que a soberba dominava todas as outras qualidades, o meio mais seguro de a determinar no sentido desejado era atacal-a pelo lado da altivez. E serviu-se de um estratagema inesperado.

O auxilio de um truão.

Eram varios os bôbos palacêgos que se revezavam no serviço, conforme as circumstancias e conforme as aptidões de cada um.

O «Couto» exercia sobretudo o seu mister com o arreliar os circumstantes, beliscando-os com as suas criticas, e arremettidas sarcasticas. Assim, por exemplo, de uma vez zangado com outro bôbo, chamado Lopo Ruiz, e desejando causar-

lhe inveja e «fazer-lhe raiva», pediu licença a El-Rei para usar o habito de Christo. Lopo Ruiz, cujo animo andava sempre exaltado com as pirraças que lhe faziam os Infantes e Fidalgos, desesperou, e mais furioso ficou ainda quando ouviu da bocca escarninha do «Couto» que este se dispunha a ir deslumbrar com o habito as «pescadeiras da Alfama.»

Ao que parece, as «pescadeiras», uma especie das varinas de agora (vendedeiras de pescado) não eram ariscas, e muito menos para os chocarreiros de El-Rei que as divertiam com as suas truanices. «Lopo Ruiz», que provavelmente tinha em Alfama a sua «pescadeira», rabiou com o projecto da pavonada do «Couto» perante as attrahentes regateiras. E dahi a chuva de improperios, que sobre o rival o Lopo fez cahir, originando-se uma rixa que foi entretenimento mais saboroso, para El-Rei e para a galeria, do que as corridas de toiros, as caçadas ás lebres, e as partidas ás «trezentas» (?) com D. Alvaro de Castro ou com D. Diogo de Lima.

Foi ao «Couto» que El-Rei, sabendo-o dedicado ao bello sexo, e ás raparigas de Alfama, fez uma reflexão que o chronista conta de maneira a dar-nos a impressão de que D. Sebastião não era tão indifferente á belleza feminina como a tradição o figura. Diz o Gascão, descrevendo a hospitalidade brilhante que El-Rei tivera em Villa Viçosa:

«...Na derradeira porta da sala sobre a escada o recebeo a Infanta e a Senhora D. Catharina, acompanhadas de Damas fermosas e todas de muita qualidade, e depois de feitas as cortezias costumadas se veo El-Rei diante até a ante camara onde a Senhora D. Catharina tem seu estrado.

. . . . :

El-Rey esteve grande pedaço com a Infanta e a senhora D. Catharina e despedido foi por dentro ver a Duqueza D. Brittes no guarda roupa da Senhora D. Catharina, que mal El-Rey passou avia muitas moças da camara muito formosas e lustrosas «devião do parecer bem» a El-Rey, porque depois disse ao Couto, que bem se podia alli fazer outra Alfama.»

Esta pequena nota mostra que n'aquelle momento não considerava as moças de camara de sua prima umas «donas sinfainas» que faziam perder os homens. Martim Gonçalves, seu mestre, estava longe, e as moças tinham porventura sido provocantes na occasião da passagem do ephebo real.

*

* *

As partidas feitas ao «Lopo Ruiz» para o irritar, pois elle assanhado era de um comico irresistivel, multiplicavam-se. De uma vez os moços fidalgos acirravam o chocarreiro, troçando-o porque o Duque de Aveiro não consentia que elle viesse á sua mesa.

O amor proprio de um bôbo é tão susceptivel de melindre como o de um magnate.

Disparatou, enxofrou-se e declarou, sem nexo, mas com grande intiminativa, que, se o Senhor D. Constantino, com a sua grande barriga o acceitava aos seus repastos, não havia motivo para que fosse excluido da mesa do duque. E a este

respeito era um faiscar de improperios que nem o soberano era poupado. A galhofa foi completa quando o truão, irritado com as graçolas dos assistentes e com o riso d'El-Rei se dirigiu directamente a este, chamando-lhe «Trevo», e comparando-o com o Duque, «que era muito bom fidalgo.»

Isto passava-se em Collas, uma povoação perto da Messejana, onde o alojamento de El-Rei era uma casa terrea em que havia apenas dois quartos forrados de cortiça. D. Sebastião era bastante indifferente a requintes de commodidade. Mas tudo tem limites. E foi talvez a falta de conforto em Collas que o levou a partir. Montado já, ainda ria com a furia do Ruiz, quando lhe contaram uma esperteza d'este bôbo, que, se ás vezes abusava das suas liberdades, não deixava de ter graça. Estando D. Constantino e varios fidalgos á mesa, veio a servir-se um prato de dôces, que a todos os convivas causou grande appetite.

Dispunha-se cada um a servir-se, quando Lopo Ruiz, surrateiramente, como quem vae examinar a gulodice, enfronhou n'ella a sua mão pouco aceiada, de modo que o prato de «cousas doces» não aproveitou senão a elle. Quizeram castigal-o. Mas a um bôbo perdoava-se tudo.

E ouvida a historieta, El-Rei picou de esporas em direcção a Odemira, onde foi recebido por duas danças rivaes, que faziam remoelas e surriadas uma á outra.

Juntamente com as caçadas aos porcos e outros exercicios cynegeticos, havia desenfastiadas conversações com os «marmanjos» dos quaes o «Marmanjo Mór» era talvez ainda

Dom João de Roxas, herdado de D. João III, aquelle que mais solaz dava á companhia dizendo tolices sem interrupção.

Entretanto, o «Couto» ia sendo empregado em lançar a sizania entre a gente de prazer. Assim, de uma vez que appareceram uns comediantes castelhanos para representarem um Auto, o «Couto» inquietou-os, trazendo á funcção «um homem doido sem furor», cuja graça consistia em ser echo, e repetir tudo quanto ouvia. Explica assim o chronista: «se falam, fala, se riem, ri, se cantam, canta, e se cantam a três vozes padece trabalho de quem quer imitar a toada a todos três, o que tambem lhe acontece em todos os geitos e meneios que vê fazer ás pessoas». Este imitador, introduzido na sala do espectaculo, começou a arremedar por tal modo as fallas e os gestos dos comicos, aos quaes o «Couto» ia atirando chufas que, segundo diz o chronista: «O Pedro Dias» e o «Couto» foram os melhores entremezes do Auto: o «Couto» em desgabar e o «Pedro Dias» em contrafazer».

Não se percebe bem pela aravia do Gascão, o narrador d'estas scenas (que está longe de ter na sua prosa a limpidez de um classico), qual era o genero de peça dramatica e quaes os merecimentos dos interpretes.

Afigura-se-nos, entretanto, que deixariam muito a desejar, e que se prestariam ás travessuras dos remedadores.

E', porém, de notar que o Duque de Aveiro alguma graça lhes achava, visto que os mandou chamar aos seus aposentos para que repetissem o Auto sem que fôssem interrompidos pelas zombarias dos graciosos.

*

* *

E' tempo de dizer que n'esta jornada de El-Rei D. Sebastião, contada pelo «chronista» João Gascão, a comitiva era numerosa e variada. Quando sahiu de Evora em sexta feira, 2 de Janeiro de 1576, o soberano ia a cavallo entre o Infante D. Duarte e o Duque de Aveiro, «cada um vestido de sua côr. El-Rei levava um gabão e roupeta de vaxa côr de rosmaninho, o chapéo alto pardo.» D. Duarte ia tambem de capotilho, o Duque levava «jubão e roupeta, e calças de vaxa côr de pinha muito verde e chapéo alto da mesma côr com trança de ouro de martello e huma coura de verdevão muito bem feita, aberta pela ilharga sobre a roupeta.»

Era um elegante, este Duque de Aveiro.

Além d'estes era numerosa a lista de Fidalgos que acompanhavam: o Conde de Vimioso e dois filhos, o Conde Guarda-Mór, D. Alvaro de Castro, o Estribeiro-Mór, Francisco de Tavora, Reposteiro-Mór, o Alferes-Mór D. Pedro de Menezes, Sancho le Toar, D. João de Castro, e muitos outros; além dos moços fidalgos e de «cortezãos», ou officiaes menores, entre os quaes os Bôbos. A estes seguiam-se os musicos, os caçadores, os toureiros, e toda a creadagem. Por de traz d'El-Rei, e logo pegado com elle, D. Alvaro, filho mais novo de D. Aleixo, levava o Guião.

O «Couto» acompanhava sempre El-Rei, até durante as touradas em que estava «pegado com elle de joelhos.»

Na lista da gente meuda que vinha na comitiva não encontrámos entre os que tinham por officio distrahir e alegrar a jornada, o celebre bôbo «João de Castilho», cuja acção, como vamos a ver, teve alcance e deixou vestigio.

Já uma vez o citei. E por signal o meu amigo Julio de Castilho, muito cioso, e com razão, do seu appellido, apostrophou-me n'uma carta que publiquei na 2.ª e 3.ª edições das «Donas de Tempos Idos». «Desejo muito saber (diz elle) onde achaste um bôbo mencionado na pag. 178 (da 1.ª edição) e chamado com grande espanto meu João de Castilho, no tempo de D. João III. N'esse tempo já cá havia Castilhos que eram nossos, já brilhava o talentoso João, engenheiro e architecto de El-Rei D. Manoel... etc.

....

Como é que se pavoneia na Côrte um miseravel jogral, usando o nome e o appellido do eminente auctor da pontada e do cruzeiro e do Claustro dos Jeronymos, das lindezas de Thomar, etc., etc., etc., a quem o allemão Albert Haupt, chamou «der grosse Castilho», o «grande Castilho?»

Era melindre demasiado, o do meu querido amigo, pois o ter havido no seculo XVI um histrião assim chamado, em nada affectava o brilho da prosapia illustre dos Castilhos em Portugal.

Para lhe responder invoquei o testemunho do Padre Bayão, que a pag. 366 do Liv. III, Capitulo XV do «Portugal Cuidadoso e Lastimado», diz que João de Castilho era «grão chocarreiro» (sic) e «gracejador».

Não me abonei com as referencias de Gascão por desne-

cessario. Mas tambem este, na relação da jornada de D. Sebastião, conta as suas proezas.

«João de Castilho», diz o chronista, andou de uma vez «aos touros a pé com uma cadeyra raza nas mãos e tinha uma logea aberta aonde se recolhia.»

De outra vez, narra, «Em Vianna ha um homem o qual, e João de Castilho são muito grandes amigos, e este sabendo que vinha João de Castilho na Companhia se foy ao aposentador de El-Rey e lhe disse que era muito... do Snr. João de Castilho, que pedia a sua mercê que lh'o desse por hospede, o que o aposentador fez, e João de Castilho chegado á casa e vendo este homem voltou muito depressa gritando, e benzendo-se e foi fazer queixume do aposentador, não quiz pousar n'aquela casa e d'esta maneira se soube livrar o homem de hospedes.»

Não está explicado claramente como as coisas se passaram, mas está-se a ver que o bôbo fez das suas partidas.

Antes de contarmos a aventura, em que João de Castilho teve uma notavel interferencia, continuemos a acompanhar D. Sebastião n'esta jornada em que elle ia ora caçando as lebres, ora toureando elle proprio e fazendo os do seu sequito tourear, com mais ou menos aptidão para isso, como foi no dia em que forneceu ao «Alferes-Mór» um cavallo seu, ao qual mandára tingir os brancos dos pés para que elle não o conhecesse. Era um animal «ardego» o que o tornava difficil de manejar. Logo que sentiu o touro começou a dar saltos e a fazer corcovas, em vista do que o Alferes-Mór se apeiou a tremer de medo. Mandou-lhe El-Rei que se tornasse a mon-

tar, e tantos saltos deu o animal que o cavalleiro teve de descer outra vez, entre os apupos do rapazio, jurando que ia viver para Moscovia. (Gascão accrescenta ironicamente: «Mas até agora não é partido para lá».

D. Sebastião era loucamente destemido e não gostava de ver que alguem da sua casa mostrasse receios.

Este Alferes-Mór, D. Pedro de Menezes, prestava-se á caturrice. Por isso lhe deram como hospedes Lopo Ruiz, e o Marmanjo Mór. Um dia Manoel Vaz o physico de El-Rey, passando por elle disse-lhe que embora Alferes-Mór, estava destinado a alojar e agasalhar chocarreiros, ao que Lopo Ruiz atalhou que era para aprender esse officio, para o qual tinha aptidão.

A par das diversões futeis como as conversações á noite com os marmanjos, e as audições de musica nos aposentos de D. Duarte, grande amador desta arte, o moço Rei gastava o seu tempo em colher impressões de ordem mais séria; porque o seu temperamento caprichosamente fantasioso, levava-o a passar da folia ás preocupações graves do officio que a sorte lhe destinara.

Quando chegou a Sagres, em 23 de Janeiro, foi logo á «fortaleza a que o infante D. Henrique poz o nome de villa do Infante».

Depois de visitar o recinto, que, do lado do mar, a pique, tem mais de 30 braças de altura, desceu ao estreito local a que chamam «Miradouro do Infante». Ali, deixando descair a cabeça, naquelle gesto contemplativo que lhe era tão proprio, recolheu-se, ensimesmou-se, abstracto, como

aconteceu tambem em Alcobaça, na Batalha e em Coimbra; olhou o mar, e sentiu dentro da alma levantarem-se ondas como as d'esse oceano, que iam, encapellando-se, bater nas praias além visinhas da Africa, sua miragem, como já o fôra de Henrique, o «Navegador». Ambos poetas, ambos ambiciosos de fortuna para a sua Patria, e de gloria para o seu nome, ambos tendo na mente um mundo vasto, aquelle descobrindo terras, este defendendo-as da moirama, os dois espiritos uniam-se numa ambição: — glorificar Portugal!

O Principe gigante que engrandeceu esta Nação, e o Rei que tentava conservar-lhe a grandeza, aspiravam ambos á suprema realização de um esforço levado a cabo pelo amor a esta terra.

O Infante ganhára a sua féria, e podia dormir descansado. A elle, que futuro o esperava?

Tinha fé, tinha confiança nas forças dos portuguezes e na justiça da sua causa. O «Capitão de Deus» havia de vencer...

Assim esteve alheiado, absorto, pensativo n'aqualla posição, em que depois o concebeu o estatuario Simões de Almeida, quando modelou o marmore que será sempre um motivo de louvores para o seu talento.

Durou uma hora aquelle recolhimento do moço Rei. Ninguem se atrevera a quebrar o seu encantamento. Depois, elle proprio arrancou-se á contemplação mystica em que estivera recolhido e foi para o mosteiro. Entre o lusco e o fusco, á hora do cahir do dia, ainda na embriaguez de sonho que o tomára, refugiou-se debaixo de uma lapa, ouvindo

musica. A musica é um grande calmante para os nervos vibrantes dos imaginativos.

N'esta phase da viagem, a musica era-lhe necessaria. Quando chegou a Lagos, mandou preparar dois bateis. N'um levou a D. Fernando Alvares, e o estribeiro-mór, e Domingos Madeira, e ordenou que no outro embarcassem os musicos, seguindo ao longo da costa até chegar a Alvor.

N'esta jornada é que João de Castilho tomou o encargo de desempenhar uma missão melindrosa.

*

* *

Dissémos já que o mestre Martins Gonçalves da Camara alcançára grande imperio no animo de El-Rei. E dissémos tambem que D. Alvaro de Castro e D. Christovão de Tavora tinham resolvido libertal-o d'aquelle dominio. Já lhe haviam ponderado que a ignorancia do jesuita levava o Reino à ruina. Mas como não sentissem ainda o animo do monarcha sufficientemente abalado, recorreram a um expediente inesperado, e para a sua execução industriaram João de Castilho.

Um dia que D. Sebastião no seu quarto repousava e fazia, talvez, um balanço espiritual pesando os seus projectos tão combatidos, e por elle tão amados, sentiu que batiam á porta, e interrogou.

Antes mesmo de obter uma permissão definida, abriu-se a porta e João de Castilho, com as suas vestes mais espalha-

fatosas, proprias do officio, aos pulinhos, ás mesuras, ás reverencias affectadas, cahiu aos pés do soberano. Então, entre graças e veneras, conta o chronista padre Bayão, disse elle a El-Rei, entregando-lhe uma petição, «que bem a podia despachar; que emquanto não voltava a Lisboa era Rei de Portugal, e tinha liberdade.»

D. Sebastião enguliu em secco. Sabiam bem os mandatarios do bôbo qual era o ponto fraco da alma d'aquelle Rei, tão voluntarioso, tão contumaz, tão feito da sua vontade.

Sentindo-se ridicularizado e amesquinhado pelo dominio do seu mestre, resolveu libertar-se d'aquelle poderio; e quando voltou a Lisboa vinha resolvido a ser Rei.

Os conjurados tinham ganho a partida.

Martim Gonçalves é que não comprehendeu desde logo a sua derrota. Como todos os favoritos, julgou o seu valimento inabalavel.

O Rei, na sua volta a Lisboa, mostrou-lhe frieza; mas não o despediu ainda. O que determinou o rompimento, foi um incidente que demonstra a feresa de animo do celebre Gonçalves da Camara.

Tivéra elle um irmão, D. Nuno, que morrera, deixando viuva dona Maria de Noronha, senhora de boa estirpe. Casou ella em segundas nupcias com um tal Marçal Nunes, que, por ser de origem modesta, não teve bom acceitamento pela familia dos Camaras, orgulhosos dos seus pergaminhos. O poderoso ministro, irritado com o procedimento da cunhada, que assim offendia os brios da sua fidalguia, mandou prendel-a, algemar-lhe as mãos, e, montada sobre uma

mula, de andilha, ser passeada pelo centro da cidade, para sua vergonha, e depois conduzida á Torre de Belem.

A pobre Dona, imaginando que a queriam matar, logo que chegou á porta de Santo Antonio da Sé, deixou-se escorregar da mula, na intenção de procurar refugio na egreja, a esse tempo abrigo respeitado. Como levava as mãos presas, cahiu na rua, e tão descomposta ficou, com offensa para o seu pudor, «que seus parentes o tiveram por grande affronta.»

Não só essa parentella, mas muitas pessoas da Côrte, incluindo a propria Rainha, a quem fizera impressão saber assim exposta uma senhora honesta e recatada, levaram queixas a El-Rei. Este, indignado com o desacato praticado pelo seu ministro, affrontando assim quem tinha direito a ser respeitada, quando Martim Gonçalves entrou nos seus aposentos, fez-lhe «grande carranca, não lhe quiz falar e mandou-lhe perguntar com que autoridade se fizera aquella prisão.»

O padre embezerrou e sahiu do Paço.

Estava assim afastado do valimento de El-Rei, depois de ter sido durante seis annos omnipotente.

E para isso não concorreu pouco o gesto do bôbo, na remota aldeia algarvia.

*

* *

Esboçámos no capitulo anterior uma hypothese de plau-

sivel desavença entre o «Panasco», bôbo de D. João III, e Luiz de Camões.

Se não ha confirmação directa d'essa briga, ha indicios que ajudam a robustecer a conjuctura, verificando a indignação com que alguns espiritos sisudos encaravam a importancia e influencia que os graciosos tinham na Côrte.

«Ande o pobre poeta hum doudo feito,
Mendicando o comer e os consoantes,
Compondo seus poemas sem proveito.
Bem tenho eu (diz o vil) por mais galantes
Os truhães chocarreiros com guitarras
Que aplazem aos reis, aos principes e infantes.»

São estes versos da celebre satyra que André Falcão de Rezende, grande amigo de Camões, dirigiu e dedicou ao grande épico, indignado por ver que ao poeta de genio eram preferidos os maninelos e remedadores.

André Falcão de Rezende, sobrinho do antiquario André de Rezende e do chronista Garcia de Rezende (familia de gente douta) era um espirito sisudo, levemente casmurro, e a quem a folia crispava es nervos.

Além disso a sua indole literaria, embora o merecimento não lhe escaceasse, (a ponto de uma poesia sua andar largo tempo entre as de Camões sem protesto da critica), não se amoldava ás diversões hilariantes e ás praticas jogralescas. Accresce tambem que a amisade que dedicava ao poeta dos «Luziadas», que lhe parecia sentir pouco apreciado, levava-o a detestar os truões e a desabafar em versos (bastante hirtos

mas impeccaveis na arte) com o seu amigo, a indignação, que lhe causava, ver a importancia dada nas rodas finas aos pantomimeiros e dizedores. Tudo era de molde a inspirar-lhe a famosa tirada satyrica.

Elle que escrevia com a penna molhada em erudição a «Microcosmographia e descripção do mundo pequeno», não podia tolerar as frivolidades dos chocarreiros que eram bem alimentados e muito queridos.

«Festejam Bacho e a Ceres todo o anno,
E o prazer tem seguro a quatro amarras
Nunca lhes falta o pão, calçado e o panno,
Seja um doudo, é Dom Felix, Dom Briando,
E bem que parvo, é ciceroniano,
Bem que frio; assim basta o ir alçando
Não só casa e quintã, farto e quente,
Mas seu nome com Dom e dões se honrando.»

As graciosidades de «Dom Felix» e «Dom Briando», os ditos agudos ou picarescos dos chocarreiros; aquella especie de philosophia morbida ou critica inconsciente que caracteriza as sentenças dos bufões; a alegria das guizalhadas, o rufo nos pandeiros, o retinir das soalhas, as chulipas com as bexigas nas costas dos cortezãos bisonhos; as gargalhadas que ao redor resoavam quando os «Panascos» e os «Coutos» agravavam alguem, todo o ruido das galhofas, motejos e risotas, escapavam ao douto Rezende, que as não comprehendia, e que só via n'essa cambada de inuteis os açambarcadores de benesses em prejuizo dos sabios e dos poetas.

Não lograram os seus versos, aliás, de boa escola litera-

ria, mas insossos, que os bôbos fossem escorraçados da Côrte e das casas nobres. Era uma costumeira, uma tradição, não só portugueza mas universal, não só n'aquella época, mas de todos os tempos.

Não a defenderemos. Tanto mais que nunca nos attrahiram os Caturras, nem perdemos tempo com as suas facecias. Mas respondam-nos com consciencia. Quem é que nunca riu com a fantochada de um palhaço no circo, com os dichotes chulos dos farçantes no palco, ou os remoques de alguns trocistas de espirito?

D. Sebastião seria mais frivolo do que era para desejar, por se divertir durante os seus pospastos no communio dos marmanjos ao seu serviço?

Que o diga quem na sua roda nunca procurou n'um disparate o esquecimento de arrelias mofinas.

Os mal humorados, os carrancudos, embora empreguem nas suas satyras versos bem medidos e embora tenham razão, raramente conseguem corrigir e reformar antigos costumes.

André de Rezende fez o seu protesto juvenalesco, mas os bôbos continuam a ter as mesmas prerogativas. São verrugas da humanidade que o bisturi de um poeta erudito não consegue extirpar.

D. Sebastião, que nas horas do sonho guerreiro sentia agitar-se-lhe na alma o furacão de pensamentos desordenados, carecia, talvez, de encontrar no contacto de loucuras alegres, um derivativo para a sua loucura tragica!

VIII

Annos de suspensão

Entre Alcacer Kibir e a Restauração de 1640, Portugal não riu.

Logo depois da catastrophe as vozes dos bôbos emmudecêram, e foram recolhidas as insignias dos maninelos.

O luto d'uma nação não se casa com a alegria das jogralidades. E a nação toda gemia!

Nem a Corte do senil Cardeal D. Henrique era de molde a que no seu Paço a mocidade jogueteasse com os chocarreiros, nem o casmurro Rei tonsurado consentiria truanices, só proprias de sociedades felizes.

O velho Rei, todo entregue a mamar o leite da ama Maria da Motta —, que tomara para se robustecer, e a impetrar de Roma licença para se casar, na illusão de que ainda podia gerar um herdeiro para o Thrôno, não cuidava de bufões, que aliás na mocidade lhe tinham aprazido, e o tinham desenfastiado, durante as rapaziadas dos Infantes seus irmãos.

A alegria morrêra!

Lutos em quasi todas as familias; angustias; esforços para remir os captivos que nos carceres de Fez gemiam soffrendo tormentos; o desalento de todo um povo; o desespero do resto dos combatentes sobrevivos, cujas armas tinham ficado em poder dos infieis, ou tinham voltado amolgadas da

refrega, e inutilisadas para a lucta, lançavam sobre ésta terra um manto negro que não se harmonisava com as côres garridas dos purpoens histrionicos.

Accresce que a intellectualidade do Cardeal, empadão todo recheiado de pedaços de latim ao serviço das suas formulas de governo e da sua faina de Inquisidor, não se amoldava a galanices aulicas e a jogos de espirito.

Histriões?! Só se fôssem as creádas e as escravas mouras, ou pretas, que andávam com as suas amas em procissão pelas ruas, choramingando e armando á curiosidade publica, com esgares tragicos e momices macabras; ou os escudeiros parvos e meninos tregeitadores, que em contorsões exaggeradas pretendiam attrahir commiseração para as donas embiocadas, que se davam como viuvas dos heróes mortos.

Ia longe já o tempo em que o Papa Leão X, João de Medicis, Principe da Renascença, e protector de todas as artes, trocava improvisos rimados com o bôbo e poeta laureado Camillo Querno — homem engenhoso — adorno da Côrte Pontificia, que um dia subiu ao Capitolio montádo n'um elephante.

Esse elephante, (talvez o que El-Rei D. Manuel enviára de presente), levando no seu dorso até ao Capitolio um poetastro bôbo, symbolisa a magnificencia — um pouco espaventosa — mas brilhante dos dois soberanos: o Medicis em Roma, e o Venturoso nos Paços da Ribeira.

Nota:
Ficou incompleto.
Aqui termina o que o Auctor deixou escripto (e em parte publicado nos jornaes de Portugal e Brasil), ácerca de «Bôbos e Jograes».
Lamentando profundamente que tão interessante obra ficásse por concluir, certos estamos no entanto de que ninguem deixará de reconhecer a importancia e o interêsse do trabalho feito.

Os Editores

PARTE II

BAGOS DE HISTORIA

ADVERTENCIA

O Auctor planeára duas obras, que deixou incompletas: — *Bóbos na Côrte*, — e *Bagos de Historia*.

Bagos de Historia, foi o suggestivo titulo da collaboração iniciada em 1921 no *Jornal*, do Rio de Janeiro, e que a morte tão cedo interrompeu.

Alguns capitulos dos *Bóbos*, apparecêram no *Jornal*, fazendo parte dos *Bagos de Historia*.

Os Editores.

Explicação Prévia

Encetando hoje esta secção por amavel convite do illustre director d'O JORNAL, faço votos para que estes Bagos de Historia vária, que vou propinar aos meus leitores, quadrem bem ao paladar de cada um.

Que alguns, semelhantes aos de romã, vermelhos e succulentos, sejam interessantes como peccados sentimentaes de mulheres bonitas, e entrem um a um nas boccas rosadas das minhas correspondentes de Além Mar.

Que outros — uma especie de «comprimidos historicos» — fabricados com pó do Passado, tenham o condão de prender o engenho dos eruditos, ou dos simples curiosos, e lhes dêem aquelle appetite de trabalhar, que o «Amér Picon» provoca nos estomagos preguiçosos.

Que ainda outros, como os grãos de trigo branco colhidos na seára abundante dos alfarrabios manuscriptos, possam transformar-se em alimento de espirito — uma especie de pão ázymo, sem fermentos perturbadores, e proprio para as consciencias timidas.

E que os bagos arrancados ás espigas volumosas, que eu fôr ceifando nas leiras das Chronicas, se transformem ou no

volatil e perfumado amido que espalha um tapete subtil sobre a pelle do seio das raparigas frivolas, ou na farinha com que se fabricam guloseimas que os dentes brancos das lindas brasileiras vão trincar... sem que isso (assim o espero) me acarrete improperios das boas donas.

Bagos de latada portugueza, ou elles sejam da uva «ferral» gorda e sumarenta; ou de «moscatel» aromatica e capitosa ou da estimada «diagalves» tão querída nas merendas ao ar livre, emquanto a nóra géme, e a agua gorgoleja nos alcatruzes, il-os-hei triturando no meu lagar e com elles distillando um licor proprio para agradar aos meus freguezes...

Mas isto são votos!...

Entre elles e a realidade que haverà?

Oxalá que os beiços da mocidade não se arquêem em bocejos quando sentirem a beberagem fabricada sem geito, e os eruditos não a engeitem com enfado ao suspeitarem um licor de rosas destinado ás boccas das elegantes suas compatriotas.

O que espero é que á falta de engenho proprio os assumptos me ajudem e me salvem.

O Passado é sempre bom filão para a gente d'elle extrahir minerio proveitoso. Sobretudo quando o metal é verdadeiro e dá garantias.

Uma anecdota de personagem celebre da antiguidade ou dos nossos dias; uma indiscreção que nos entreabra a porta do camarim de uma mulher formosa; um problema, ainda não resolvido, que de novo traga á discussão casos esqueci-

dos, ou episodios inéditos; um enygma historico com todo o sabor do mysterio sempre attrahente, pódem ser bagos bemvindos, se para elles houver sympathia.

Não façamos programmas. Não marquemos mesmo dias certos para eu lhes apresentar os meus aranzeis. Se vier apojadura não desprezarei o ensejo de desafiar os leitores para me acompanharem num passeio ao arrepio do Tempo, saltando ás vezes dos Paços e Alcoçovas dos recuados Reis medievaes para os episodios contemporaneos notados na minha carteira. Alguns factos occorridos hontem tomaram já um aspecto tão desbotado e direi mesmo estão já tão esquecidos ou ignorados, que desempoeiral-os tem maior attractivo, que historias da «carochinha», ou que narrativas do tempo dos «Affonsinhos».

Quem souber fazer a historia anecdotica dos dias d'hoje, verdadeira, sem gabarolices de autor egolatra, nem phrases architectadas com palavras exdruxulas, exoticas, esotericas, como actualmente se practica para estarrecer de pasmo o leitor pé de boi, quem contar o que viu e como viu, despertará interesse.

Não se espantem, pois de encontrar n'estes pequenos capitulos como nos dos Magazines, ou Revistas, logo depois de um episodio do seculo XIV, XV, ou XVI, uma visita a um Castello inglez, ou um passeio através das avenidas de Versailles, e dos aposentos de Marie Antoinette.

Hoje começaremos por uma lenda, tradição ou simples invento, que, por ser pouco conhecido é digno de chamar a attenção de quem se apraz a desvendar mysterios ou resol-

ver problemas historicos. Eu por mim recordo-o. Os investigadores que escavem até achar as raizes do caso.

*

* *

Um precursor do «Masque de Fer»

Todos conhecem a historia do «Masque de Fer»; e ainda ha quem acredite que o prisioneiro da Bastilha e da Ilha de Santa Margarida, era um irmão de Luiz XIV. Outros inclinam-se teimosamente a crer que elle fôsse o celebre Intendente Fouquet.

Os primeiros allegam, segundo Voltaire, que Luiz XIV tinha um irmão tão parecido com elle nas feições, que receiando que os seus inimigos se aproveitassem d'essa circumstancia e o puzessem no throno, resolveu internal-o na Bastilha. Ali entrou realmente em 18 de Setembro de 1698, um prisioneiro com uma «mascara de velludo negro», (que a lenda transformou n'uma «mascara de ferro») e ali morreu em 1703.

Outros, confiando na versão de Paul Lacroix, affirmam que Luiz XIV ciumento do famoso Intendente das Finanças que fizera da residencia de Vaux — (soberbo castello e delicioso parque) — uma creação mais intelligente que Versailles; ou talvez mesmo ciumento porque o que até ali fôra «favorito» levantàra os olhos para a «favorita», n'esse tempo a encantadora La Valliére, o condemnou a um desterro per-

petuo, e (segundo elles) ao internamento na Bastilha até á morte. O mysterioso personagem nunca revelou o seu segredo!

E' tradição que o chefe da Casa de Orleans tem a chave do enygma e a transmitte, de geração em geração, ao seu herdeiro.

N'este caso, como em muitos outros, a erudição destruiu a lenda. Os trabalhos de Funck-Brentano baseados nos documentos da Bibliotheca do Arsenal de Paris, demonstráram que o celebre «Masque de Fer» era o Conde Matiolli, que trahiu ao mesmo tempo o seu soberano, Carlos IV de Gonzaga e Luiz XIV. Este apanhou-o ás mãos e encofrou-o na Bastilha.

Mas... se a erudição demonstra com textos e documentos, a lenda persiste com o seu perfume romantico, e para «toda a gente» o Masque de Fer continua a ser um irmão do grande Rei.

O caso passado em Portugal, seculos antes, tem uma certa analogia, pois que o crime futuro ou receio de que uma semelhança flagrante pudesse traduzir-se em ameaça para o monarcha, originou tambem um desterro perpetuo imposto por um monarcha a seu irmão.

Mas qual monarcha?

E que irmão?

E' sabido que D. Affonso V, levado pelo seu genio cavalleiroso, e fundado nos suppostos direitos que lhe dava o testamento de Henrique IV de Castella, resolveu casar com sua sobrinha D. Joanna, a «Beltraneja», que ficou conhecida na Historia pelo nome de «Excellente Senhora».

Não se torna necessario lembrar, nem este seria o logar para isso, a Batalha de Toro, as nupcias reaes, e a volta a Portugal com a noivinha sem que o casamento fôsse consummado.

Não havia dispensa do Papa. Os Reis Catholicos contrariavam esse empenho de D. Affonso V, e o filho d'este, o futuro D. João II, não ardia tambem em desejos de... ter irmãos, embora já se achasse casado e tendo nascido do seu consorcio em maio de 1470 o Principe D. Affonso, que assegurava a successão.

A consanguinidade entre os conjuges era um excellente pretexto para se ir protelando a concessão da dispensa, e o ajuntamento de marido e mulher.

Affonso V não era, por indole, femeeiro. Prezava mais as emprezas africanas, os rasgos cavalleirosos, as corridas nos campos em perseguição dos azarenos, que as aventuras amorosas.

A belleza feminina, no que ella tem de perturbador, não o desviava do sonho d'Africa, da ambição de collocar na cabeça a Corôa Peninsular, de ficar na Historia com a menção gloriosa de um grande Rei.

Os chronistas celebram a sua castidade depois que enviuvou.

Mas isso não obsta a que, indiscretamente, se lhe attribuam dois rebentos.

O primeiro seria um bastardo, do qual descende, ao que parece, uma distincta familia de Entre Douro e Minho, cuja arvore genealogica nos foi dado examinar ha poucos mezes.

O segundo, ao qual, se existiu, não se póde chamar bastardo, visto que foi procreado por dois conjuges legitimamente casados, é aquelle de que nos vamos occupar. Foi gerado ás occultas e sem consentimento de Roma? Não figurou nas Chronicas como Principe? Mas ficou d'elle uma tradição e dizem que uma familia.

Fernando de Aragão, menos escrupuloso e menos correcto que o nosso Affonso V, quando quiz casar com sua prima Izabel, que depois veiu a ser «a Catholica», forjou uma bulla do Papa Paulo II, levantando os impedimentos canonicos, e fel-a ler solemnemente perante a noiva pelo Arcebispo de Toledo.

D. Izabel acreditou, ou fingiu acreditar, na authenticidade do diploma, e o casamento consummou-se, nascendo d'elle a Infanta D. Izabel, que veiu a ser mulher de El-Rei D. Manuel. Só annos depois de casada, para aquietar a propria consciencia, D. Izabel pediu ao Papa Sixto IV que a absolvesse. O Pontifice assentiu e tudo ficou sanado.

E D. Affonso V? Infringiria as leis ecclesiasticas, e deixar-se-ia arrastar pelos encantos da propria mulher, ainda virgem?

O unico retrato que temos da «Excellente Senhora», desenhado na taboa 10.ª dos «Portuguese Drawings», ou por Simão de Bering ou por Francisco de Hollanda, não nos pode elucidar sobre as suas feições, nem sobre o genero da sua formosura.

Mais parece o retrato de uma freirinha recatada, que o de uma noiva regia ou para melhor dizer de uma Rainha.

E' natural que tivesse herdado o encanto da sua leviana mãe, aquella que tanto prezava a sua belleza que, no testamento, recommenda que não deixem a terra offender a sua pelle delicada. E talvez tambem, como herança paterna, n'ella se manifestasse o temperamento de espanhola filha de D. Beltran (?) ou de Henrique IV (?) e possuisse o fluido que desperta os sentidos... mesmo dos heroes africanos.

Ora D. Affonso V legitimamente casado com uma creaturinha de graça, que era sua... Vá lá saber-se! E' possivel que o gelo se derretesse... e que ardesse Troya!

O caso é que a tradição attribue a este consorcio o nascimento de um Principe, que assim, seria irmão de D. João II.

Este soberano, bem o sabemos, não via com bons olhos parentes que pudessem aspirar ao Throno.

Por exemplo, quando D. Affonso de Portugal filho bastardo do Marquez de Valença e de D. Beatriz de Souza, allegou que sua mãe fôra casada clandestinamente, para pretender á successão da Casa de Bragança ao tempo em que morreu o Marquez de Villa Viçosa, D. João II, cortou-lhe as azas obrigando-o a tomar ordens. Foi um faustoso Prelado. Mas deixou de ser um pretendente.

Deu-se um caso identico com um filho do Duque de Vizeu, seu primo e cunhado.

Tivera este uma ligação em Hespanha com a Duqueza de Villa Hermosa, cunhada de Fernando o Catholico. D'este idylio nasceu um portuguezito, que o elegante Duque trouxe para Portugal.

Por ordem de D. João II foi esta criança educada em casa de um obscuro lavrador de Portugal.

Só mais tarde, D. Manoel o trouxe para a Côrte e fez d'elle o Condestavel de Portugal.

Cioso assim da sua situação, a ponto de affastar sobrinhos com receio de que lhe trouxessem embaraços á sua acção governativa, que seria com um irmão, filho do Pae e da Madrasta; d'esta, creatura que podia servir a qualquer partido, facção ou bando politico como ameaça?

Em vista d'isso cumpriria conjurar o perigo, e affastar da Côrte o espantalho. Abafar debaixo de um manto de silencio a existencia de tão perigoso Principe. Surgiria então a idéa de o mandar para uma das Ilhas, e conserval-o preso, fóra das conspirações que agitavam a sociedade portugueza.

Alli vegetou. Foi esquecido propositadamente pelos chronistas? ou nunca existiu?

A tradição, de que se encontra um echo no Dicionario — «Portugal», chama a este Principe — D. Gonçalo Affonso d'Aviz de Trastamára Fernandes. No Diccionario lê-se o seguinte: «Era a este que competia succeder no throno de D. João II, se por conveniencia de ordem politica com a Hespanha, e com receio de que o matassem, não tivessem occultado o seu nascimento, desterrando-o para a ilha da Madeira com prohibição de sahir de lá, muito embora levasse alli a vida de Principe que de direito lhe pertencia, nada lhe faltando da parte da Casa Real para a ostentação da sua grandeza enviando-lhe todos os annos caravellas com tudo o que era preciso».

O mesmo «Diccionario» accrescenta ainda que o representante da familia creada pelo illustre desterrado era João Rodrigues Fernandes, distincto funccionario e publicista de valor, natural da Ilha das Flores.

O «Diario de Noticias», de Lisboa em 1 de Setembro de 1921 annuncia a sua morte na vespera. Na noticia necrologica não allude á ascendencia régia, nem se diz que ficassem quaesquer trabalhos que nos elucidem sobre o mysterioso desterrado.

E' porém, possivel que no seu espolio ou nos archivos da sua casa se encontre qualquer elemento para a resolução do problema.

Não terá isso importancia historica, nem influirá nos destinos da humanidade, tão cheio, no momento actual, de interrogações inquietadoras.

Mas quando não sirva senão para desviar a attenção das nuvens ameaçadoras do futuro, já teve a sua utilidade — distrahir, — occupar a imaginação e levantar o animo, com a recordação de uma epocha mais interessante que a nossa.

II

O Relogio de Marie Antoinette

Este nome — Marie Antoinette — tem um tal poder de seducção, que basta enuncial-o para que o nosso instincto seja logo attrahido, e a nossa alma palpite vibrando de commoção.

Envolve-o um nimbo de poeira que o tempo vae tornando cada vez mais luminoso. A formosura dessa altiva archiduqueza, a sua graça de mulher ligeiramente frivola e quasi leviana, a sua alma apaixonada; a sua imaginação inconsideradamente futil; a sua linda cabeça, ora polvilhada para as cerimonias da côrte, ora toucada com a leve coifa de uma padeirinha do «Hanean», ora com os cabellos encanecidos com que entrou no oculo da guilhotina, idolo da França apaixonadamente realista por alguns annos, e execrada «austriaca» da turba revolucionaria; adorada por o romanesco de Fersen, venerada pelo bonancheirão Luiz XVI, e amiga dedicada da perturbante Lamballe, tornam-n'a mais que uma figura de lenda, uma das individualidades mais fascinantes na historia da humanidade.

Rainha somente, teria sido mais uma das que se sentaram no throno da França com maior ou menor prestigio.

Amorosa, o seu idyllio, se existiu, não foi mais que um episodio sentimental, sem o adubo de incidentes tragicos.

Heroina de romances, as aventuras que os fastos registam ou seja nas peripecias do «Colar da Rainha»; na vesania amorosa que se apoderou do cardeal de Rohan; nos arrebatamentos impulsivos de Mirabeau deslumbrado, são principalmente vividos pelos seus amorosos, a cujos manejos ella foi alheia.

Isso tudo, porém, caldeado pelo fogo da desgraça com que o destino a perseguiu, fez della uma creatura cuja vida é sempre motivo de interesse; cada objecto que lhe pertenceu adquire um valor, um quasi feitiço, que o torna disputado pelos colleccionadores, e loucamente ambicionado pelos idolatras do vulto da Rainha.

Se isso é para com a mobilia que anda dispersa, mais ou menos authentica, tendo atravessado as barbaridades da Revolução, e todos os leilões do «Hotel Druot»; se é assim para as tabaqueiras que as velhas «douairiéres» transmittem ás filhas e sobrinhas; se assim é para as miniaturas, retratos verdadeiros ou falsos de uma creatura bella e empoada, (uma vaga Marie Antoinette), o que não será para os objectos com que Ella viveu, conservados no scenario onde Ella brilhou!

Em Versailles, n'aquelles aposentos de dimensões minusculas, e tectos baixos, contiguos á explendida e sumptuosa «Galeria dos Espelhos» (theatro de tantas festas, e até de tantas solemnidades dolorosas), n'aquelles cubiculos adornados com motivos campestres, como os entendia a arte decorativa do seculo XVIII, quantas evocações!

Nesse ambiente onde ella respirou e se moveu desde que, passando de «Delphina» a Rainha entrou em scena verdadeiramente, para representar o primeiro papel no palco da França, como se sente perpassar o seu delicado phantasma!

Aquella arca destinada ao enxoval do Delphim seu filho· offerecida pela cidade de Paris, com que orgulho de mãe e de soberana foi aberta pela primeira vez!

Naquella cadeira descansou ella pensativa e alheiada das pompas, depois d'um baile sumptuoso, emquanto na frente, sentada num tamborete baixo, a perigosa Polignac repetia os ruge-ruges dos bastidores da Côrte.

Sobre aquelle banco baixinho poisaram os seus pés pequenos para que a mais cathegorizada camareira a calçasse, emquanto não passava ao aposento contiguo, onde a «Dame d'Atours» presidia a complicada ceremonia da entrega da camisa, que passava de mão em mão, até vestir a Rainha.

Na estante, hoje vazia, que fórma a parede da pequena bibliotheca, quantas obras encadernadas pelos afamados Eve, Boyer, Pasdeloup, etc., disputadas a peso de oiro!

E aquella pequena secretaria, quanta vez ella se sentou aprehensiva, preoccupada, indecisa para escrever á sua mãe, e proseguir na correspondencia que tanto havia de influir no seu destino!

Desafio alguem, por muito pouco sabido em Historia, ou por muito endurecido de animo, a que percorra esses poucos quartos, sem que na memoria lhe esvoace a imagem da mais atormentada victima da revolução franceza, e sem que o coração se lhe accelere, recordando quanto ella sentiu, pade-

ceu e chorou, alli, onde actualmente um «cicerone» banal vae repetindo a sua cantilena emphatica, para esclarecer os grupos de viajantes da agencia Cook, os quaes aos milhares percorrem diariamente a famosa Residencia, profanando a majestade das galerias e o conchego dos pequenos aposentos.

Entre as recordações da graciosa Rainha, uma que não merece aos guias prolongadas referencias e que o Baedeker não chega a citar, figura sobre uma exigua chaminé.

E' um relogio.

Esse relogio, alem de ter sido testemunha da vida de Marie Antoinette, marcou as horas mais criticas e mais angustiosas da existencia da Soberana. Ao passo que os sons repenicados pelo delicado machinismo, na sua inconsciencia de carrilhão automatico, iam entoando festivos e amaneirados minuetes, os enredos surgiam ameaçadores e as tragedias annunciavam-se temerosas!

As campainhas trinavam em notas metallicas, arias cynegeticas e trechos idyllicos á moda de Lulli, emquanto lá fóra rugiam as vozes dos energumenos excitando a plebe e levantando tempestades.

Quantas vezes os pequeninos martellos que tinham batido alegremente durante as horas de triumpho, marcaram tambem n'um acompanhamento plangente a leitura de algum dos numerosos pamphletos em que a reputação da Rainha era arrastada na lama, e pisados os seus sentimentos mais intimos.

Quem lê as obras de Pierre de Nolhac — «La Reine Ma-

rie Antoinette» — «Marie Antoniette á Trianon», «Marie Antoinette Dauphine», quem lê o delicioso livro do marquez de Ségur, cuja penna de «gentilhomme de lettres» tratou com tanta delicadeza, sem faltar á verdade, a vida da Rainha; quem tem lido a Historia de França nesse terminar do seculo XVIII, e tiver sentido o arrepio causado pela crueza com que o destino massacrou aquella sociedade frivola e elegante, em que as lindas cabeças empoadas, sacudindo os polvilhos, iam, recheiadas ingenuamente com theorias de regresso á natureza, e toucadas com chapéos pastoris, acariciar, junto ao «Moulin», á «Laiterie» ou á «Ferme» do Petit Trianon, borreguinhos penteados, perfumados e enfeitados com laços côr de rosa, quem tiver comprehendido a leviandade com que ella jogava, dansava e escutava enredos, comprehenderá como era critica a situação da Soberana, ameaçada pela enxurrada democratica que ia engrossando.

Um dia a onda subiu, e a multidão aos urros chegou aos aposentos da Rainha. As megeras vindas de Paris insultavam, e iam destruindo o que lhes chegava ás mãos...

O relogio escapou. Mas parou, desconjuntado. E o seu auctor, o habil «horloger du roy», foi de envolta no sorvedoiro, com o segredo dos seus minuetes aristocraticos.

Quando a celebre «charrette» levou para o supplicio a viuva Capeto, e a sua cabeça caiu inanimada, parado estava já o relogio, que ficou emmudecido durante cento e tantos annos num silencio recolhido de movel abandonado.

A Revolução passou. Desfilaram os triumphos militares do Primeiro Imperio. Passaram: o reinado de Luiz Filippe e

a Restauração, e a Republica, e as orgias doiradas do Segundo Imperio. As botas rudes dos arrogantes teutões fizeram tremer os sobrados, onde a ultima Rainha de França dansára e recebera as reverencias da Côrte.

E o relogio sempre mudo...

Um dia, Nolhac, que tem dentro em si a alma de Versailles, descobriu que vivia em França um descendente do primitivo constructor, e que exercia a mesma profissão do remoto avô relojoeiro.

Embora não fôsse como o seu ascendente «horloger du roy», este artifice, com justificado orgulho, jubilou quando lhe foi confiado o relogio para que o restaurasse.

Applicou a esse trabalho o melhor da sua industria. E tão bem se houve que, n'uma tarde de novembro de 1909, a voz do precioso instrumento repenicou de novo as suas arias de caça e os seus minuetes, nos pequenos aposentos de Versailles.

Por fortuna, coube-me assistir á resumida ceremonia em que se realizou essa resurreição. Estou-a vendo como se fôsse hoje.

*

* *

El-rei D. Manuel acabára de ser investido, em Windsor na Ordem da Jarreteira, (talvez um dia recorde n'este rincão d'*O Jornal* fluminense essa curiosa historia.)

De regresso a Portugal estacionou em Paris, onde foi recebido com especiaes demonstrações de apreço. Mas tão su-

periormente se tinham revelado já as suas faculdades intellectuaes e as suas tendencias artisticas, que o governo da Republica Franceza resolveu, para lhe ser agradavel, proporcionar-lhe uma visita aos monumentos e museus mais notaveis de Paris.

Foi um dia destinado ao Museu Carnavalet, installado no palacio que pertencera a Madame de Sévigné. Alli, o mallogrado Cain, director e então ainda cheio de vida e faíscante de «verve», ia mostrando cada sala e cada objecto, adubando sempre a conversa com anecdotas em que era fertil o seu espirito gaulez.

Na sua missão de «cicerone» official, ia indicando os curiosos objectos prehistoricos encontrados no fundo do Sena; a variada collecção de gravuras de Paris. Mostrava depois uma poltrona onde morreu Voltaire, o que deu o nome ás cadeiras que assim ficaram sendo chamadas «á Voltaire». Mais adeante chamava a attenção para o rico estojo que serviu a Napoleão durante as campanhas... Não teria fim a visita se o tempo não apertasse, pois animada por aquelle suggestivo «Baedecker» tornou-se um dos numeros mais attrahentes do programma e deu ensejo a que o Rei de Portugal, á sahida, n'um brilhante improviso, demonstrasse à Camara Municipal, que o acompanhára, a um numeroso auditorio e ao brilhante conferente, os seus agradecimentos.

Outra parte do programma foi a visita a Versailles.

Era ainda, como já dissemos, conservador do Museu, Pierre de Nolhac, hoje em Roma e ha pouco eleito membro da Academia Franceza.

Poeta á sua maneira, Nolhac fez de Versailles um poema, dividido em varias obras.

Não um poema enfadonho como os de Boileau, mas uma maravilha de prosa clara, elegante e com aquella erudição leve que torna a sciencia dos Gaston Paris, dos Bèdier e outros a mais saborosa bebida espiritual. Metteu vida no enorme casarão e no esplendido parque. Contou as graças da Pompadour, tratando-a com sympathia e fazendo della quasi uma boa ilharga para o sybarita Luiz XV.

Dedicou um volume a Marie Leczinska, conseguindo dar relevo àquella figura apenas decorativa na Côrte do «Bien Aimé». Todos esses livros «procédant de la science par la méthode et de l'art par l'execution», como delles disse Anatole France, tinha-os eu lido recentemente, o que me ajudava a apreciar a deliciosa prelecção que o sabio ia expondo, e a identificar-me com o hymno de louvores á Rainha de quem elle se tornára um quasi-amoroso. Venerava-a como mãe exemplar de que o painel de Vigée Lebrun dá uma enternecedora amostra, e acariciava com palavras de bemquerença aquella fórma do seu espirito a que o principe de Ligne chama : «l'âme blanche de la reine» e que a tornou inconscientemente uma discipula daquelle solitario, pobre, velho, rabugento e maluco que tinha transformado todas as almas e que se chamava : — Jean Jacques ! ! !

Pode bem calcular-se a commoção transmittida pelo prelector artista ao pequeno grupo que acompanhava el-rei D. Manoel, quando, ao percorrer os aposentos da Rainha ia si-

gnalando objecto por objecto, e o modo como tinham figurado na sua vida.

Quando chegou ao relogio e depois de referir a sua historia, annunciou uma surpresa que tinha reservado A'quelle que por tantos laços de parentesco estava ligado á Rainha de França, archiduqueza de Austria. El-Rei D. Manoel (disse Pierre de Nolhac), ia ouvir a voz desse relogío que estivera calado durante mais de cem annos, e que o neto ou bisneto do constructor tinham posto a funccionar...

Nesse momento uns sons metallicos em repiques miudinhos, vibraram como éco de um passado longinquo, entoando o precioso minuete que tanta vez a Rainha ouvira!

A noite precoce de novembro em França ia chegando rapidamente, e envolvia já em meias trévas o recinto, o conferente, o auditorio e o moço Rei, em cujo animo de artista, de poeta e de soberano (ainda havia pouco ferido pela morte de seu pae e irmão), aquellas notas se repercurtiam dolentemente.

A scena, como se vê, não era banal.

Ficou fixada na retina espiritual de todos os que rodeavam aquelle filho e neto de Reis, parente de toda a familia real de França e que no dia immediato ia partir para o seu paiz onde já rouquejavam as vozes inspiradas das de 93, e que tambem puzeram uma revolução em andamento.

*

* *

Passaram doze annos.

Numa manhã luminosa de Setembro, quatro visitantes chegaram ao palacio de Versailles, e logo muitos dos «cicerones» que enxameiam no grande pateo em volta da pomposa estatua equestre de Luiz XIV, se promptificaram a acompanhal-os durante a romagem no monumento. Um mais teimoso logrou ser aceito e começou a explicar... o que cada um dos quatro já conhecia de sobejo, e o Baedecker ou qualquer outro Guia enuncia. Aggregou-se logo um dos guardas do palacio, avido de compartilhar a esportula prevista. Cada um delles, vendo o respeito com que tres dos forasteiros (quem escreve estas linhas, sua mulher e seu neto) se dirigiam à senhora mais alta a quem acompanhavam, era a ella que ia fornecendo explicações, ao percorrer as salas, as galerias, os quartos de Madame Adelaide, donde porventura surdiram os primeiros mexericos e enredos contra Marie Antoinette; o salão das Batalhas; a sala de musica; as novidades introduzidas pelo rei Luiz Philippe; as detestaveis télas modernas em que personagens nossos contemporaneos contrastam burguezmente com a nobreza do grande seculo, tudo ia sendo explicado pelo guarda.

Ao chegar aos aposentos de Marie Antoinette onde o busto de Pajou representando a Rainha, parecia receber com bom acolhimento a pequena caravana, o guarda continuava

a sua explicação. Contando a historia do relogio, accrescentou com a sua voz incolor:

«Em 1909, mr. Pierre de Nolhac fez restaurar a pendula avariada, e pela primeira vez o carrilhão tornou a tocar perante o rei de Portugal, hoje exilado...»

Não chegou a saber aquelle guarda anonymo, ao declamar a sua perlenga decorada, que estava falando á Neta de S. Luiz, e Neta, tambem, parenta ou afim de quasi todos os personagens pintados por Le Brun, Boucher, Nattier, La Tour, Vigée Lebrun que nos seus quadros espalhados pelas paredes do edificio a olhavam complacentes. Não chegou a saber que falava perante uma Rainha, mãe do exilado, e ella propria exilada tambem.

A vida tem ás vezes surpresas e esboça dramas que os poetas, os romancistas, os compositores não chegam sequer a sonhar!

III

O Rei dos Jalôfos

Embora no momento presente os espiritos agitados, esvoaçando sobre as leiras do mundo, prefiram depenicar bagos de actualidades, a procurar o sabor dos que nas romanzeiras caducas da Historia vermelham appetitosos, não é descabido trazer estes, de quando em vez, ao pospasto dos leitores, que lhes pegarão ou não, conforme o antojo dos seus estomagos.

Seja-nos licito, portanto, deixar de lado as discussões ácerca dos diversos modos como as novas camadas vão desiquilibrando a ordem existente, e vamos, de braço dado, o leitor e eu, até Setubal, onde no anno de 1488, D. João II recebeu o Rei dos Jalôfos, negro da Guiné, que vinha das suas terras pedir a protecção do nosso monarcha.

O que me leva a convidar-vos a esta excursão não é a pretensão de repetir o que já disse quando descrevi n'um livro recente («A Rainha D. Leonor») o cortejo luzido que partiu de Palmella, sendo o principe preto acompanhado dos seus sequazes vestidos com pannos de côres vistosas, que D. João II lhe fornecera, e rodeado da melhor fidalguia portugueza.

Não é tam pouco o meu intento fazer a relação da cerimonia do baptismo do extranho personagem que representou admiravelmente o seu papel de convertido á religião catholica, assistindo á missa, ajoelhando com as mãos levantadas para o ar, «dando dé mão á sua touca que tinha na cabeça», e batendo no peito, ou hypocrita ou sinceramente, ou talvez por instincto de imitação natural.

O que principalmente me impulsionou a traçar estas linhas foi o desejo de applicar algumas gottas de benzina ao nome do capitão que foi encarregado por D. João II de levar o preto á sua terra, e que foi accusado pelos chronistas do feio crime de ter assassinado o Rei dos Jalofos ás punhaladas, quando chegou ao seu Reino.

Vejamos como o caso se passou e quem era este Rei do Senegal.

*

* *

Bemohim, importante regulo na Guiné, governava o seu reino com muitas difficuldades, pois os enredos e traições continuamente ameaçavam a sua segurança. Por varias vezes pediu a protecção de D. João II, poderoso monarcha, cuja fama lhe chegára aureolada.

O Rei de Portugal não accedia, fundando a sua recusa em que um Principe catholico não podia fornecer armas a infieis. O Jalofo insistia. Para amollecer a vontade do soberano portuguez, mandou-lhe de presente «cem escravos, todos mancebos» o que n'esse tempo era brinde muito apre-

ciado. E por um sobrinho, que fez seu Embaixador, enviou, á guisa de carta de crença, uma grossa manilha de ouro.

D. João II encolheu os hombros, e não respondeu...

Um bello dia, porém, entrou pela barra «uma caravella das do trato, que seguiam a costa» e n'ella Bemohim, que, acompanhado de alguns membros da sua Côrte, vinha acossado e por «traição lançado do seu Reino pedir ajuda, soccorro e justiça.»

Era uma visita importuna. Mas D. João II, com a sua alta visão politica, resolveu tirar d'esse caso vantagens para os seus planos de expansão no Ultramar. Os pretos levariam fama do explendor da sua Côrte áquellas remotas paragens, o que estabeleceria o seu poderio no Reino dos Jalofos. Era um golpe bem jogado.

Por isso ordenou logo que os nobres pretos fôssem soberbamente alojados em Palmella, e forneceu-lhes fatos ricos e vistosos, pondo ás suas ordens numerosa creadagem para os servir, cavallos, mulas, arreios e tudo o que fôsse proprio para os deslumbrar.

Bemohim, segundo referem os chronistas, «era um homem que parecia de quarenta annos, de grande corpo, muito negro, barba muito comprida, e dos membros todos muito bem proporcionado com mui graciosa presença».

Quando elle e a sua comitiva se acharam ataviados com vestimentas garridas, e montados nos cavallos, bem adextrados, que as cavallariças reaes puzeram ao seu dispôr, rejubilaram. Os dentes brancos appareceram em sorrisos alegres, e os olhos rebolaram festivos.

Então o Rei preto resolveu mostrar as habilidades equestres, ou para melhor dizer acrobaticas, dos seus homens perante a Côrte deslumbrante do grande monarcha do Occidente.

A Rainha D. Leonor, complacente e benevola, resolveu certamente assistir tambem ao extravagante espectaculo, e consentiu que as suas Damas a acompanhassem. Algumas, novas e formosas; outras velhas e feias, mas ostentando riqueza no vestuario que deslumbrava os estrangeiros. A estas, pela sua edade e humor rabujento, pareceriam asquerosos os exercicios dos volatins africanos.

Mas a gente moça, muitas d'aquellas que no Cancioneiro de Rezende figuram em trovas gaiatas e «cantigas de maldizer», sublinhavam com sorrisos as cambalhotas dos negros. E se não levavam adiante a sua galhofa e as observações acerca da plastica dos cortezãos de Bemohim, é que a Camareira-Mór as continha em reservada e sisuda continencia.

O mesmo não acontecia com a parte masculina da conjuncção, que dava largas a desenfastiados commentarios, provocados pelas evoluções a que assistia. O povo, do outro lado da liça, gosava tambem do inesperado volteio.

Os que acompanhavam Bemohim, «os mais desenvoltos homens á gineta que nunca foram vistos», n'uma praça larga em Setubal, mostravam aos portuguezes uns quadros que, pela descripção de Garcia de Rezende, pareciam mais uma parte de programma de circo de habilidades equestres, uma especie de Franconis medieval, que uma solemnidade de Côrte.

O Conde de Marialva, cortezão, taful, e dextro na equitação, do qual os «Porquês» de Setubal falam em termos enygmaticos, e a quem o Rei encarregara de servir de cornaca daquella bicharia, que elle tinha trazido desde Palmella a Setubal numa cavalgada vertiginosa, referia decerto ao seu collega Conde de Borba as impressões acerca dos que lhe haviam sido confiados.

O Marialva era bom apreciador, pois nas trovas, Pero de Souza Ribeiro lá diz:

«Vi-o já cannas jogar
vi grande prazer com vel-o,
vi-o mal arremessar
e vio-o logo tornar,
e pôr a mão no cabello...»

Portanto sabia avaliar as habilidades dos escuros arlequins.

O Borba, que era tambem da roda esturdia dos que «sendo casados andavam de amores», e a quem um poeta aconselha que seja:

«em tratal-as mui ousado,
em gabal-as não callado
por ser mais favorecido...»;

mas que era bom cavalleiro, ouvia risonhamente contar as partidas dos pretinhos. E ambos olhavam para a tribuna real, onde entre as moças camareiras da Rainha, Guiomareta, que «nunca tinha o rosto quedo» e D. Isabel Cardoso a

dos arrebiques, reprimiam a custo as gargalhadas ao desfrutarem as peloticas dos acrobatas senegalenses.

Entretanto, elles, os que acompanhavam Bemohim, não paravam nos exercicios.

O moço da escrevaninha de El-Rei, na sua chronica, descrevendo essa funçanata termina:

«Corriam á carreira em pé, e em pé, correndo a cavallo se viravam e abaixavam e tornavam a levantar. E correndo o cavallo, com as mãos no arção saltavam da sella no chão e tornavam a saltar em cima, e correndo o cavallo lhe punham ovos e pedras pequenas na carreira, e de cima dos cavallos os iam tomando.»

El-Rei D. João II, conforme affirma Garcia de Rezende, apreciou grandemente «estas desenvolturas a cavallo e a pé» obrigando-os a repetil-as.

Não é isso para espantar pois o Rei de Portugal, «Cavalleiro do Cysne», e representador elle proprio de momos, não só prezava a nobre arte da equitação, como lhe agradavam as evoluções e cabriolas executadas pelos cavalleiros de gineta, habeis, como parece que eram os seus hospedes.

Em retribuição a estas diversões proporciona El-Rei á Côrte negra «festas, touros, cannas e serões, com momos e dansas, e para as ver teve Bemohim cadeira no topo da sala defronte de El-Rei em que estava assentado».

Terminadas as cavalhadas e as festas de recepção, os pretos foram instruidos nos mysterios da Religião, e realizou-se o baptismo, solemnemente administrado aos tres de novembro pelas duas horas da madrugada em casa da Rainha. Foi

o Bispo de Ceuta quem baptisou Bemohim dando-lhe o nome de «João» «por amor de El-Rei».

Além de o fazer christão e de o abastecer com muitas dadivas, D. João II armou-o cavalleiro e deu-lhe por armas: «uma cruz dourada em campo vermelho, e as quinas de Portugal na bordadura.

O regulo prestou homenagem a El-Rei, e simultaneamente escreveu ao Papa em latim contando a sua historia, e a sua conversão.

Parecia estar christianizado até ao fundo do coração, e, embora a cor da pele fosse negra como azeviche, dava mostras de que a alma estava mais branca do que a consciencia de um justo.

Estaria?

Assim o acreditou D. João II. E nesse sentido determinou despedil-o, mandando-o para a sua terra com muitos presentes, e vinte caravellas das quaes deu o commando a Pero Vaz da Cunha.

Levava este por mandado fazer na entrada do Senegal uma fortaleza. Para a construcção della enviou muitas pedras e madeiras lavradas e para ordenança moral muitos clerigos, á frente dos quais ia o mestre Alvaro, Pregador de El Rei, da ordem de S. Domingos.

*

* *

Lá vae a frota com boa monção, levando tudo quanto é necessario para firmar o poderio portuguez!

Era de ver a submissão do novo subdito do Rêi de Portugal, quando á saida se desfazia em salamaleques humildes! E durante a longa viagem repetia com apparente sinceridade demonstrações de dedicação ao seu Suzerano, a quem prestára obediencia, e a quem de corpo e alma se considerava entregue.

Mas, ao arribar a esquadra, e quando entrava no rio, deu-se uma tragedia que as palavras dos chronistas deixam envolta nebulosamente n'um mysterio que nos trazia o espirito suspenso. Diz Ruy de Pina, e Rezende, copiando-o, repete o mesmo: «Pero Vaz por tomar contra Bemoym suspeitas desleaes e de traiçam, ou mais verdadeiramente com desejo que tinha de se tornar para o Reyno, matou o dito Bemoym a ferro, e se tornou logo, a este Reyno, de que El Rey estando em Tavilla, ficou muito anojado, e soffreu esta culpa a Pero Vaz por nom dar a elle grave pena, e a outros muitos que por o mesmo caso a mereciam...»

Causa extranheza que um cavalleiro portuguez, ou por uma simples suspeita ou por desejo de voltar sem demora a Portugal, desatasse ás punhaladas a um alliado do seu Soberano, que lhe fôra confiado para levar á terra patria. Além de crueldade, seria covardia.

E não causa menos extranheza a bonancheirice de D. João II que, apesar de contrariado com o procedimento do seu capitão, põe uma pedra sobre o caso, e não castiga ninguem. Elle que não perdoava nunca a quem lhe desobedecesse!

Quando tratei d'este caso a paginas 148 da «Rainha D. Leonor», fiz notar que não estava na indole do monarcha representar o papel de passa-culpas, e que não estava completamente esclarecido o caso.

As minhas duvidas encontraram écho no espirito do meu parente e amigo, o Conde das Alcaçovas, que me escreveu uma carta donde destaco os seguintes periodos: «Incluso remetto cópia do que encontrei num dos preciosos livros de miquinhentos e tanto, escriptos e illuminados pela mão de Braz Pereira Brandão. Noto o engano de reportar o caso ao tempo de D. Manoel em vez de D. João II, como se vê pelas chronicas, mas acho curioso que não faça referencia alguma ao facto de Pero Vaz da Cunha ter morto a punhaladas e á traição o Principe Jalofo. Custa-me tanto a convencer do acto desleal e impolitico practicado pelo tal capitão da Armada, que me abalanço a julgar que o proceder de El Rei significa que tal acto e traição não foram practicados pelo dito capitão, e que todo o mysterio está sómente em que o pretalhão, depois de se apanhar servido, e saudoso da tanga, como se deprehende do que vem escripto por Braz Pereira Brandão, deixou a religião de Christo e atirou com os pratos á cara do u bemfeitor, de sorte que El-Rei nunca mais d'elle se fiou».

O Conde das Alcaçovas levou a gentileza a ponto de copiar a pagina illuminada do seu precioso codice, com o re ¿

pectivo brazão. O livro é todo curiosissimo, e ainda espero referir-me a elle com mais vagar, pois tem um valor approximado ao do Armeiro-Mór.

E' um monumento e um documento pittoresco que o seu proprietario actual herdou dos antepassados, e que conserva com amor.

O capitulo que se refere a este episodio, e que não transcrevo na integra, porque excederia os limites deste artigo, e enfadaria o leitor, tem comtudo interesse, como muito bem nota o Conde das Alcaçovas. Abre-nos uma fresta que póde fornecer uma conjectura favoravel á memoria de Pero Vaz. Nunca é tarde de mais para tentar lavar a mancha com que a suspeita enodoou o seu nome.

O manuscripto é encimado pelo brazão a côres em que fallam os chronistas e já atraz citámos. Em seguida, numa calligraphia cuidada, conta em breves periodos a vinda, a Portugal do Rei dos Jalofos e refere-se á terra africana dizendo: «Grande Reino, em terra como em gente, confina com os Moros de Castelo D'Argim e sam muito valentes de suas pessoas...» etc.

Comette o erro de attribuir a vinda do Rei expulso ao tempo de D. Manoel; mas no resto é conforme aos dizeres dos chronistas, excepto no desfecho que, segundo vimos, é diverso.

Diz o manuscripto que o regresso do Jalofo á sua patria foi motivado por haver terminado a guerra com os mouros seus visinhos em Africa, e ter-se enfadado de andar vestido como christão... e «outras coisas». Quaes sejam estas «ou-

tras coisas» não explica Braz Pereira Brandão. Mas basta esta nostalgia da nudez africana para nos elucidar sobre a apostasia. O manuscripto termina dizendo: «Não permaneceu nesta santa obra e perdeu a si e alguns dos seus que eram já muito bons christãos, e alguns negros se vieram a este Reyno, a que El Rey mandou ensinar e lhes fez mercê, e nunca mais se El Rei fiou delle».

Vê-se portanto que um contemporaneo, escrevendo pouco depois dos acontecimentos, attribue as culpas principalmente ao Rei Negro, o qual parece ter continuado a reinar, visto que D. João II «nunca mais se fiou nelle».

Será esta a verdadeira versão? E n'esse caso terão de ser modificados os capitulos de Ruy de Pina e de Garcia de Rezende?

Ou será Braz Pereira Brandão quem confunde os factos, aliás sem espirito de contradicção?

Aqui fica posto o problema.

E como, louvado Deus, em Portugal e no Brazil, não faltam investigadores dos mais talentosos, e eruditos dos mais profundos, tenho esperança de que este meu «baguito de historia», atirado a terra tão fertil, fructifique, e venha a dar uma rectificação ás affirmações dos chronistas, e uma lavagem no nome de Pero Vaz da Cunha, que eu não sei quem fôsse, mas que ficou com bem mofina fama. Coitado!

IV

Um Livro Notavel

Carta a Lucio de Azevedo sobre a «Historia dos Christãos Novos Portuguezes»

Santo Amaro — Agosto, 1922.

Meu Ex.mo Amigo.

Antes de sahir de Lisboa para ir a Vidago, na illusão de desopilar o figado, estive em sua casa, com o intuito de lhe agradecer a offerta da «Historia dos Christãos Novos Portuguezes». Mas quiz a sorte mofina que não tivesse a fortuna de o encontrar.

Voltarei.

Entretanto, tomei na mão o precioso volume, valorisado pela desvanecedora dedicatoria, aconcheguei-o sob a axilla esquerda, e abalei para a famosa estancia de aguas alcalinas onde, logo, nas sombras amigas do formoso parque, ou nos inconfortaveis cubiculos a que no pomposo «Palace-Hotel» chamam quartos, li o seu importante trabalho.

Fez-me excelente companhia durante as horas monotonas

da cura; forneceu-me uma magistral lição; e a cada pagina que voltava, a cada capitulo que ia meditando; ou ao terminar os trez livros em que a obra é dividida, crescia em mim o desejo de felicitar o auctor por mais esta manifestação do seu talento e saber.

E' obra de um grande historiador, e vem esclarecer alguns pontos e resolver problemas até aqui tratados com a mesquinhez, ignorancia e facciosismo que caracterizaram as varias escolas, herdeiras do movimento intellectual com que a França desorientou muitas cabeças durante o seculo XIX.

V. ex.ª, com um criterio superior nascido d'um cerebro «que tem dado a volta a todas as Provincias dos Estudos Historicos» soube avaliar personagens, factos e situações sociaes, que teem sido deturpados, embrulhados e apreciados com um sectarismo deploravel.

Com um methodo scientifico e grande segurança no estudo das fontes, v. ex.ª leva a convicção ao espirito dos leitores, ainda os menos doceis.

E com uma linguagem vernacula, á maneira dos nossos melhores classicos, põe a sua obra entre as dos maiores escriptores da nossa lingua.

Seduziu-me logo no seu «Preambulo», que mostra a isempção de preconceitos com que a obra foi escripta, a fórma como nos diz a pagina IX: «Egualmente se achará estranhavel faltarem aqui as triviaes censuras á expulsão dos judeus, e ao proprio estabelecimento da inquisição, bem assim o novo computo das perdas de vidas da gente e cabedaes que Portugal, devido a esses factos, experimentou.»

E' essa serenidade, pondo de parte as «triviaes» exclamações dos escriptores precedentes, que torna o seu livro uma obra de sciencia, e não um pamphleto pró ou contra os judeus ou seus perseguidores.

Na clara exposição do «antagonismo de raças» está bem posto o espirito da obra, e não deixa v. ex.ª de fazer notar com rara clarividencia que o periodo da decadencia, que tantos attribuem á expulsão, foi, talvez, uma coincidencia fortuita.

E' com egual perspicacia que abre logo o capitulo seguinte, acabando com a lenda da pieguice amorosa de El-Rei D. Manoel. Até aqui os historiadores ou criticos collocavam o «Venturoso» n'uma obediencia passiva às imposições da noiva, suggestionada pelos reis catholicos; e attribuiam ao Rei de Portugal, e só a elle, a responsabilidade da cruel resolução. Além de sinistro, ficou ridiculo na Historia, o pobre Rei!

Houve já quem contribuisse, e d'esse movimento reclamo em meu favor uma parte, para demonstrar que D. Manoel submettendo o caso ao seu conselho e deliberando conforme a opinião d'elle, e o sentir do povo, não era apenas um joguete nas mãos de Fernando e Isabel era um verdadeiro Rei.

V. ex.ª avançou mais, demonstrando «que a expulsão dos judeus no tempo de D. Manoel tem sido tratada até hoje quasi unicamente sob o ponto de vista sentimental. O aspecto social e politico da questão ficou de parte, e ao fanatismo dos Principes, ao fanatismo do povo, exclusivamente se attribue um acontecimento de que o sentimento religioso não foi, decerto, o mais importante factor.»

Mais adiante faz apparecer o lado economico da questão que a maior parte só encarára ao sabor da sua paixão. Pondo as coisas a direito, diz v. ex.ª: «Pelo lado economico tem-se observado a falta que o judeu fez ou se presume ter feito á nação; sem que, todavia, ninguem estudasse ainda o papel que, como creador de riqueza, esse elemento representou. Dada a coincidencia, que se não deve perder a vista, dos dois seguintes factos: o affastamento de uma parte, se bem que diminuta, da população hebraica, e o apparecer dos primeiros symptomas de decomposição da nacionalidade; não falta quem, entre elles, estabeleça relação de causa e effeito, e considere o segundo consequencia inevitavel do precedente.»

Desfaz tambem com boa logica a atoarda de que os judeus foram enriquecer com os seus capitaes os paizes onde se acolheram, e demonstra como muito antes que fossem expulsos os israelitas da Peninsula, já as praças de Flandres e Hollanda estavam em grande florescencia. Estará, pois, (como v. ex.ª bem faz notar), mais em harmonia com a realidade dizer-se que os judeus escolheram para refugio a Hollanda, por ser paiz opulento, do que sustentar que proveiu delles essa opulencia.

E' assim, com uma grande simplicidade, que ficam explicados, pelo lado economico e social, alguns factos que até hoje têm sido explorados para excitar o animo ingenuo da maioria dos leitores; que, á semelhança dos auditorios dos comicios anti-religiosos, se deixam arrastar pelo odio á Egreja, e attribuem ao christianismo a maioria das desgraças que assolam a humanidade!

*

* *

Os cinco capitulos do primeiro livro, que v. ex.ª intitulou «As origens», preparam bem o espirito de quem lê para a parte em que faz propriamente a historia resumida da «Perseguição».

Antes de proseguir, permitta-me v. ex.ª notar que não estou fazendo critica do seu livro, pois para isso me escasseiam recursos scientificos. Estou apenas dando-lhe conta de uma parte das impressões que, à proporção que ia lendo, me assaltavam e provocavam um intimo applauso. E, posta esta minha prevenção, continuarei com as reflexões que o livro me suggeriu.

A historia da «Perseguição», curiosa por mais de um titulo, póde resumir-se na maneira como a Egreja e o poder civil exploravam o judeu e lhe extorquiam dinheiro; e, como este se defendia, pagando sommas fabulosas, intrigando, e vingando-se conforme podia.

Desde o reinado de D. Manoel até á administração pombalina, v. ex.ª vae, com um bisturi seguro, escalpelando o organismo da nossa sociedade com uma agudeza que se impõe, fazendo justiça, não só aos intuitos de alguns perseguidores, como tambem á raça perseguida, a cujas qualidades ninguem, com dois dedos de intelligencia, póde negar um alto valor. Se fizeram muitas agiotagens, e dessa pecha não se livram, contribuiram e contribuem ainda para o movinto scientifico da humanidade, unico elemento do «Pro-

gresso» em que se póde acreditar; porque os palavrões de «Liberdade», «Egualdade», «Fraternidade», «Civilização» e outros taes, já fizeram o seu tempo e, como velhos «dominós» de um armazem de mascaras, já não servem senão para illudir papalvos.

E' muito elucidativa a parte em que na sua obra se encontram apontadas as personalidades judaicas refugiadas que, por varios titulos, figuraram nas letras, nas sciencias e nas artes; desde Samuel Usque, auctor da «Consolação das tribulações de Israel»; do seu irmão, dono da typographia de onde saiu a famosa «Biblia de Ferrara», em hespanhol, obra tão bella que Leping dizia valer a pena aprender castelhano somente para a ler; de José Nassi, famosissimo, «uma das figuras lendarias da nova Diaspora, e o mais acabado typo de aventureiro feliz, com uma scentelha de genio que a sua raça tem produzido, e que, com outros hebreus saidos da Peninsula, requereu á Republica de Veneza a cessão de uma das ilhas no Oriente para constituir uma especie de Estado autonomo; de Isaac Pinto, que pertencia aos israelitas de Bordéos, onde florescia a aristocracia da raça, autor da famosa apologia da nação judaica; de Rodrigues Pereira, antecessor do padre d'Épée no ensino de surdos-mudos; dos que em Hollanda se refugiam e deram productos notaveis; dos que passaram a Inglaterra, onde «se teceu a lenda da formosa judia Maria Nunes que Izabel, de Inglaterra, passeiou em Londres e pretendeu fixar na sua Côrte», de tantos outros, cuja lista, por ser muito extensa, não cabe nos limites desta carta.

Como estamos a conversar entre amigos, permitta-me que o felicite por ter produzido uma obra de Historia que vem prolongar, modificando-a profundamente, a de Alexandre Herculano, escripta ha perto de setenta annos.

Abro um parenthesis para lhe dizer que eu sou dos que mais respeitam o Mestre de nós todos. Não só em criança, e por mão de meu pae, entrei muita vez na Thebaida da Ajuda, e me costumei a veneral-o em pessoa, com o seu aspecto fradesco, a sua cicatriz cortando a comissura da bocca, a sua gravata de setim negro em voltas á roda do pescoço, sentado á mesa, de saia de baeta vermelha, com o tinteiro de metal onde se espetavam as pennas de pato suas favoritas; mas tambem pela vida adiante li os seus livros, admirei esse monumento onde aprendi... muito do que, infelizmente, já tenho esquecido.

Ora, de toda a sua bibliographia, o trabalho que mais me interessa, talvez como processo scientifico, mas que nem sempre me agrada, pelo seu espirito, pelo seu sentido, e pelo seu alcance, é a «Historia da Origem e Estabelecimento da Inquisição em Portugal».

Parece uma anomalia ou talvez um disparate o que estou dizendo. Mas é que involuntariamente faço distincção entre o magistral tratado historico, que, pela sua factura, ensina como se deve investigar, para depois escrever, e o calor ardente da alma do fogoso pensador.

O incendio acceso pelo facho do christão liberal no rostolho das ideias historicas, ainda hoje nos queima a pelle da alma, porque ainda agora os factos por elle trazidos á luz

cheiram à resina, ao alcatrão, e ao fumo das fogueiras onde foram queimadas algumas centenas de judeus.

Esta parte da obra do grande escriptor se é palpitante e faz vibrar os leitores, por isso mesmo é menos... (deixe-me exprimir assim) scientifica.

Não me vão accusar de iconoclasta. Ninguem menos do que eu quer apear do altar nacional em que o collocámos todos, o fundador da nossa Historia. O que desejo é signifi car que a sua alma de poeta prejudicou o espirito do historiador.

Ao contrario disso, e com vantagem, na «Historia dos Christãos Novos Portuguezes» os factos são apresentados á luz de um criterio scientifico e isento de paixão.

Assim, por exemplo, a explicação de ter-se attribuido «a natural depreciação da moeda a manejos dos judeus, e de os accusar de detentores de todo o commercio», e dos contratos por elles realizados serem causa da miseria nacional, é clara e maravilhosa como uma demonstração mathematica ou como uma dissertação eloquente.

Ao lel-a, a gente pensa mais uma vez que sempre houve «novos ricos»; que sempre o povo se sentiu explorado e se revoltou contra os chamados açambarcadores, detentores, e financeiros. E' eterna a sanha da «cigarra» que vae cantando, mandriando, ou reclamando menos horas de trabalho, e a «formiga», que laboriosamente amontôa, defendendo o seu peculio, que as «cigarras» de todos os tempos lhe confiscam.

Inquisidores — monsenhores — ministros — aventureiros

e até os actuaes «bolchevistas» são outras tantas cigarras de olho arregalado na ancia de se atirarem ao thesouro das formigas.

A differença da hora actual é que as formigas tratam de se defender... com cantigas e processos extremistas. A humanidade é sempre a mesma, as taboletas é que variam.

Desculpe-me V. Ex.ª entrar nestas divagações. Estou vendo que da leitura das formosas paginas do seu livro ia deixando descambar o meu animo talvez intoxicado pela bilis de um figado rebelde, ou pelos venenos aspirados no ambiente em que vivemos, para um campo de considerações melancholicas de que nos devemos preservar. Preservar? E' o que faço com o auxilio de bons mestres e leituras sãs, como a que me deu o seu livro, do qual tirei, além de bom ensinamento, noticias curiosas e factos que eu desconhecia; porque a minha ignorancia é cada vez mais vasta.

Surprehendeu-me, por exemplo, aquella especie de estatistica que vem á pag. 337, mandada fazer em 1732 «por alguem dos governantes, acaso o proprio Rei», e que Salvador Soares Cotrim formulou para se reconhecer em resumo a obra do Santo Officio.

Segundo se apurou, desde 1536 áquelle anno, foram penitenciadas 23:068 pessoas e sentenciadas á morte 1.454. Tendo de se abater os casos extranhos ao judaismo foram uns 1.400 para o espaço de duzentos annos. E' muito. Porque um marrano torrado já é de mais para vergonha da humanidade. Mas a somma está longe dos «muitos milhares»

de victimas que os declamadores atiram para as costas da Inquisição.

A Inquisição tem costas largas. Póde com isso e muito mais a monstruosa instituição! Mas, como acontece com todos os institutos humanos, teve sempre quem a exaltasse e defendesse. O povo não lhe era hostil. Pelo contrario. Até quando em 1682 houve Auto Grande em Lisboa, «dando-se ao caso ostentação mais que usual, o Inquisidor Geral, montado em cavallo branco, o que se teve por novidade, captou a admiração popular, caminhando para o Terreiro do Paço, logar do Auto».

Até mesmo Ribeiro Sanches, christão novo, que se expatriára, reconhece, conforme V. Ex.ª indica (pagina 340) «piedade nos inquisidores».

E recentemente, já vi algures esboçar-se uma apologia do tremendo tribunal, allegando que a sua acção foi politicamente benefica, pois evitou na Peninsula as «guerras de religião», que levariam muitas mais vidas que as das pessoas queimadas em Hespanha e Portugal... Modos de ver! Sobretudo, de quem já não está arriscado a uma denuncia, e a ir parar com os ossos aos carceres, onde o proprio Antonio Vieira passou annos!

Esta carta já vae muito longa, não para o muito que a minha admiração me dicta, mas para a paciencia de V. Ex.ª, que tem limites.

Ponho, portanto, ponto, attendendo a esta, sem diminuir aquella.

«Vive valeque.»

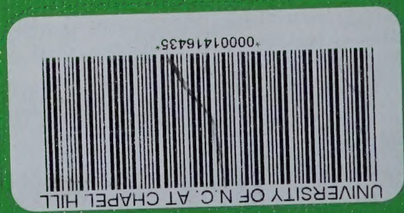
Sabugosa.

INDICE

Bôbos na Côrte

Bagos de Historia




00014164135
UNIVERSITY OF N.C. AT CHAPEL HILL